



Fábio Wiggers

Moluscos gastrópodes da plataforma continental externa e talude continental ao largo da Laguna dos Patos – Rio Grande do Sul, Brasil

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Biologia Animal, Instituto de Biociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Biologia Animal.

Área de Concentração: Invertebrados Aquáticos
Linha de pesquisa: Malacologia
Orientador: Profa. Dra. Inga Ludmila Veitenheimer Mendes

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Porto Alegre

2003

Moluscos gastrópodes da plataforma continental externa e talude continental ao largo da Laguna dos Patos – Rio Grande do Sul, Brasil

Fabio Wiggers

Aprovada em __/__/____

Banca Examinadora:

Dra. Aimê Rachel Magenta Magalhães

Dr. Ricardo Silva Absalão

Dr. João Carlos Coimbra

“Alguns naturalistas eminentes publicaram recentemente sua opinião de que um grande número de espécies assim consideradas, em cada gênero, não são verdadeiras, mas que de outras espécies são reais, isto é, foram independentemente criadas. Parece-me uma estranha conclusão. Admitem que como criações especiais e que possuem todas as feições características de verdadeiras espécies, foram produzidas por variação, mas recusam-se a estender esse ponto de vista a outras formas levemente diferentes. Contudo, não têm intenção de definir, ou mesmo de conjecturar a respeito de quais são as formas criadas e quais as que foram produzidas por leis secundárias. Admitem a variação com *vera causa* em um caso e arbitrariamente a rejeitam em outro, sem definir nenhuma distinção nos dois casos. Chegará o dia em que isto será citado como um exemplo curioso da cegueira do preconceito.”

Darwin, C. 1882. *A origem das espécies* p. 218

À minha família,

Sumário:

Agradecimentos	v
Lista de figuras	vi
Resumo	ix
Introdução.....	1
O programa REVIZEE	1
A plataforma continental externa e talude continental	2
Os Gastropoda da plataforma externa e talude continental	2
Objetivos	5
Material e Métodos	6
Área de estudo e coleta	6
Triagem e identificação	6
Resultados	11
Capítulo I – Gastrópodes Atuais da Plataforma Continental Externa e Talude Continental ao largo de Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil.	11
Capítulo II – Caracterização dos Gastropoda registrados para a plataforma continental externa e talude continental ao largo de Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil.	25
Discussão geral	117
Distribuição geográfica	117
Distribuição batimétrica	119
Referências bibliográficas	122
Anexo 1 – Ilustrações	127

AGRADECIMENTOS

É chegada a hora de olhar para trás e ver os obstáculos vencidos. Necessário é, agradecer àqueles que, da sua forma, contribuíram para que chegássemos até aqui. Meus agradecimentos:

À minha família: minhas irmãs Raquel e Karina, meu irmão Renato, minhas sobrinhas Natacha e Diana e em especial meu tio Alfredo e minha mãe, Maria Emília, pelo que fizeram para que eu pudesse estar aqui;

À minha noiva Andrea, pelo carinho e companheirismo;

Aos meus sogros e cunhados que apesar de não entenderem o que eu faço, nunca fizeram perguntas que me deixassem encabulado;

À Inga, minha orientadora pela atenção, conselhos e encaminhamentos;

Aos colegas de laboratório Pimpão, Demetrius, Jaqueline, Cristina, Raquel e Mônica por não sabotarem meu trabalho e por deixarem as janelas fechadas enquanto a triagem e identificação estavam sendo feitas, de modo que nenhuma concha foi levada pelo vento;

Ao Harry, pelas discussões na fila do RU;

À Iara S. Calvo, curadora do Museu Oceanográfico de Rio Grande e José C. Tarasconi pelo acesso a bibliografia e coleções para comparação de espécimens;

À coordenação do curso pela receptividade e à Capes pela bolsa de mestrado;

A todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho.

Lista de Figuras

- Figura 1 – Detalhe da costa sul-brasileira com a distribuição das radiais do programa REVIZEE-sul e indicação (←) da radial 45 – área de estudo. 9
- Figura 2 – Esquema de uma concha de gastrópode observada em vista ventral, enquadrada em um retângulo para a obtenção das medidas de largura (A-B) e comprimento (B-C), segundo PARODIZ (1951) 10
- Figura 3 – Esquema de uma concha de gastrópode observada a partir do ápice, enquadrada em sistema cartesiano para a contagem das voltas da protoconcha e da teleoconcha, conforme ANDREWS (1977). 10
- Figuras 4 – 19. 4 - 6) Pseudococculinideo. 4) Vista ventral. 5) Vista Dorsal. 6) Vista lateral. 7 - 8) *Brookula conica* (Watson, 1886). 7) Vista dorsal. 8) Vista da base. 9) *Calliostoma echinatum* Dall, 1881 em vista ventral. 10) *Calliostoma jucundum* (Gould, 1849) em vista ventral. 11) *Halistylus columna* (Dall, 1890) em vista ventral. 12 - 13) *Solariella carvalhoi* Lopes & Cardoso, 1958. 12) vista ventral. 13) vista dorsal. 14-15) *Arene microforis* (Dall, 1889). 14) Vista dorsal. 15) Vista ventral. 16) *Heleobia australis* (Orbigny, 1835). 17-18) *Alvania* sp. 17) Vista ventral. 18) Detalhe da protoconcha. 19) *Barleeia rubrooperculata* (Castellanos, 1972) em vista ventral; escalas correspondem a 1 mm. 127
- Figuras 20-37. 20) *Caecum achironum* (Folin, 1867) em vista lateral. 21-22) *Caecum massambabensis* Absalão 1994, 21) Vista lateral. 22) Detalhe do mucro. 23) *Caecum* sp. em vista lateral. 24) *Turritella hookeri* Reeve, 1849 em vista ventral. 25-26) *Crepidula aculeata* (Gmelin, 1791) 25) Vista dorsal. 26) Vista ventral. 27-28) *Crepidula plana* Say, 1822. 27) Vista dorsal. 28) Vista ventral. 29) *Atlanta peroni* Lesueur, 1817 em vista lateral. 30-31) *Natica* aff. *isabelleana* Orbigny, 1840. 30) Vista dorsal. 31) Vista ventral. 32-33) *Natica pusilla* Say, 1822. 32) Vista ventral 33) Vista dorsal. 34-35) *Natica* sp. 34) Vista ventral. 35) Vista dorsal. 36) *Polinices lacteus* (Guilding, 1833-4) em vista ventral. 37) juvenil de *Tonna* sp. em vista ventral; escalas correspondem a 1 mm. 128
- Figuras 38-55. 38-39) *Cymathium* aff. *parthenopeum* (Von Salis, 1973). 38) Vista ventral 39) Vista dorsal. 40) *Cerithiopsis* sp. em vista ventral. 41) *Triphora* sp. em vista ventral. 42) *Epitonium* aff. *albidum* (Orbigny, 1842) em vista ventral. 43) *Epitonium* aff. *tenuistriatum* (Orbigny, 1840) em vista ventral. 44) *Epitonium* aff. *unifasciatum* (Sowerby, 1844) em vista ventral. 45) *Cylindriscala andrewsii* (Verrill, 1882) em vista ventral. 46) *Eulima* aff. *hypsela* Verrill & Bush, 1900 em vista ventral. 47) *Eulima mulata* Rios & Absalão 1990 em vista ventral. 48) *Melanella conoidea* (Kurtz & Stimpson, 1851) em vista ventral. 49) *Niso aeglees* Bush, 1885 em vista ventral. 50-51) *Trachipollia turricula* (von Maltzan, 1884) 50) Detalhe da protoconcha 51) Vista ventral. 52) *Siphonochelus riosi* (Bertsch & D'Attilio, 1980) em vista ventral e dorsal. 53) *Latiaxis dalli* Emerson & D'Attilio, 1965 em vista ventral. 54) *Amphissa acuminata* (E.A. Smith, 1915) em vista ventral. 55) *Amphissa cancellata* (Castellanos, 1979) em vista ventral; escalas correspondem a 1 mm. 129

Figuras 56-76 56) *Anachis aff. sparsa* (Reeve, 1859) em vista ventral. 57) *Buccinulum agnesia* (Strebel, 1905) (?) em vistas ventral e dorsal. 58) *Nassarius scissuratus* (Dall, 1889) em vista ventral. 59) *Ancilla dimidiata* (Sowerby, 1850) em vista ventral. 60) *Olivella formicacorsii* Klappenbach, 1962 em vista ventral. 61) *Olivella orejasmirandai* Klappenbach, 1986 em vista ventral e dorsal 62-63) *Dentimargo janeiroensis* (E.A. Smith, 1915) 62) Vista ventral. 63) Detalhe da abertura. 64-65) *Granulina ovuliformis* (Orbigny, 1841). 64) Vista ventral. 65) Vista dorsal. 66) *Prunum martini* (Petit, 1853) em vista ventral. 67-68) *Mitra larranagai* (Carcelles, 1947) 67) Vista ventral. 68) Detalhe da abertura. 69) *Axelella aff. brasiliensis* Verhecken, 1991 em vista ventral. 70) *Conus clerii* Reeve, 1844 em vista ventral. 71) *Brachytoma rioensis* (E.A. Smith, 1915) em vista ventral 72-73) *Drilliola loprestiana* (Calcara, 1841) 72) Vista ventral. 73) Detalhe da protoconcha. 74-75) *Spirotropis aff. lithocolleta* (Watson, 1881). 74) Vista ventral 75) Detalhe da sutura. 76) *Spirotropis stirophora* (Watson, 1881) em vista ventral; escalas correspondem a 1 mm.

130

Figuras 77-98. 77) *Splendrillia carolinae* (Bartsch, 1934) em vista ventral. 78) *Fusiturricula lavinoides limoensis* (Olsson, 1922) em vista ventral. 79) *Compsodrillia gundlachi* (Dall & Simpson, 1901) em vista ventral. 80) *Mitrolumna biplicata* (Dall, 1889) em vista ventral. 81-82) *Nannodiella vespuciana* (Orbigny, 1842) 1) Vista ventral 82) Detalhe da protoconcha. 83-84) *Ithythythara lanceolata* (C.B. Adams, 1850) 83) Vista ventral 84) Detalhe da protoconcha. 85-86) *Kurtziella serga* (Dall, 1881) 85) Vista ventral. 86) Detalhe da protoconcha. 87) *Daphnella retifera* Dall, 1889 em vista ventral. 88) *Pleurotomella aguayoi* (Carcelles, 1953) em vista ventral. 89) *Pleurotomella cala* (Watson, 1886) em vista ventral. 90-91) *Veprecula morra* (Dall, 1881) 90) vista ventral 91) Detalhe da protoconcha. 92) *Terebra aff. brasiliensis* E.A. Smith, 1873 em vista ventral. 93-95) *Acutitectonia* sp. (?) 93) Vista do ápice. 94) Vista da base. 95) vista ventral. 96-98) *Heliacus bissulcatus* Orbigny, 1842. 96) Vista da base 97) Vista do ápice 98) Vista ventral; escalas correspondem a 1mm.

131

Figuras 99-123. 99-100) *Pseudomalaxis nobilis* (Verrill, 1885). 99) Vista do ápice. 100) Vista ventral. 101-102) *Mathilda aff. scitula* Dall, 1889. 101) Vista ventral 102) Detalhe da protoconcha 103) *Chrysallida* sp. em vista ventral. 104) *Odostomia* sp. em vista ventral. 105-106) *Pyramidella aff. crenulata* (Holmes, 1859) 105) Vista ventral. 106) Detalhe da abertura. 107-108) *Pyramidella* sp. 107) Vista ventral 108) Detalhe da abertura 109) *Turbonilla aff. abrupta* Bush, 1899 em vista ventral. 110-111) *Turbonilla aff. pusilla* (C.B. Adams, 1850) 110) Vista ventral 111) Detalhe da abertura. 112) *Turbonilla* sp1. em vista ventral 113-114) *Turbonilla* sp2. 113) Vista ventral 114) Detalhe da abertura 115-116) *Turbonilla* sp3. 115) Vista ventral 116) Detalhe da abertura 117-118) *Turbonilla* sp4 117) Vista ventral 118) Detalhe da abertura 119-120) *Turbonilla* sp5 119) Detalhe da abertura 120) Vista ventral 121) *Acteon pelecais* Marcus, 1981 122) *Acteon* sp. em vista ventral 123) *Mysouffa cumingii* (A. Adams, 1854) em vista ventral; escalas correspondem a 1 mm.

132

Figuras 124-140. 124) *Acteocina candei* (Orbigny, 1841) em vista ventral. 125) *Cylichna aff. crispula* Watson, 1883 em vista ventral. 126) *Cylichna discus* Watson, 1883 em vista ventral. 127) *Cylichna verrillii* Dall, 1889 em vista ventral. 128) *Scaphander* sp. em vista ventral. 129) *Pyrrunculus caelatus* (Bush, 1885) em vista ventral. 130) *Volvulella persimilis* (Morch, 1875) em vista ventral. 131) *Cavolinia longirostris* (Blainville, 1821) em vista dorsal (superior), lateral (esquerda) e ventral (direita). 132) *Cavolinia inflexa* (Lesuer, 1813) em vista ventral e dorsal. 133-135) *Cavolinia uncinata* (Rang, 1829). 133) Vista dorsal. 134) Vista lateral. 135) Vista ventral. 136) *Clio pyramidata* Linné, 1767 em vista lateral. 137) *Creseis virgula* Rang, 1828 em vista lateral. 138) *Cuverina columnella* (Rang, 1827) 139) *Diacria trispinosa* (Blainville, 1821) em vista ventral. 140) *Styliola subula* (Quoy & Gaimard, 1827) em vista lateral. Escalas correspondem a 1 mm.

RESUMO

Em 1982 o Brasil participa da Convenção das Nações Unidas para o Direito do Mar. Esta convenção dispõe sobre os usos dos espaços marítimos e oceânicos, buscando a utilização racional e a exploração dos recursos do mar. Devido ao escasso conhecimento da região da plataforma externa e talude continental, surge o programa Avaliação do Potencial Sustentável de Recursos Vivos da Zona Econômica Exclusiva – REVIZEE, tanto para a diversificação da exploração pesqueira quanto para a determinação dos limites sustentáveis de captura.

Com base em material coletado em abril de 1998, durante campanha de Bentos concernente ao programa REVIZEE, são fornecidos resultados relativos a Gastropoda encontrados na radial 45, estações hidrográficas 6839 (32°55'70''S - 50°34'60''W), 6840 (33°01'45''S - 50°12'75''W), 6841 (33°00'16''S - 50°22'84''W) e 6842 (32°57'81''S - 50°29'18''W), localizadas ao largo de Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil. Para a avaliação da diversidade bêntica foram utilizados três tipos de amostradores de fundo; Draga de arrasto, Box Corer e Van Veen. Molluscos foram separados dos demais grupos taxonômicos pela equipe do REVIZEE e recebidos pelo laboratório de malacologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O material foi triado sob lupa Zeiss Stemi 2000-C ou Wild M-38. O material foi identificado por comparação com os dados da bibliografia e/ou por comparação com exemplares depositados nas coleções do Museu Oceanográfico Eliézer de Carvalho Rios (MORG) e/ou com a coleção particular do Dr. José Carlos Tarasconi.

São identificados e caracterizados quanto a tamanho, esculturação e área de ocorrência 6.020 exemplares distribuídos em 36 famílias - 80 táxons em nível de espécie, 19 em nível de gênero e 2 em nível de família. A família Turridae é a que apresenta o maior número de táxons com 16 espécies. *Turritella hookeri* Reeve, 1849 é a espécie mais abundante, com 684 exemplares. Registra-se pela primeira vez para o Rio Grande do Sul as seguintes espécies: *Brookula conica* (Watson, 1886), *Calliostoma echinatum* Dall, 1881, *Solariela carvalhoi* Lopes & Cardoso, 1958, *Caecum massambabensis* Absalão, 1994, *Turritella hookeri* Reeve, 1849, *Crepidula plana* Say, 1822, *Natica pusilla* Say, 1822, *Polinices lacteus* (Guilding, 1833), *Eulima mulata* Rios & Absalão, 1990, *Melanella aff. hypsela* (Verrill & Bush, 1900), *Trachipollia turricula* (von Maltzan, 1884), *Anachis sparsa* Reeve, 1859, *Dentimargo janeiroensis* (E. A. Smith, 1915), *Axelella brasiliensis* Verhecken, 1991, *Drilliola loprestiana*

(Calcara, 1841), *Mitrolumna biplicata* (Dall, 1889), *Nannodiella vespuciana* (Orbigny, 1842), *Stenodrillica goundlachi* (Dall & Simpson, 1901), *Terebra brasiliensis* E. A. Smith, 1873 e *Mathilda aff. scitula* Dall, 1889. Novos limites de profundidade são registrados para 29 espécies. Com base na lista de espécies encontradas, se discute sobre o limite das Províncias Caribenha e Patagônica e sobre a influência da Laguna dos Patos no Talude Continental ao largo de Rio Grande.

INTRODUÇÃO

O material biológico utilizado neste trabalho é parte integrante das coletas realizadas pelo projeto Avaliação do Potencial Sustentável de Recursos Vivos da Zona Econômica Exclusiva (REVIZEE) na plataforma continental externa e talude continental da costa brasileira.

O programa REVIZEE

As informações relativas ao programa REVIZEE tem por base IBAMA [ca. 1998].

Em 1982 o Brasil participou da Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar - CNUDM. Em vigor desde 1994, esta convenção dispõe sobre os usos dos espaços marítimos e oceânicos, buscando a utilização racional e a exploração sustentável dos recursos do mar .

O conceito de Zona Econômica Exclusiva (ZEE), introduzido pela convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar, define uma área que se estende desde o limite exterior do mar territorial, de 12 milhas de largura, até 200 milhas náuticas da costa.

Nos limites da ZEE o Brasil possui, de acordo com os artigos 61 e 62 da CNUDM, soberania para a exploração, conservação e gerenciamento dos recursos naturais, vivos ou não vivos, do subsolo, do leito ou pelágicos, além de outras atividades econômicas.

Em contrapartida aos direitos estabelecidos cabe aos países litorâneos fixar os limites de captura dos recursos vivos de modo a assegurar a preservação e a sustentabilidade da exploração destes recursos (CNUDM, art. 61 e 62, apud IBAMA [ca 1998]). A convenção estabelece ainda que o país que não tiver capacidade de realizar as capturas permissíveis, deverá dar a outras nações acesso aos recursos excedentes mediante acordos e tratados.

Para implementar e normatizar a atividade pesqueira na ZEE no Brasil, ainda, é necessário um amplo estudo que permita estabelecer os níveis sustentáveis de captura, assim como o conhecimento dos potenciais pesqueiros presentes na ZEE.

O programa “Avaliação do Potencial Sustentável de Recursos Vivos na Zona Econômica Exclusiva” - REVIZEE - origina-se da necessidade de dispor de um estudo para conhecimento dos recursos vivos presentes na ZEE, tanto para a diversificação da exploração pesqueira nacional, quanto para a determinação dos limites sustentáveis de captura requeridos pela convenção.

Devido à extensão da costa brasileira, o programa REVIZEE é dividido em quatro regiões: Costa Norte, Nordeste, Central e Sul. Cada região é coordenada por um subcomitê regional, que coordena as diferentes áreas de conhecimento do Programa, e está formado por representantes de Universidades, Instituições de Pesquisa e representantes do setor pesqueiro

regional. A unidade do programa, em escala nacional, é garantida pela existência de um comitê executivo, formado por representantes da Comissão Interministerial para Recursos do Mar (CIRM), do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). A coordenação geral do REVIZEE está a cargo do Ministério do Meio Ambiente (MMA), contando com o suporte técnico-científico de um corpo de consultores *ad hoc*.

A atuação do REVIZEE na costa sul abrange a área compreendida entre o cabo de São Tomé e o arroio Chuí, a uma distância de 12 a 200 milhas náuticas da costa. A área total abrangida pelo REVIZEE costa sul é de aproximadamente 700.000 km².

O programa REVIZEE, por suas características, pode ser visto como um dos programas mais amplos e com objetivos mais complexos já desenvolvidos no país, entre aqueles voltados para a conservação e uso sustentável da biodiversidade marinha, determinando um esforço sem precedentes, em termos materiais e de pessoal especializado. O conhecimento da fauna de moluscos da ZEE é apenas uma das faces deste programa.

A plataforma continental externa e talude continental

SUGUIO (1992) define plataforma continental como “zona marginal dos continentes caracterizada por suave declividade (menos de 1:1.000), que se estende da praia até a profundidade máxima de cerca de 180m” e talude continental como “Porção da margem continental com gradiente superior a 1:40, delimitada entre a porção externa da plataforma continental e a o sopé continental”.

A plataforma continental sul atlântica é considerada por MARTINS (1984) e por CORRÊA *et al.* (1996) como estável com baixa taxa de suprimento sedimentar. Segundo MARTINS (1984) a declividade na região ao largo de Rio Grande é de 1 a 2 graus de inclinação. CORRÊA *et al.* (1996) salientam, ainda, que a região a partir de Mostardas em direção ao Chuí, ambos no Rio Grande do Sul, a plataforma é mais ampla e é caracterizada por inúmeros vales, pertencentes a paleodrenagens fluviais, e bancos de areia. Nesta região, segundo MARTINS (1984), a quebra de talude está em torno da isóbata de 170 metros.

Os Gastropoda da plataforma continental externa e talude continental:

Apenas recentemente as regiões mais profundas dos oceanos vêm sendo exploradas (SIMONE 1999) e poucas são as pesquisas realizadas na ZEE que abrangem parte da plataforma

continental e o talude, principalmente na região sul do Brasil. Podemos citar alguns esforços em reconhecer a fauna brasileira com as expedições do “Albatross” (1889) do iate “Annie” (1906), do “Calypso” (1961-1962), da expedição “Walter Herwig” (1966), “GEOMAR X” (1990), e do programa JOPS (1992) (GOMES *et al.* 1991; CASCON *et al.* 1992; GOMES & ABSALÃO 1996). Segundo ABSALÃO & CRUZ (1990) a principal fonte de material biológico da plataforma continental brasileira é a das comissões oceanográficas realizadas pela Diretoria de Hidrografia e Navegação (D.H.N.) do Ministério da Marinha. Estas expedições constituem a base do conhecimento atual da biodiversidade marinha de águas profundas. Porém, de forma geral, estas expedições estão concentradas na região da plataforma e o conhecimento da região do talude é ainda escasso.

Apesar da fascinação do homem pelos moluscos e da sua importância na alimentação, saúde (moluscos são, em alguns casos, vetores de parasitos), como matéria prima (produção de tinta nanquim, por exemplo (STIX *et al.* 1984), na economia atual (como fonte de renda gerada pelos cultivos ou pela exploração dos estoques naturais) e histórica [conchas eram usadas pelos nativos africanos, norte-americanos e outras diversas culturas como moeda (STIX *et al.* 1984; MAGALHÃES 1998)], o nível de conhecimento atual sobre os moluscos é insatisfatório, sendo que a quantidade de pessoas que se dedicaram ao tema é pequena se comparada a outros grupos (SIMONE 1999).

Apesar do relativamente pouco estudo, os moluscos são considerados o grupo de invertebrado do qual se tem melhor conhecimento taxonômico (RUPERT & BARNES 1998). O bom nível de conhecimento do grupo se deve em parte ao bom registro fóssil proporcionado pela concha (ANDREWS 1977) e em parte pelo grande esforço dos colecionadores, principalmente durante a Idade Média, quando conchas de todas as partes do mundo eram levadas à Europa para as coleções dos fidalgos (BUICAN 1995).

O filo Mollusca é o terceiro maior filo animal, superado em número de espécies pelos Insecta e Nematoda (ANDREWS 1977). As cinco principais classes (Gastropoda, Bivalvia, Cephalopoda, Polyplacophora e Scaphopoda) são constituídas por animais predominantemente marinhos, sendo que Bivalvia e Gastropoda possuem representantes que vivem em água doce e apenas Gastropoda possui representantes terrestres. Todas as demais classes de Mollusca são exclusivamente marinhas.

Os gastrópodes marinhos ocupam os mais diversos habitats, podendo ocorrer desde a zona entremarés, o plâncton, até a zona abissal (ABBOTT 1993; SIMONE 1999). São animais

que desenvolveram uma impressionante diversidade de formas e hábitos alimentares, havendo animais carnívoros, herbívoros, parasitos, comedores de detritos, micrófagos, etc.

As informações sobre diversidade de moluscos marinhos brasileiros vêm sendo compilada por RIOS (1970; 1975; 1985; 1994) e constituem uma referência sobre moluscos marinhos do oeste do Atlântico Sul, em especial para o Brasil. RIOS (1994) cita para o Rio Grande do Sul 205 espécies de moluscos gastrópodes, distribuídos em 61 famílias provenientes dos mais diversos ambientes. Entre elas, famílias de interesse comercial como Conoidea, Haliotidae, Xenophoridae e Volutidae.

ABSALÃO (1987) descreve três agrupamentos malacológicos na região da barra da Laguna dos Patos, Rio Grande do Sul, entre as profundidades de 10 e 50 m. Os três grupos denominados por ABSALÃO como Grupo I “*Parvanachis isabellei*, *Macra isabelleana* e *Solen tehuelchus*”, Grupo II “*Olivella puelcha*, *Tellina gibber* e *Cadulus tetraschistus*” e Grupo III “*Nucula puelcha*, *Corbula patagonica* e *Dentalium infractum*” são divididos de acordo com o tipo de sedimento e profundidade em que habitam e dominância ecológica. CAPITOLI (1998b) faz uma descrição geral das espécies de invertebrados encontrados na região da plataforma média ao talude continental, se atendo principalmente aos poliquetos.

Em regiões temperadas, espécies de moluscos têm sido tradicionalmente utilizadas para a caracterização de associações bênticas, o que raramente ocorre em regiões tropicais e subtropicais (GONÇALVES & LANA 1991). MARTINS (1984) afirma que os estudos das conchas contidos nos sedimentos são ferramentas importantes no estudo da dinâmica dos sedimentos marinhos. GONÇALVES & LANA (1991) consideram as conchas como um registro semipermanente das condições ambientais locais, uma vez que muitas espécies são sedentárias e se conservam por longos períodos após a morte do animal. O conhecimento das espécies características de cada tipo de sedimento permite fazer inferências sobre as comunidades de certa região geográfica, quer seja atual, quer seja de tempos passados.

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

- Avaliar a biodiversidade dos moluscos do talude continental sul-brasileiro visando subsidiar ações que garantam a soberania para a exploração, conservação e gerenciamento dos recursos naturais vivos, além de outras atividades econômicas.

OBJETIVO ESPECÍFICO

- Registrar, identificar e caracterizar os moluscos da classe Gastropoda procedentes de amostras de sedimento das estações hidrográficas 6839 (32°55'70''S e 50°34'60''W), 6840 (33°01'45''S e 50°12'75''W), 6841 (33°00'16''S e 50°22'84''W) e 6842 (32°57'81''S e 50°29'18''W), localizadas na Radial 45 do programa REVIZEE na Costa sul-brasileira, resultantes de amostragens realizadas em 04 de abril de 1998.

MATERIAL E MÉTODOS

Área de estudo e coleta

A área de estudo está incluída na pernada sul da campanha de Bentos do Navio Oceanográfico W. Besnard, coordenada pelo prof. Gilberto Griep da Fundação Universidade Rio Grande (FURG), em abril de 1998.

Neste estudo foi dado enfoque à região do Talude Continental ao largo de Rio Grande, barra da Lagoa dos Patos. A área em estudo situa-se ao longo de uma linha radial perpendicular à costa, que se inicia a 12 milhas da costa (limite do mar territorial) e vai até a isóbata de 600 metros de profundidade (limite do talude continental). Ao longo desta Radial (número 45) foram estabelecidas quatro estações hidrográficas (6839, 6840, 6841 e 6842) nas quais amostradores de fundo foram lançados, coletando sedimento. A Figura 1 mostra mapa da costa sul-brasileira com as diferentes radiais estabelecidas pelo programa REVIZEE e localização da radial 45.

Na estação 6839 ($32^{\circ}55'70''S - 50^{\circ}34'60''W$), com 99 metros de profundidade o sedimento, composto de areia fina com material biotrófico, foi coletado utilizando-se draga de arrasto, arrastada por 5 min à velocidade de 2 nós, coletando 10 litros de sedimento; e do amostrador de fundo do tipo Van Veen, com caixa de $0,5\text{ m}^2$, coletando 12 litros de sedimento.

Utilizou-se o Box Corer – caixa de $0,5\text{ m}^2$, sendo metade do volume coletado encaminhado para análise biológica – nas estações 6840 ($33^{\circ}01'45''S - 50^{\circ}12'75''W$), com 600 m de profundidade e sedimento composto por lama compacta; 6841 ($33^{\circ}00'16''S - 50^{\circ}22'84''W$), com 500 m de profundidade e sedimento composto por lama; 6842 ($32^{\circ}57'81''S - 50^{\circ}29'18''W$), com 187m de profundidade e sedimento composto por lama fina de cor uniforme.

Triagem e identificação

O sedimento coletado nas diferentes estações hidrográficas foi lavado a bordo com água marinha através de sistema de peneiras de malha 1,00 e 0,5mm. O material retido nas peneiras foi fixado em formol 4% e, posteriormente em terra, dividido pela equipe do REVIZEE de acordo com os grandes grupos taxonômicos e conservado em etanol 70%.

Moluscos foram recebidos pelo Laboratório de Malacologia do Departamento de Zoologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul ainda em meio ao sedimento. Os gastrópodes foram triados sob lupa Zeiss Stemi 2000–C ou Wild M-38, identificados por comparação com as espécies descritas na bibliografia (RIOS 1994; ABBOTT 1974, descrições originais e/ou revisões de família e gênero) e comparados com a coleção do Museu

Oceanográfico de Eliézer de Carvalho Rios (MORG) e/ou com a coleção particular do colecionador José Carlos Tarasconi¹.

Dois exemplares de Pseudococculinidae foram montados em “stubs” e levados ao Centro de Microscopia Eletrônica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde foram metalizados com ouro 24 quilates no metalizador BAL-TEC SCD050 e as micrografias foram obtidas através do microscópio eletrônica de varredura (MEV), tipo Jeol JSM-5800.

Para cada espécie identificada é fornecida informações sobre o número de voltas da protoconcha e teleoconcha, esculturação e, quando disponível, a referência da descrição original e localidade tipo, com base em MALACOLOG (2002) ou com indicação da referência. As medidas correspondentes ao comprimento (eixo ápice-base) e largura (eixo transversal), a partir do enquadramento da concha em um retângulo, conforme PARODIZ (1951) (Figura 2).

Dados conchiliométricos e conchiliológicos foram obtidos nas seguintes condições:

- 1) lotes com até 10 exemplares, todos os exemplares medidos;
- 2) lotes com mais de 10 exemplares, foram medidos entre 10 e 20 exemplares sorteados de forma a abranger toda a variação de tamanho dos exemplares contidos no lote.

As medições foram obtidas com paquímetro Mitutoyo de 150 mm e precisão de 0.02 mm ou, quando os exemplares eram muito pequenos (com menos de 1 cm) e/ou delicados, lupa Zeiss Stemi 2000 – C, com ocular micrometrada (Objetiva 10X e ocular 10X). Contagem do número de voltas da espira e da protoconcha se basearam em ANDREWS (1977), colocando-se linhas cartesianas como guia e se contando o número de quadrantes a partir do início da protoconcha até a abertura (incluindo-se a volta do corpo) (Figura 3). Fotos das espécies foram registradas com uma câmera digital Nikon Coolpix 995, acoplada à lupa Zeiss Stemi 2000 – C.

Na caracterização das conchas e no texto são utilizadas as seguintes abreviações e siglas:

C	-	comprimento total
L	-	largura total
A	-	altura
NVP	-	número de voltas da protoconcha
NVT	-	número de voltas da teleoconcha
ppm	-	partes por mil
Esc. esp.	-	escultura espiral

¹ O Dr. José Carlos Tarasconi é considerado um dos maiores colecionadores de conchas do Brasil, possuindo a sua coleção grande representatividade da malacofauna brasileira.

Esc. ax.	-	escultura axial.
fms	-	Do inglês Fathom, que equivale a cerca de 20 m
UFSC	-	United States Fish Commission

As dimensões são expressas em milímetros e quando utilizadas outras abreviaturas, estas encontram-se indicadas no próprio texto. São fornecidos para cada espécie: dados de coleta contendo número da estação oceanográfica e coordenadas geográficas, tipo de amostrador e número de exemplares, dados sobre distribuição geográfica e batimetria e discussão específica.

As espécies identificadas e caracterizadas neste trabalho estão incluídas no acervo da coleção científica do Laboratório de Malacologia do Departamento de Zoologia da UFRGS. A sistemática adotada é a de RIOS (1994), com algumas adaptações indicadas no texto.

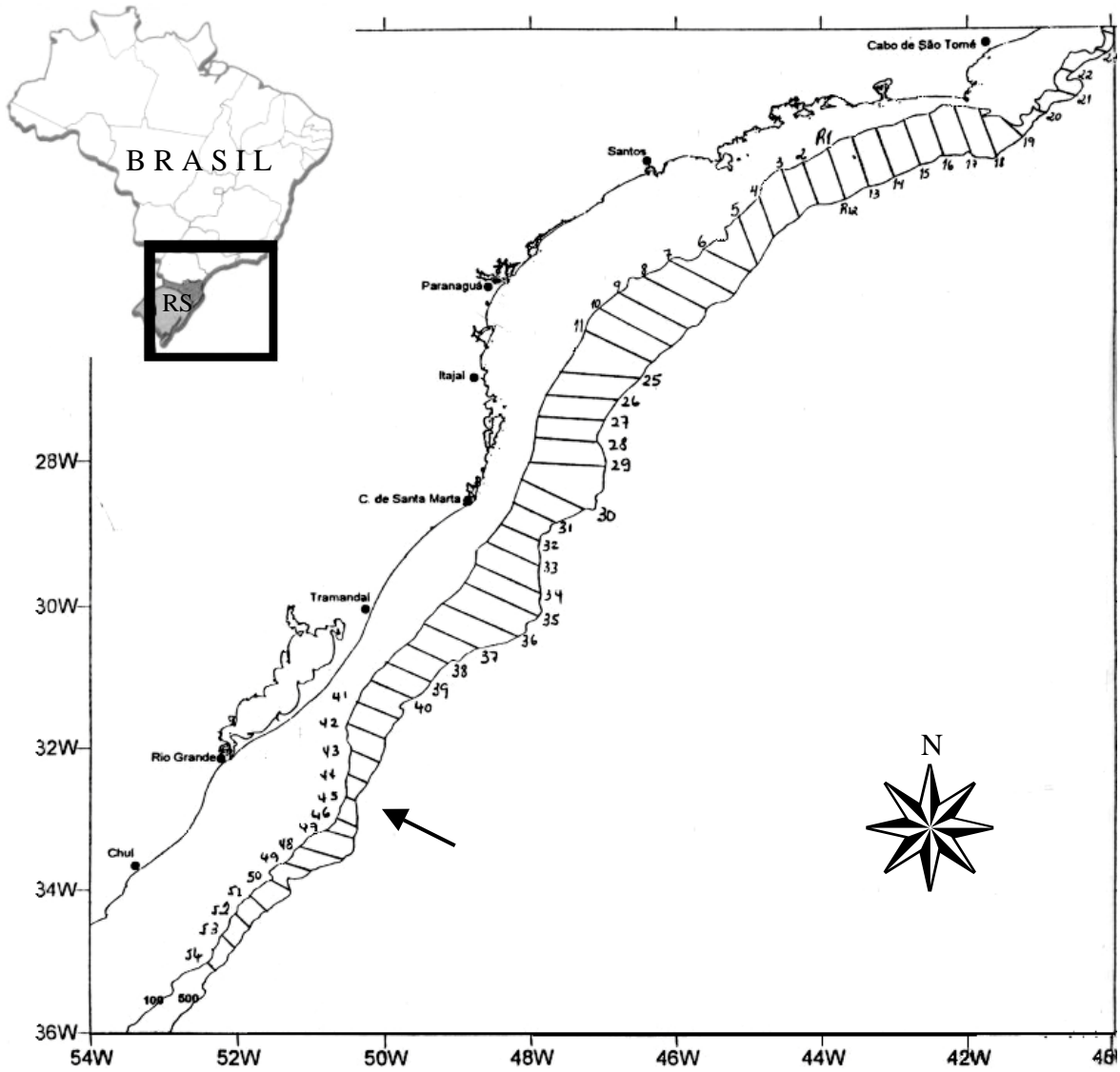


Figura 1 – Detalhe da costa sul-brasileira com a distribuição das radiais do programa REVIZEE-sul e indicação (←) da radial 45 – área de estudo.

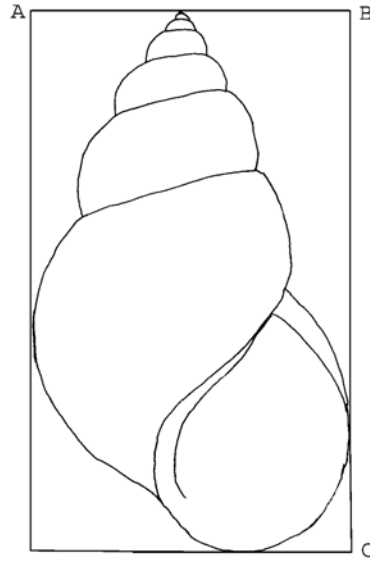


Figura 2 – Esquema de uma concha de gastrópode observada em vista ventral, enquadrada em um retângulo para a obtenção das medidas de largura (A-B) e comprimento (B-C), segundo PARODIZ (1951).

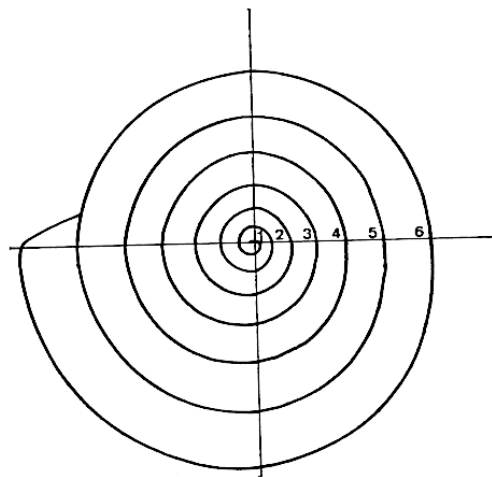


Figura 3 – Esquema de uma concha de gastrópode observada a partir do ápice, enquadrada em sistema cartesiano para a contagem das voltas da protoconcha e da teleoconcha, conforme ANDREWS (1977).

RESULTADOS

Capítulo I – Gastrópodes atuais da plataforma continental externa e talude continental ao Largo de Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil.

O presente capítulo corresponde a parte dos resultados da dissertação organizados sob forma de artigo científico encaminhado em dezembro de 2002 para publicação na Revista Brasileira de Paleontologia. O capítulo encontra-se redigido de acordo com as normas da referida revista, disponíveis em <http://www.ufrgs.br/sbp/NORMAS.htm>.

**GASTRÓPODES ATUAIS DA PLATAFORMA CONTINENTAL
EXTERNA E TALUDE CONTINENTAL AO LARGO DE RIO GRANDE,
RIO GRANDE DO SUL, BRASIL.**

FABIO WIGGERS – fwiggers@yahoo.com

INGA LUDMILA VEITENHEIMER–MENDES – inga.mendes@ufrgs.br

UFRGS, Av. Bento Gonçalves 9500 Prédio 43435, sala 201, 91501-970, Porto Alegre, RS, Brasil.

RESUMO

Com base em material coletado em abril de 1998, durante campanha de Bentos concernente ao Projeto REVIZEE, são fornecidos resultados relativos a Gastropoda encontrados nas estações hidrográficas 6839 (32°55'70''S - 50°34'60''W), 6840 (33°01'45''S - 50°12'75''W), 6841 (33°00'16''S - 50°22'84''W) e 6842 (32°57'81''S - 50°29'18''W), localizadas ao largo de Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil. São identificados 6.008 exemplares distribuídos em 34 famílias - 80 táxons em nível de espécie e 19 em nível de gênero. Registram-se 20 novas ocorrências para o Rio Grande do Sul e 29 novos limites de profundidade.

Palavras-chave: Plataforma continental externa, Talude continental, Novas ocorrências, Gastropoda, Mollusca, Rio Grande do Sul, Brasil.

ABSTRACT

**RECENT GASTROPODS OF THE EXTERNAL CONTINENTAL SHELF AND
CONTINENTAL SLOPE OFF RIO GRANDE, RIO GRANDE DO SUL, BRAZIL**

Based on material collected in April 1998, during the “Bentos” campaign of the REVIZEE project, there are provided results related to the Gastropoda found in the hydrographic stations 6839 (32°55'70''S - 50°34'60''W), 6840 (33°01'45''S - 50°12'75''W), 6841 (33°00'16''S - 50°22'84''W) and 6842 (32°57'81''S - 50°29'18''W), off Rio Grande, Rio Grande do Sul state, Brazil. There are identified 6.008 specimens distributed in 34 families – 80 taxa up to species

level and 19 up to generic level. Also, 20 new occurrences are reported for the Rio Grande do Sul State and 29 new depth limits are stated.

Keywords: External continental shelf, Continental slope, New records, Gastropoda, Mollusca, Rio Grande do Sul State, Brazil.

INTRODUÇÃO

Em 1982 o Brasil participou da Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar - CNUDM. Em vigor desde 1994, esta convenção dispõe sobre os usos dos espaços marítimos e oceânicos, buscando a utilização racional e a exploração sustentável dos recursos do mar (Brasil, [ca 1998]). O programa “Avaliação do Potencial Sustentável de Recursos Vivos na Zona Econômica Exclusiva” – REVIZEE, originou-se da necessidade de dispor do embasamento teórico necessário para conhecer os recursos vivos presentes na Zona Econômica Exclusiva (ZEE), tanto para a diversificação da exploração pesqueira nacional quanto para a determinação dos limites sustentáveis de captura, requeridos pela convenção.

Com relação aos moluscos, poucos são os trabalhos resultantes de levantamento e avaliação destes organismos na parte externa da plataforma continental e no talude, especialmente na região sul do Brasil.

Para o Rio Grande do Sul Absalão (1986) e Rios (1994) são as obras de referência para estudos ecológicos e taxonômicos dos moluscos presentes na plataforma continental do Estado. Rios (1994) cita 204 espécies de moluscos gastrópodes distribuídos em 61 famílias para o Rio Grande do Sul e Absalão (1986) descreve diversos agrupamentos de moluscos ao longo da plataforma continental gaúcha de acordo com o substrato e as espécies ecologicamente dominantes.

Com base em material coletado durante campanha de Bentos concernente ao Projeto REVIZEE são fornecidos resultados relativos a Gastropoda encontrados em estações de amostragens localizadas na região externa da plataforma continental e no talude situados ao largo de Rio Grande, Rio Grande do Sul.

MATERIAL E MÉTODOS

O material de Gastropoda foi obtido na pernada sul da campanha de Bentos do Navio Ocanográfico W. Besnard, coordenada pelo prof. Gilberto Griep da Fundação Universidade Rio Grande (FURG), em abril de 1998.

Área de estudo e métodos de coleta

A área de estudo corresponde à região externa da plataforma e do talude ao largo de Rio Grande, barra da Laguna dos Patos, Rio Grande do Sul (RS), situada ao longo de uma linha (radial) perpendicular à costa que se inicia a 12 milhas da costa (limite do mar territorial) e vai até a isóbata de 600 metros de profundidade. Ao longo desta radial foram distribuídas quatro Estações hidrográficas - 6839, 6840, 6841 e 6842 (Fig.1).

Figura 1 Na estação 6839 ($32^{\circ}55'70''S$ - $50^{\circ}34'60''W$), com 99 metros de profundidade e sedimento composto de areia fina com material biodetrítico, foram utilizadas draga de arrasto - arrasto por 5 minutos a velocidade de 2 nós, coletando-se 10 litros de sedimento; e Van Veen - com caixa de $0,5\text{ m}^2$, coletando-se 12 litros de sedimento.

Utilizou-se o Box Corer – caixa de $0,5\text{ m}^2$ –, sendo metade do volume utilizado para análise biológica, nas estações 6840 ($33^{\circ}01'45''S$ - $50^{\circ}12'75''W$), com 600 m de profundidade e sedimento composto por lama compacta; 6841 ($33^{\circ}00'16''S$ - $50^{\circ}22'84''W$), com 500 m de profundidade e sedimento composto por lama; 6842 ($32^{\circ}57'81''S$ - $50^{\circ}29'18''W$), com 187m de profundidade e sedimento composto por lama fina de cor uniforme.

Triagem e identificação

Uma primeira triagem foi realizada a bordo, lavando o sedimento com água marinha através de peneiras 1,00 e 0,5 mm de malha; a triagem e identificação dos moluscos gastrópodes foi realizada ao estereomicroscópio no laboratório de Malacologia do departamento de Zoologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Para a identificação utilizou-se Rios (1994), Abbot (1974) e exame e comparação com a coleção de moluscos do Museu Oceanográfico Eliézer de Carvalho Rios (MORG). A sistemática adotada é a de Rios (1994). Dados de distribuição são fornecidos com a autorização da “The Academy of Natural Sciences of Philadelphia” – Malacolog 3.1.3 (2002).

O material, representado apenas por conchas, encontra-se incluído na coleção científica do Laboratório de Malacologia do Departamento de Zoologia da UFRGS.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

São identificados 6.008 exemplares distribuídos em 34 famílias, sendo 80 táxons em nível de espécie e 19 em nível de gênero. A família Turridae é a que apresenta o maior número de táxons com 16 spp, sendo *Turritella hookeri* Reeve, 1849, a mais abundante em termos de exemplares - 684 exs (Tabela 1).

Tabela1 Dos 99 táxons identificados, 20 são citados pela primeira vez para o estado do Rio Grande do Sul, constituindo-se no registro mais austral conhecido para as mesmas - *Brookula conica* (Watson, 1886), *Calliostoma echinatum* Dall, 1881, *Solariela carvalhoi* Lopes & Cardoso, 1958, *Caecum massambabensis* Absalão, 1994, *T. hookeri*, *Crepidula plana* Say, 1822, *Natica pusilla* Say, 1822, *Polinices lacteus* (Guilding, 1833), *Eulima mulata* Rios & Absalão, 1990, *Eulima aff. hypsela* (Verrill & Bush, 1900), *Trachipollia turricula* (von Maltzan, 1884), *Anachis sparsa* Reeve, 1859, *Dentimago janeiroensis* (E. A. Smith, 1915), *Axelella brasiliensis*

Verhecken, 1991, *Drilliola loprestiana* (Calcara, 1841), *Mitrolumna biplicata* (Dall, 1889), *Nannodiella vespuciana* (Orbigny, 1842), *Stenodrillia goundlachi* (Dall & Simpson, 1901), *Terebra brasiliensis* E. A. Smith, 1873 e *Mathilda aff. scitula* Dall, 1889. As conchas destes táxons provavelmente correspondam a material autóctone, uma vez que são íntegras e em bom estado de conservação, a exceção dos exemplares de *C. sparsa*. O registro mais austral conhecido até o momento para *C. sparsa* é Santa Catarina, sendo, entretanto, pouco provável que o exemplar e os fragmentos (1 exemplar rolado e 3 fragmentos) examinados tenham sido transportados até a costa sul do RS, devido a longa distância. A possibilidade, no entanto não deve ser prontamente descartada, fazendo-se necessária uma confirmação posterior, com coleta de material em melhor estado e/ou vivo.

Cabe registrar que as conchas das espécies a seguir relacionadas foram coletadas em profundidades superiores as conhecidas até o presente: *S. carvalhoi*, *Heleobia australis* (Orbigny, 1835), *Barleeia rubooperculata* (Castellanos, 1972) na estação 6840, *C. massambabensis*, *T. hookeri* na estação 6840, *Crepidula aculeata* (Gmelin, 1791), *Polinices lacteus* (Guilding, 1833), *Cymathium aff. parthenopeum* (von Salis, 1973), *Epitonium aff. unifasciatum* (Sowerby, 1844), *Epitonium tenuistriatum* (Orbigny, 1939), *E. mulata*, *A. sparsa*, *Ancilla dimidiata* (Sowerby, 1850), *Olivella formicacorsii* Klappenbach, 1962 *D. janeiroensis*, *Granulina ovuliformis* (Orbigny, 1842) *Prunum martini* (Petit, 1853), *Fusiturricula lavinoides* (Olsson, 1922), *Kurziella serga* (Dall, 1881), *Pleurotomella aguayoi* (Carcelles, 1953), *T. brasiliensis*, *Acteon pelecais* Marcus & Marcus, 1971, *Acteocina candei* (Orbigny, 1841). Enquanto *Cylindriscala andrewsii* (A. E. Verrill, 1882), *A. brasiliensis*, *Pleurotomella cala* (Watson, 1886) *Pseudomalaxis nobilis* Verrill, 1885 e *Cylichna aff. crispula* Watson, 1883 foram coletadas em profundidades inferiores as registradas até o presente.

Caso particular é representado por *Heleobia australis* (Orbigny, 1835). Esta espécie é considerada estuarina por Scarabino *et al.* (1975) e comum nestes ambientes nas lagunas costeiras do Rio Grande do Sul (Marcus & Marcus, 1963; Chomenko & Schäfer, 1984; Lana, 1986 e Capitoli 1998a). Rios (1994) e Capitoli (1998a) fazem referência a *H. australis* na região de Rio Grande (Saco da Mangueira) e Barra da laguna dos Patos, respectivamente. Apesar de sua larva provavelmente ser dispersada entre as lagunas através do mar (Marcus & Marcus, 1963), sua presença não era esperada na região da plataforma externa e quebra do talude. No entanto, 600 conchas foram coletados a 100 m (estação 6839 – Draga) e uma concha a 500 m (estação 6841 – Box corer). Apesar desta espécie reconhecidamente suportar grandes variações salinas (Marcus & Marcus, 1963; Chomenko & Schäfer, 1984; Lana, 1986) sua presença conduz a inferir que provavelmente este material tenha sido carregado a partir da laguna dos Patos.

Capitoli (1998b) comenta que em períodos de tormenta a fauna da plataforma ao norte da laguna dos Patos é grandemente influenciada pela descarga d'água e que a fauna deste local sofre grande impacto, porém é taxativo em afirmar que a plataforma interna ao sul da latitude 32° S não sofre influência da laguna dos Patos. Absalão (1991) por sua vez comenta que em períodos de tormentas sedimentos podem ser depositados em praias a até 3 km da barra da laguna. É provável que *H. australis* seja levada até a plataforma externa e talude durante estas tormentas, entre outros motivos, pela fisionomia da plataforma, caracterizada por Martins (1984). Neste caso a presença de *H. australis* seria indicativa de algum grau de influência da laguna dos Patos nesta região.

Com relação à metodologia – dragas – utilizada para as coletas nas diferentes estações de amostragem, pode-se estabelecer uma comparação preliminar entre o uso da draga de arrasto e Van Veen, na estação 6839, mostrando-se mais eficaz em termos dos resultados a draga de arrasto. Nas demais estações não é possível fazer esta correlação, uma vez que não é possível

afirmar que a diferença na quantidade de material coletado seja fruto do amostrador utilizado – Box corer – e não da profundidade ou sedimento, por exemplo. Absalão e Cruz (1990), levantam esta problemática e sugerem a sistematização do uso dos diversos coletores para que seja possível a “utilização integral dos resultados”, tornando possível a comparação entre os diversos ambientes em estudo.

AGRADECIMENTOS

À Prof. Iara S. Calvo, curadora da coleção de moluscos do Museu Oceanográfico Eliézer de Carvalho Rios (MORG), por franquear o exame da coleção de moluscos; a doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Biologia Animal da UFRGS, Maria Cristina Pons da Silva, pela identificação dos exemplares de *Heleobia australis*; ao Dr. José Carlos Tarasconi, presidente do CENEMAR, pelo material disponibilizado para comparação; ao Dr. João Carlos Coimbra por ceder o mapa de localização das radiais. À CAPES pela concessão da bolsa de mestrado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ABBOT, R.T. 1974. *American sheashells*. New York, Van Nostrand Reinhold, 663p. il.
- ABSALÃO, R. S. 1986. *Discriminação ambiental entre associações de moluscos macrobênticos ao largo de Rio Grande, RS, Brasil. Situação inverno-primavera*. Fundação Universidade de Rio Grande, Dissertação de mestrado, 126p.
- ABSALÃO, R. S. 1991. Environmental discrimination among soft-bottom mollusc associations off Lagoa dos Patos, South Brazil. *Estuarine, Coastal and Shelf Science* **32**:71-86.
- ABSALÃO, R. S. & CRUZ, R. L. S. 1990. Moluscos da plataforma continental Brasileira. Parte II: Comissão oceanográfica “Geomar X”. *Naturalia*, **15**:21-33.
- BRASIL, [ca 1998] *O Programa REVIZEE*. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente, da Amazônia Legal e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA <<http://www.mma.gov.br/port/sqa/>

- projeto/revizee/capa/index.html> acesso em 11/12/02.
- CAPÍTOLI, R. R., 1998a. Substratos consolidados. In: SEELIGER, U., ODEBRECHT, C. & CASTELLO, J. P. *Os ecossistemas costeiro e marinho do extremo sul do Brasil*. Rio Grande, Ecoscientia, p. 96-99.
- CAPÍTOLI, R. R., 1998b. Bentos da plataforma continental. In: SEELIGER, U., ODEBRECHT, C. & CASTELLO, J. P. *Os ecossistemas costeiro e marinho do extremo sul do Brasil*. Rio Grande, Ecoscientia, p. 131-134.
- CHOMENKO, L. & SCHÄFER, A. 1984. Interpretação biogeográfica da distribuição do gênero *Littoridina* (Hydrobiidae) nas lagoas costeiras do Rio Grande do Sul, Brasil. *Amazoniana* **9**(1):127-146.
- LANA, P. C. 1986. Macrofauna bêntica de fundos sublitorais não consolidados da baía de Paranaguá (Paraná). *Nerítica*, **1**(3):79-89.
- MALACOLOG 3.1.3, 2002: Banco de dados. Disponível em <<http://erato.acnatsci.org/wasp/search.php>> Acesso em: 10 Jul. 2002.
- MARCUS, E. & MARCUS, EV., Mesogastropoden von der Küste São Paulos. *Abhandlungen der Mathematisch-naturwissenschaftlichen klasse, Akademie der Wissenschaften und der Literatur, Mainz*, **1**:1-105.
- MARTINS, I. R., 1984. Modelo sedimentar do cone de Rio Grande. *Pesquisas*, **16**:91-189.
- RIOS, E. C. 1994. *Seashells of Brazil*. 2^a ed., Rio Grande, Editora da FURG, 368p. 113 il.
- SCARABINO, V.; MAYTÍA, S. & CACHÉS, M. 1975. Carta Bionomica litoral del departamento de Montevideo I. Niveles superiores del sistema litoral. *Comunicaciones de la Sociedad Malacologica del Uruguay*, **29**(4):117-129, 3 il.

Figura 1 – Localização da “Radial 45” (⇐), pernada sul, Projeto REVIZEE, Rio Grande do Sul.(Mapa cedido pelo Prof. Dr. João Carlos Coimbra).

Figure 1 – Localization of “Radial 45” (⇐), southern campaign, Project REVIZEE, Rio Grande do Sul. (Map offered by Prof. Dr. João Carlos Coimbra).

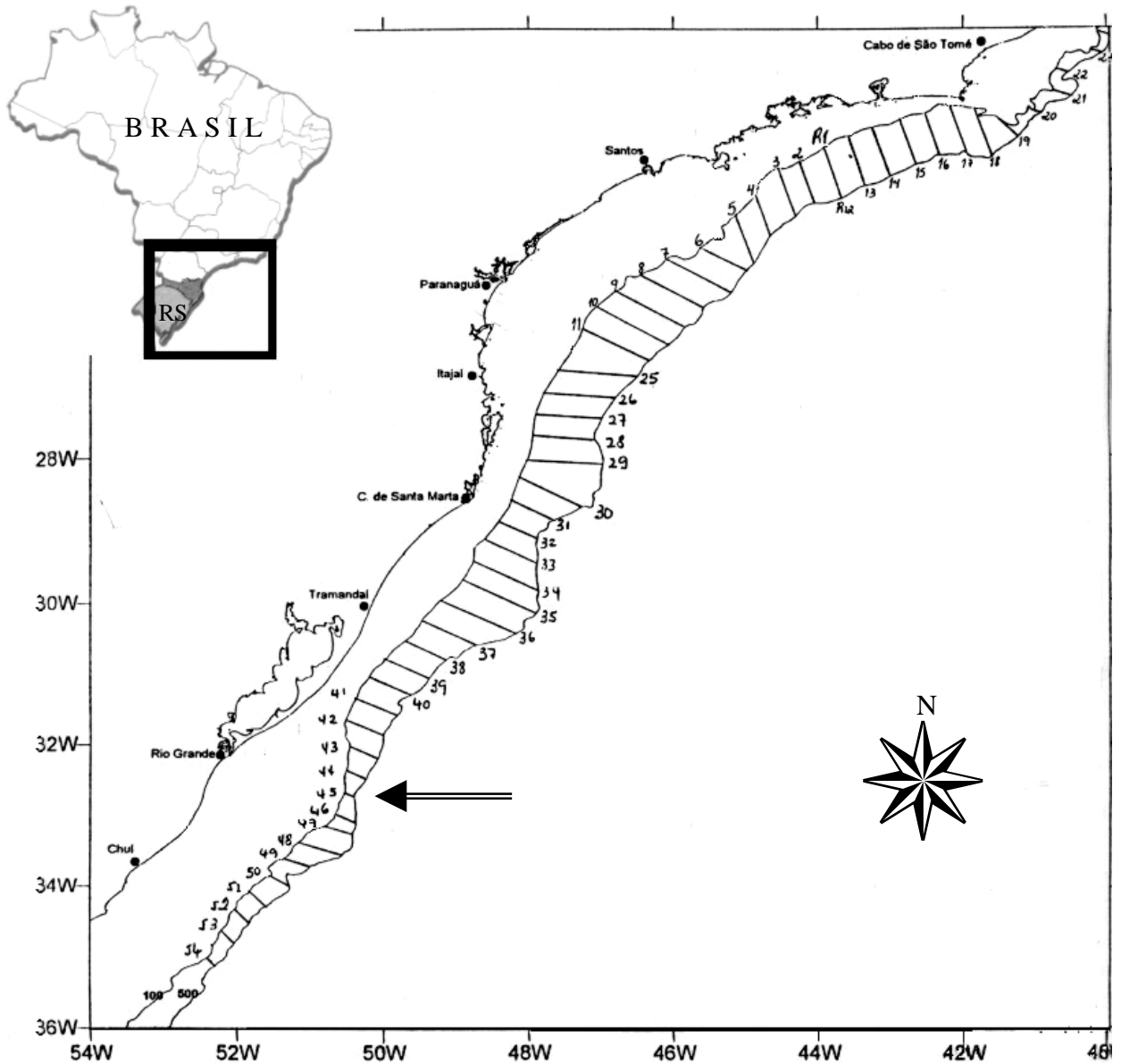


Tabela 1 – Gastropoda coletados em abril de 1998 nas estações oceanográficas 6839 (32°55'70''S - 50°34'60''W), 6839 (32°55'70''S - 50°34'60''W), 6840 (33°01'45''S - 50°12'75''W), 6841 (33°00'16''S - 50°22'84''W) e 6842 (32°57'81''S - 50°29'18''W), localizadas na radial 45 – pernada sul do Projeto REVIZEE. ¹= draga de arrasto; ²= Van Veen; ³= Box corer: *= juvenil; **= fragmentos; N= novos registros para o RS; += novo registro para profundidade maior; - = novo registro para profundidade menor.

Estações hidrográficas	6839 ¹	6839 ²	6840 ³	6841 ³	6842 ³
Táxons/n°ex.	(100 m)	(100 m)	(600 m)	(500 m)	(187 m)
Archaeogastropoda					
Trochidae					
<i>Brookula conica</i> N	2			3	1
<i>Calliostoma echinatum</i> N	20				
<i>Calliostoma jucundum</i>	6				
<i>Halistylus columna</i>	1**				
<i>Solariela carvalhoi</i> N	+ 48				
Turbinidae					
<i>Arene microforis</i>	18	3			
Mesogastropoda					
Hydrobiidae					
<i>Heleobia australis</i>	+600			+1	
Truncatellidae					
<i>Alvania sp.</i>	47				
Barleeidae					
<i>Barleia rubrooperkulata</i>	609	2	+2		
Caecidae					
<i>Caecum achinorum</i>	15				
<i>Caecum massambabensis</i> N	+10				
<i>Caecum sp.</i>	2				
Turritellidae					
<i>Turritella hookeri</i> N	672	11	+1*		
Calyptraeidae					
<i>Crepidula aculeata</i>	+39				
<i>Crepidula plana</i> N	18				
Atlantidae					
<i>Atlanta peroni</i>	5				
Naticidae					
<i>Natica aff. isabelliana</i>	+133				
<i>Natica pusilla</i> N	28				
<i>Natica sp1</i>	15				
<i>Polinices lacteus</i> N	5				

 Cont ...

Tabela 1. continuação

Estações hidrográficas	6839 ¹	6839 ²	6840 ³	6841 ³	6842 ³
Táxons/n°ex.	(100 m)	(100 m)	(600 m)	(500 m)	(187 m)
Tonnidae					
<i>Tonna</i> sp.	1*				
Ranellidae					
<i>Cyamthium aff. parthenopeum</i>	+3**				
Cerithiospidae					
<i>Cerithiopsis</i> sp.	1				
Triphoridae					
<i>Triphora</i> sp.	1				
Epitoniidae					
<i>Epitonium aff. albidum</i>	2**				
<i>Epitonium aff. unifasciatum</i>	+1				
<i>Epitonium tenuistriatum</i>	+3				
<i>Cylindriscala andrewsii</i>	- 6	- 1			
Eulimidae					
<i>Eulima aff. hypsela</i> N	2				
<i>Eulima mulata</i> N	+4				
<i>Melanella conoidea</i>	2				
<i>Niso aeglees</i>	5				
Neogastropoda					
Muricidae					
<i>Siphonochelus riosi</i>	42				
<i>Trachypollia turricula</i> N	5				
Coralliophilidae					
<i>Latiaxis dalli</i>	1				
Columbellidae					
<i>Amphissa acuminata</i>	212	15			
<i>Amphissa cancellata</i>	137	15			
<i>Pyrene agnesia</i> (?)	562	18	2		
<i>Anachis sparsa</i> N	+1; 3*				
Nassariidae					
<i>Nassarius scissuratus</i>	384	31			
Olividae					
<i>Ancilla dimidiata</i>	+52	+4			
<i>Olivella formicacorsii</i>	+3				
<i>Olivella oresjasmirandai</i>	559				
Marginellidae					
<i>Dentimargo janeiroensis</i> N	+111				
<i>Granulina ovuliformis</i>	+117				
<i>Prunum martini</i>	+21	+5			

Cont...

Tabela 1. Continuação

Estações hidrográficas	6839 ¹	6839 ²	6840 ³	6841 ³	6842 ³
Táxons/n°ex.	(100 m)	(100 m)	(600 m)	(500 m)	(187 m)
Mitridae					
<i>Cancilla larranagai</i>	77	6			
Cancellariidae					
<i>Axelella brasiliensis</i> N	-7				
Conidae					
<i>Conus clerii</i>	2	1			
Turridae					
<i>Brachytoma rioensis</i>	22				
<i>Daphnella retifera</i>	1				
<i>Daphnella</i> sp.	4				
<i>Drilliola loprestiana</i> N	80				
<i>Fusiturricula lavinoides</i>	+14				
<i>Ithycythara lanceolata</i>	28				
<i>Kurtziella serga</i>	+25				
<i>Mitrolumna biplicata</i> N	26	1			
<i>Nannodiella vespuciana</i> N	11				
<i>Pleurotomella aguayoi</i>	+2				
<i>Pleurotomella cala</i>	-3				
<i>Veprecula morra</i>	55	1			
<i>Spirotropis</i> aff. <i>lithcolleta</i>	39	3			
<i>Spirotropis stirophora</i>	76				
<i>Splendrillia carolinae</i>	12	4			
<i>Stenodrillia goundlachi</i> N	4	1			
Terebridae					
<i>Terebra brasiliensis</i> N	+3				
Heterostropha					
Architectonicidae					
<i>Heliacus bisulcatus</i>	4				
<i>Pseudomalaxis nobilis</i>	-1				
Mathildidae					
<i>Mathilda</i> aff. <i>scitula</i> N	7				
Pyramidellidae					
<i>Chrysallida</i> sp.	8				
<i>Odostomia</i> sp1	1				
<i>Pyramidella</i> aff. <i>crenulata</i>	70				
<i>Pyramidella</i> sp.	7				
<i>Turbonilla</i> aff. <i>abrupta</i>	6				
<i>Turbonilla</i> aff. <i>pusilla</i>	8				
<i>Turbonilla</i> sp1	2				
<i>Turbonilla</i> sp3	2				
<i>Turbonilla</i> sp 4	147				
<i>Turbonilla</i> sp 5	6				
<i>Turbonilla</i> sp 6	2				

Cont...

Tabela 1. continuação

Estações hidrográficas	6839 ¹	6839 ²	6840 ³	6841 ³	6842 ³
Táxons/n°ex.	(100 m)	(100 m)	(600 m)	(500 m)	(187 m)
Caephalaspidea					
Acteonidae					
<i>Acteon pelecais</i>	+14				
<i>Acteon</i> sp1	2				
<i>Mysouffa cumingii</i>	183	20			
Cylichnidae					
<i>Acteocina candei</i>	+10				
<i>Cylichna crispula</i>	-2				
<i>Cylichna discus</i>	23				
<i>Cylichna verrillii</i>	76	1			
<i>Scaphander</i> sp.	1				
Retusidae					
<i>Pyrunculus caelatus</i>	90				
<i>Volvulella persimilis</i>	3				
Thecosomata					
Cavoliniidae					
<i>Cavolinia inflexa</i>	7				
<i>Cavolinia longirostris</i>	85	2			
<i>Cavolinia uncinata</i>	14	2			
<i>Clio pyramidata</i>	17				
<i>Creseis virgula</i>	5	1			
<i>Cuverina columnella</i>	4				
<i>Diacria trispinosa</i>	15				
<i>Styliola subula</i>	7				

Capítulo II – Caracterização dos Gastropoda registrados para a plataforma continental externa e talude continental ao largo de Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil.

São identificados 6.020 exemplares distribuídos em 36 famílias e 74 gêneros, sendo 80 táxons em nível de espécie, 19 em nível de gênero e 2 em nível de família. A família Turritidae é a que apresenta o maior número de táxons com 16 espécies. *Turritella hookeri* Reeve, 1849 é a espécie mais abundante, com 684 exemplares.

Dos táxons identificados, 20 são citados pela primeira vez para o Rio Grande do Sul, constituindo-se no registro mais austral conhecido para as mesmas. Registram-se, ainda, 29 novos limites de profundidade.

Classe Gastropoda Curvier, 1797

Subclasse Prosobranchia M. Edwards, 1848

Ordem Archaeogastropoda Thiele, 1925

Família Pseudococculinidae Hickman, 1983 (?) Figs. 4 – 6

Caracterização da concha: Protoconcha erodida. Teleoconcha pequena (2,6 mm), involuta, pateliforme comprimida lateralmente, com ápice pontiagudo voltado para trás, levemente posterior. Escultura composta de linhas de crescimento muito suaves e microescultura composta de pequenos poros pouco espaçados. Concha fina e bastante frágil, sem traços do perióstraco.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70'' S 50° 34' 60'' W), draga de arrasto: 4 exemplares.

Discussão: Conchas pequenas e de difícil identificação, porém íntegras apesar de um pouco erodidas. As espécies desta família são caracteristicamente de águas profundas e sua biologia é pouco estudada, porém de forma geral são considerados hermafroditas (LEAL & HARASEWICH 1995). RIOS (1994) registra, com dúvidas, uma única espécie para o Brasil, *Cocculina beanii* Dall, 1882. LEAL & SIMONE (1998) descrevem uma nova espécie da família Lepetidae (*Propilidium curumim* Leal & Simone, 1998), registrando pela primeira vez esta família para o Brasil. O material examinado distingue-se desta espécie por não apresentar escultura nem septo interno. Comparando com LEAL & HARASEWYCH (1995), os exemplares examinados ao MEV aproximam-se a *Tentaoculus erimeta* (Verrill, 1884), porém são mais altos e comprimidos lateralmente e sem septo interno. LEAL & HARASEWYCH (1995) utilizam-se de

características da protoconcha para distinguir as famílias Cocculinidae e Pseudococculinidae, entretanto no material examinado protoconcha está muito erodida para que se possa comparar com as características das famílias. As Conchas são bastante distinta das espécies registradas na literatura, provavelmente tratando-se de uma espécie nova.

Quadro 1- Dados conchiliométricos (mm) de Pseudococculinidae; P= distância da protoconcha até a extremidade anterior:

#	C	L	A	P	Obs.
1	2.6	1.4	1.5	1,5	
2	2.0	1.1	1.2	1,0	
3	1.9	1.1	1.2	1,1	
4	1.5	0.9	1.0	0,9	Bordas quebradas

Família Trochidae Rafinesque, 1815

Gênero *Brookula* Iredale, 1912

Brookula conica (Watson, 1886) Figs. 7, 8.

Cyclostrema conicum Watson, 1886. Zoology 15(2):i-v, 1-680,692-756, 50pls.

Localidade-tipo: Estações da Challenger 120 (8°37'S, 34°28'W, 1235 m) e 122 (9°05'S, 34°50'W, 640 m), ao largo de Pernambuco, Brasil (ABSALÃO *et al.* 2001).

Caracterização da concha: Protoconcha mamilar, relativamente grande com 1 a 1,5 voltas. Teleoconcha trochoide com 3 voltas bastante convexas com sutura bem marcada; escultura axial constituída por fortes lamelas arredondadas (cerca de 23 na volta do corpo); escultura espiral formada por grande número de suaves linhas localizadas entre as lamelas axiais. Abertura circular; umbílico profundo, circundado por 2 ou 3 linhas levemente mais grossas. Concha branca com até 2,1 x 1,7 mm.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 2 exemplares jovens (1 fragmentado); Estação Hidrográfica 6841 (33° 00' 16' S 50° 22' 84" W), Box corer: 3 exemplares; Estação Hidrográfica 6842 (32° 57' 81" S 50° 29' 18" W), box corer: 1 exemplar

Distribuição geográfica: Brasil – Pernambuco, Rio de Janeiro (Cabo Frio) (RIOS 1994; MALACOLOG 2002) e Rio Grande do Sul (registro presente).

Habitat: De 79 a 1234 m (ABSALÃO *et al.* 2001); de 144 a 1234 m (MALACOLOG 2002).

Discussão: Microconchas, com adultos (1,3 a 2,1 mm) parcialmente erodidos. Comparados com paratipo de *Brookula spinulata* Absalão, Miyaji & Pimenta, 2001 (MORG 41032), a qual é menor e possui escultura bastante distinta. Em *B. spinulata* as linhas espirais marcam as costelas axiais e em *B. conica* isso não ocorre. ABSALÃO *et al.* (2001) afirmam que as linhas espirais não são mais proeminentes na região que circunda o umbílico em *B. conica* e fornecem esta característica a *Brookula pfeifferi* Powel, 1951. Entretanto, observamos esta característica em 2 exemplares, porém o número de costelas axiais é menor que o descrito por ABSALÃO *et al.* (2001) para *B. pfeifferi*. Por comparação com os lotes MORG 25711 e 41033, concluiu-se pela identificação como *B. conica*, constituindo o primeiro registro da espécie no sul do Brasil. RIOS (1994) coloca o gênero *Brookula* na família Cyclostrematidae Fisher, 1885, WAREN (1992; apud ABSALÃO *et al.* 2001), entretando, propõe a inclusão do gênero da família Trochidae.

Quadro 2 - Dados conquiliométricos (mm) de *B. conica*:

#	C	L	NVT	NVP	Esc ax.	Esc esp.	Obs
1	2.0	1.6	2.75	1.25	22-23		Finas linhas espirais gastas
2	2.1	1.7	2.75	-	22	5	
3	1.3	1.5	2.25	1.25	19		
4	0.8	0.8	1.5	1.0	23		Jovem
5	0.5	0.5	1.25	1.25	22		

Gênero *Calliostoma* Swainson, 1840

Calliostoma echinatum Dall, 1881 Fig. 9

Calliostoma echinatum Dall, 1881. Bulletin of the Museum of Comparative Zoology, 9:33-144.

Localidade-tipo: ao largo de Havana, Cuba.

Caracterização da concha: Protoconcha globosa, heterostrófica com 1 a 1,5 voltas lisas. Teleoconcha trocóide com 5,5 voltas com até 6,0 x 4,7 mm. Escultura composta por 6 a 8 cordas nodulosas espirais na volta do corpo. Os nódulos são suavemente ligados espiralmente e mais tênues axialmente, onde são ligados obliquamente. A base possui de 11 a 14 linhas finas, sendo mais espessas na região do umbílico. Umbílico ausente mas marcado. Abertura suboval lisa. Interior da concha iridiscente.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 20 exemplares

Distribuição geográfica: Cuba; Brasil (Ilhas Trindade e Martin Vaz) (RIOS 1994) e Rio Grande do Sul (registro presente).

Habitat: Fundos calcários de 54 a 63 m (RIOS 1994); 37 a 220 m (MALACOLOG 2002).

Discussão: Muitas conchas danificadas na espira e/ou lábios e coloração opaca, 2 conchas íntegras. Apesar de fragmentado, o material está em bom estado, com a escultura bastante evidente e pouco desgastada. Indivíduos adultos maiores que os registradas por RIOS (1994) (4,4 mm) chegando a 6,0 mm. A identificação foi confirmada por comparação com os lotes MORG 39717 e 42559 (semelhantes em tamanho e características conquiliológicas), constituindo o primeiro registro para sul do Brasil desta espécie Caribenha.

Quadro 3- Dados conquiliométricos (mm) de *C. echinatum*:

#	C	L	NVP	NVT	Esc esp	Obs.
1	1,3	1,2	1	2	4/8	
2	6,0	4,7	1	5,5	8/13	
3	5,0	4,5	1	5,0	5/11	
4	5,2	4,7	1	5,0	6/12	
5	1,5	1,4	1	2,5	3/6	
6	1,6	1,6	1	2,75	5/8	
7	1,5	1,4	1	2,5	5/8	
8	1,5	1,4	1	2,5	5/8	
9	1,8	1,7	1	2,75	5/9	
10	3,9	3,8	1	4,5	5/11	
11	3,0	3,0	1	4,0	5/9	
12	2,8	2,9	1	4,0	4/11	

Demais quebrados

Calliostoma jucundum (Gould, 1849) Fig. 10

Trochus jucundus Gould, 1849. Proceedings of the Boston Society of Natural History, 3:83-85, 89-92, 106-108, 118-121.

Caracterização da concha: Muito semelhante a *C. echinatum* porém maiores, os nódulos não são tão bem marcados e as linhas espirais que ligam os nódulos são mais evidentes; sutura evidente. Na base cerca de 19 finas linhas intercaladas por uma fina e uma grossa. Teleoconcha maior, chegando a 8,5 mm, com cerca de 6 voltas.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 6 exemplares

Distribuição geográfica: Espírito Santo (Brasil) ao cabo Berneja (Argentina) (RIOS 1994; MALACOLOG 2002), a Rio Negro (CORTÉS & NAROSKY 1997).

Habitat: Sobre pedras, areia ou fundos de cascalho de 10 a 75 m (RIOS 1994); de 10 a 108 m (MALACOLOG 2002).

Discussão: Alguns exemplares danificados e quatro exemplares em bom estado com a escultura bastante evidente, apesar da coloração opaca. Concha bastante semelhante, quando jovem, a *Calliostoma echinatum*, porém distingui-se pelo tamanho e escultura. Animais jovens (8,5 mm) uma vez que chegam a 22 mm (RIOS 1994). A identificação foi confirmada por comparação com os lotes MORG 14001; 20652, entre outros, os quais possuem animais de tamanho semelhantes aos aqui analisados, apesar de RIOS (1994) apresentar como comprimento 22 mm. Os espécimens coletados estão dentro dos limites geográficos e batimétricos conhecidos para a espécie.

Quadro 4 - Dados conchiliométricos (mm) de *C. jucundum*:

#	C	L	NVP	NVT	Esc esp	Obs.
1	7,4	6,0	1	6	7/19	
2	8,5	7,5	1	6,25	7/23	
3	1,3	1,2	1	2,5		
4	1,3	1,2	1	2,5		
5						Demais quebrados

Gênero *Halistylus* Dall, 1890

Halistylus columna (Dall, 1890) Fig. 11

Cantharidus columna Dall, 1890. Proceedings of the United States National Museum, 12(773):219-362, pls. 5-14.

Localidade-tipo: Caribe (Estação do “Albatross”- UFSC - nº 2762, 2764 ou 2765)

Caracterização da concha: Concha com a espira quebrada, sobrando a volta do corpo e 2 voltas da espira equivalentes em tamanho e sutura bem marcada, bastante oblíqua. Perióstraco brilhante mostrando escultura constituída de linhs espirais muito tênues e que se tornam mais conspícuas

junto à base. Exemplar quebrado medindo 2,7 mm de comprimento e 0,9 mm de largura. Abertura em forma de gota.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 1 exemplar

Distribuição geográfica: Rio de Janeiro (Brasil) a Puerto Quequén (Argentina) (RIOS 1994; MALACOLOG 2002).

Habitat: Fundos de areia, lodo ou conchas quebradas de 18 a 66 m (RIOS 1994), chegando a 108 m (MALACOLOG 2002).

Discussão: Foi coletado um único exemplar, com a espira quebrada, porém com a abertura íntegra e perióstraco brilhante. A concha danificada, contendo 4 voltas tem tamanho e características conquiliológicas compatíveis com a descrição apresentada em RIOS (1994). A identificação deste exemplar se baseia apenas na literatura e deverá ser confirmada. O espécime coletado está dentro dos limites geográficos e batimétricos conhecidos da espécie.

Gênero *Solariella* Wood, 1842

Solariella carvalhoi Lopes & Cardoso, 1958 Figs. 12, 13.

Solariella carvalhoi Lopes & Cardoso, 1958. Revista Brasileira de Biologia, 18:59-64.

Localidade-tipo: Litoral de São Paulo, Brasil, 31°35'08"S, 50°50'W, 57 m (LOPES & CARDOSO 1958).

Caracterização da concha: Protoconcha grande, lisa, constituída por 2 voltas que se confundem com as primeiras da espira. Teleoconcha com 5 voltas, cada uma apresentando a partir da sutura, uma corda de fortes nódulos, uma plataforma aplanada bordeada por uma quilha; cada volta apresenta ainda, três cordões espirais entremeados por uma ou duas linhas finas. Axialmente encontram-se muitas linhas oblíquas que se estendem até a base. A base possui cerca de 10 linhas espirais unidas entre si por linhas axiais muito finas. Umbílico profundo e amplo com linhas axiais que seguem para o seu interior. Abertura é circular e lisa, nacarada internamente. Coloração creme com manchas marrons irregulares. Concha chegando a 6,3 x 6,9 mm.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 48 exemplares

Distribuição geográfica: Cuba e Brasil - Amapá a Santa Catarina (RIOS 1994; MALACOLOG 2002) e Rio Grande do Sul (registro presente).

Habitat: Em fundos arenosos e de calcário, de 8 a 66 m (RIOS 1994; MALACOLOG 2002) chegando a 100 m (registro presente).

Discussão: Material em ótimo estado, constituído por conchas de indivíduos adultos e muitos jovens de cor viva e nácar brilhante. Animais de tamanho semelhante aos descritos por LOPES & CARDOSO (1958) para a série-tipo, sendo alguns inclusive um pouco maiores que estes. Animal semelhante a *S. patriae* Carceles, 1953 e *S. staminea* Quinn, 1992, diferindo da primeira pelo número de cordões espirais e da última pela forma e número dos cordões espirais, muito mais fortes em *S. staminea*. A identificação foi confirmada por comparação com os lotes MORG 18991 e 15110 e constituiu-se no primeiro registro da espécie para o Rio Grande do Sul e para maior profundidade (100 m).

Quadro 5 - Dados conchiliométricos (mm) de *S. carvalhoi*:

#	C	L	NVP	NVT	Esc esp	#	C	L	NVP	NVT	Esc esp
1	6,2	7,8	2	4	4/10	9	3,6	3,6	2	3,00	4/8
2	6,3	6,7	2	4	5/11	10	2,1	2,4	2	2,0	5/8
3	6,3	6,9	2	4,25	5/7	11	2,2	2,4	2	1,5	4/7
4	6,3	7,0	2	4	4/8	12	2,0	2,2	2	2,2	4/8
5	4,0	4,5	2	3,25	5/7	13	2,1	2,4	2	2,2	4/7
6	2,8	2,5	2	1,75	4/8	14	2,3	3,0	2	2,75	5/8
7	0,9	1,0	2	0,5	5/7	15	2,0	2,2	2	2,0	5/7
8	2,3	3,0	1,75	2,75	5/7						

Família Turbinidae Rafinesque, 1815

Gênero *Arene* H. & A. Adams, 1854

Arene microforis (Dall, 1889) Figs. 14, 15

Liotia microforis Dall, 1889. Bulletin of the Museum of Comparative Zoology, 18:1-429, pls. 10-40.

Localidade-tipo: Estação do Blake n° 36, ao largo de Cuba, 84 fms; ao largo de Sombrero, 54 fms; ao largo de Havana, 80 fms; estação do Blake n° 237, Barbados, 103 fms; estação 247, ao largo de Grenada, 170 fms.

Caracterização da concha: Protoconcha pequena com 1 volta. Teleoconcha turbinada com escultura variável de acordo com a fase de desenvolvimento. Tamanho variando entre 1,1 e 3,9 mm de comprimento. Os adultos possuem 3 cordas espirais espinhosas na periferia, sendo uma junto a sutura, e a terceira formando uma carena. Nos jovens, a segunda corda também forma uma carena; os espinhos podem ter tamanhos variados nos espécimens e por vezes (quando desgastados) se confundem com nódulos; axialmente pequenas e finas lamelas estão presentes, podendo ser resultado da impressão das linhas de crescimento. A base dos jovens (com até 3 voltas de teleoconcha) possui 1 corda nodulosa e nos adultos há cerca de 8 cordas nodulosas espirais sendo a mais próxima do amplo umbílico a que possui os maiores nódulos, semelhantes a lamelas. A abertura é subcircular e crenulada internamente e nos adultos é espessada e levemente voltada para a região anterior. Coloração creme / marrom claro ou com bandas axiais escuras.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55'70" S 50°34'60" W), draga de arrasto: 18 exemplares; Estação Hidrográfica 6839 (32° 55'70" S 50°34'60" W), van veen: 3 exemplares

Distribuição geográfica: México, Barbados (MALACOLOG 2002), Cuba, Caribe, Brasil (Espírito Santo ao Rio Grande do Sul) (RIOS 1994).

Habitat: Em Fundos arenosos e lodosos ou sobre algas a profundidades de 80 a 186 m (RIOS 1994) chegando a 311 m (MALACOLOG 2002).

Discussão: Material de forma geral fragmentado, porém com alguns exemplares em bom estado. Jovens e adultos, com 4 voltas de teleoconcha conforme indicado por RIOS (1994), presentes na amostra. Animais muito semelhantes a *Arene variabilis* (Dall, 1889), porém a espira é mais baixa e os espinhos menores como em *A. microforis* (MORG 31838 e 17622). Os exemplares estão contidos dentro dos limites geográficos e batimétricos conhecidos da espécie.

Quadro 6 - Dados conchiliométricos (mm) de *A. microforis*:

#	C	L	NVP	NVT	Esc esp	Esc ax.	Obs.
1	1,1	1,6	1	1,75	5/	17	Muitas lamelas baixas. Desgastada
2	1,4	2,0	1	2,00	5/	17	Muito bem preservada
3	1,5	1,3	1	2,25	5/	17	Abertura quebrada. Rolada
4	1,5	2,0	1	2,25	5/	-	Gasta.
5	1,8	2,5	1	2,50	5/	16-17	Ótimo estado
6	1,9	3,1	1	2,75	6/	20	6 corda próxima a sutura
7	3,0	4,5		3,50	6/8-9	27	6 corda a partir da 3 volta. Perióstraco
8	3,6	5,6	1	4,00	6/10	-	Quebrada no lado
9	3,9	5,2	1	4,00	5/9-10	48	
10	3,5	5,0	1	3,75	5/8-9	50	Perfurada por gastrópodes

Ordem Mesogastropoda Thiele, 1925

Família Hydrobiidae Troschell, 1857

Gênero *Heleobia* Stimpson, 1865

Heleobia australis (Orbigny, 1835) Fig. 16

Paludina australis Orbigny, 1835. Magasin de Zoologie, 5(61/2):1-44.

Localidade-tipo: Montevideo, Uruguay (ORBIGNY 1835)

Caracterização da concha: Protoconcha pequena, com 1 volta lisa assim como o restante da concha. Teleoconcha com cerca de 6 voltas pouco convexas e com a sutura pouco marcada. Forma variável podendo ser mais globosa ou mais estreita.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 600 exemplares; Estação Hidrográfica 6841 (33° 00' 16" S 50° 22' 84" W), box corer: 1 exemplar jovem.

Distribuição geográfica: São Paulo (Brasil) a Bahia de San Blas (Argentina) (RIOS 1994; MALACOLOG 2002).

Habitat: Animal estuarino (MARCUS & MARCUS 1963; CHOMENKO & SCHÄFER 1984; RIOS 1994), em profundidades de até 60 m (MALACOLOG 2002) chegando a 500 m (registro presente).

Discussão: Muitas conchas de adultos e jovens, apenas com resquício do perióstraco, porém de forma geral integros. Os exemplares provavelmente foram carreados da Laguna dos Patos, uma

vez que são tipicamente estuarinos (MARCUS & MARCUS 1963; CHOMENKO & SCHÄFER 1984; RIOS 1994). Material identificado pela doutornada Maria Cristina Pons da Silva.

Quadro 7 - Dados conchiliométricos (mm) de *H. australis*:

#	C	L	NVT	NVP	Obs
1	2.7	1.5	5	1	Não se distingue a protoconcha da teleoconcha
2	2.8	1.3	5.25	1	
3	2.6	1.4	4.75	1	
4	2.8	1.4	5	1	
5	3.8	1.7	6.25	1	Protoconcha gasta
6	2.3	1.1	5.00	1	
7	4.5	1.8	6		Protoconcha quebrada
8	3.6	1.5	4.75		Protoconcha quebrada
9	4.1	1.9	6	1	
10	4.2	1.8	6	1	
11	4.6	1.9	5.5	1	
12	4.2	2.0	5.75		
13	4.1	2.1	6		
14	5.3	2.5	6		
15	4.2	2.4	4.75		Forma globosa
16	5.6	2.4	6.25		
17	5.0	2.1	6		
18	4.5	2.0	5.5		
19	5.0	2.4	6		Perfurada por gastrópode
20	4.3	2.0	5.75		Cicatriz de fratura na penúltima volta
21	4.3	1.8	5.75		Forma estreita
22	5.8	3.0			Rolada com a espira quebrada
23	3.8	1.7	5		

Família Rissoidae Gray, 1847

Gênero *Alvania* Risso, 1826

Alvania sp. Figs. 17, 18

Caracterização da concha: Protoconcha lisa com 1,25 voltas globosas. Teleoconcha com 3 voltas convexas e sutura bem impressa. Escultura reticulada com interespaços subquadrados formados por 6 a 7 linhas espirais e de 30 a 35 linhas axiais na volta do corpo. Nos exemplares adultos as linhas axiais ficam mais próximas no último quarto de volta, antes da abertura, possivelmente devido a uma diminuição da taxa de crescimento, neste momento a abertura se torna mais espessa. Abertura elíptica quase circular (holostomada). Columela lisa e umbílico estreito. Cor branca.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 47 exemplares

Discussão: Conchas de animais adultos e em bom estado, com escultura bem definida. Comparada com parátipo de *Alvania valerie* Absalão, 1993 (MORG 26986 e 27682), mostrou ser bem distinta, sendo menor (1,6 a 2,4 mm) e com o número de cordas espirais diferentes (12 a 14 axiais e 36 espirais). Concha muito semelhante a *Alvania auberiana* (Orbigny, 1842), porém a protoconcha, mesmo em pequeno aumento permite a distinção das duas espécies conforme descrito por JONG & COOMANS (1988), sendo a protoconcha semelhante a de *A. faberi* Jong & Coomans, 1988. Conchas maiores que o holótipo de *A. faberi* (1,3 x 0,8 mm) chegando a 3,2 mm de comprimento e cerca de meia volta a mais, tendo de 6 a 7 linhas espirais enquanto *A. faberi* tem 3 e 30 a 35 linhas axiais enquanto *A. faberi* tem 17 Animais semelhantes ao MORG 32760 (coletado no trato intestinal do peixe-morcego – COSTA *et al.* 1997) e MORG 42557 (estação REVIZEE 6857 ao sul de Antares), constituindo o primeiro registro do gênero e da família para o Rio Grande do Sul, sendo possivelmente uma espécie nova dada as características conquiliológicas.

Quadro 8 - Dados conquiliométricos (mm) de *Alvania* sp.:

#	C	L	NVP	NV	Esc. esp	Esc. ax.	Obs.
1	2,24	1,40	1,25	3,25	7	34	Lábio externo espessado
2	1,90	1,20	1,25	3	7	32	
3	2,10	1,30	1,25-5	3,25	6-7	31	Escultura erodida
4	3,20	-	1,25-5	3,50	-	-	Volta do corpo quebrada
5	2,00	1,20	1,5	3	6	35	
6	1,70	1,10	1,25	2,5	6-7	35	
7	1,70	1,10	1,25	2,75	6	24	Perfuração de gastrópodes
8	1,70	1,20	1,25	2,5	6	33	
9	1,20	1,10	1,25	1,25	5-6	21	Jovem

Família Barleeidae Gray, 1857

Gênero *Barleeia* Clark, 1853

Barleeia rubrooperculata (Castellanos, 1972) Fig. 19

Eatoniella rubrooperculata Castellanos, 1972. Neotropica, 18:6-8.

Caracterização da concha: Protoconcha grande e translúcida com 2 voltas. Teleoconcha lisa com 4 voltas convexas e sutura bem marcada; abertura holostomada, circular com a columela reta; lábio externo fino e liso e o interno um pouco espessado mas também liso. Concha branca aporcelanada (translúcida em alguns exemplares), brilhante. Umbílico estreito e recoberto pelo lábio interno. Tamanho de 1,1 a 2,9 mm.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 609 exemplares; Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), van veen: 2 exemplares; Estação Hidrográfica 6840 (33° 01' 45" S 50° 12' 75" W), box corer: 2 exemplares

Distribuição geográfica: Rio de Janeiro (Brasil) ao Golfo de San Matias (Argentina) (RIOS 1994); Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul (Brasil) e Uruguai (MALACOLOG 2002)

Habitat: Fundos de areia e lodo, 50 m (RIOS 1994) a 140 m (MALACOLOG 2002) chegando a 600 m (registro presente).

Discussão: RIOS (1994) indica que a concha tem 7 voltas mas não especifica se a protoconcha está incluída nesta contagem. Segundo RIOS (1994) a protoconcha tem 1 volta, nos exemplares do presente trabalho a protoconcha tem 2 voltas, mas em alguns casos é difícil estabelecer o número exato. Conchas de animais de tamanho homogêneo, maioria subadultos (com 6 voltas no total enquanto adultos tem 7), com cerca de 2,9 mm enquanto adultos possuem 3,2 mm (RIOS 1994). Vários com perfuração na espira. A protoconcha é translúcida enquanto a concha é opaca, mas em alguns exemplares também ela é opaca. A identificação foi confirmada por comparação com lotes MORG 21426 e 39745. O lote proveniente da estação 6840 constitui o registro de maior profundidade de coleta (600 m).

Quadro 9 - Dados conchiliométricos (mm) de *B. rubrooperculata*:

#	C	L	NVP	NVT	Obs.
1	1.11	0.62	2	1.5	Jovem e translúcida
2	1.48	0.77	2	2.0	
3	1.40	0.77	2	2.0	
4	2.00	1.00	2	3.0	Perfurada (ñ por gastrópode)
5	1.90	1.00	2	2.75	Perfurada (ñ por gastrópode)
6	2.10	0.9	2	3.25	
7	2.40	1.10	-	3	
8	2.40	1.00	2	3.75	
9	2.20	1.20	2	3.75	
10	2.50	1.20	2	3.75	
11	2.80	1.20	2	4.0	
12	2.90	1.10	2	4.5	
13	2.90	1.10	2	4.0	
14	2.60	1.10	2	4.0	

Família Caecidae Gray, 1850

Gênero *Caecum* Fleming, 1813

Caecum achironum (Folin, 1867) Fig. 20

Brochina achirona Folin, 1867. Journal de Conchyliologie, 15:44-58, pls. 2-3.

Localidade-tipo: Bahia, Brasil

Caracterização da concha: Protoconcha deiscente e septo rombudo. Concha tubular moderadamente curva, lisa e branca com 4,5 a 4,7 mm de comprimento. Diâmetro da seção aumentando suavemente. Escultura composta de fracas linhas de crescimento.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 15 exemplares

Distribuição geográfica: Brasil (Maranhão; Pernambuco; Bahia; São Paulo) a Maldonado, Uruguay (RIOS 1994; MALACOLOG 2002).

Habitat: Em fundos areno-lodosos a 99 m (registro presente).

Discussão: Conchas de indivíduos adultos, uma vez que RIOS (1994) estabelece em 3 mm o adulto. Cor branca / creme. Identificados por comparação com o lote MORG 39642, estando os indivíduos compreendidos nos limites geográficos da espécie.

Quadro 10 - Dados conchiliométricos (mm) de *C. achironum*; D= diâmetro da seção transversal;

#	C	D	#	C	D	#	C	D
1	4,7	1,1	6	4,6	1,0	11	4,3	1,0
2	4,9	1,1	7	4,9	1,1	12	4,9	1,15
3	4,5	1,1	8	4,8	1,1	13	5,1	1,2
4	4,9	1,2	9	4,3	1,0	14	4,2	1,0
5	4,9	1,1	10	4,3	1,1	15	2,0	0,9

Caecum massambabensis Absalão, 1994 Figs. 21, 22

Caecum massambabensis Absalão, 1994. Journal of Conchology, 35:137-140.

Localidade-tipo: ao largo da praia de Massambaba, Rio de Janeiro (ABSALÃO 1994)

Caracterização da concha: Protoconcha deiscente. Teleoconcha tubular levemente curvada, com seção circular e 4,3 a 5,5 mm de comprimento. Microescultura de costelas longitudinais

interrompidas por espaços desiguais. Lamelas axiais ou longitudinais ausentes. Mucro pontiagudo (em forma de gota).

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 10 exemplares

Distribuição geográfica: Brasil - Rio de Janeiro (ABSALÃO 1994) e Rio Grande do Sul (registro presente).

Habitat: Fundos arenosos de 31 a 77 m (ABSALÃO 1994), chegando a 100 m (registro presente).

Discussão: Conchas em ótimo estado e tamanho homogêneo. Tamanho dentro dos limites apresentados por ABSALÃO (1994) (4,5 a 7,0 mm). A identificação é relativamente simples, uma vez que a escultura é bastante distinta do restante das espécies do gênero, conforme salienta o autor. A escultura composta de estrias longitudinais microscópicas sem anulações e mucro cônico e pontudo é única entre as espécies de *Caecum*. A identificação se baseou em dados da literatura, constituindo o primeiro registro da espécie para o Rio Grande do Sul e para a profundidade de 100 m.

Quadro 11 - Dados conchiliométricos (mm) de *C. massambabensis*:

#	C	L	Obs.	#	C	L	Obs.
1	5,5	1,0	Parte anterior quebrada	6	4,7	1,0	Perf. Gast.
2	4,9	0,9		7	4,8	1,0	
3	4,3	1,0		8	4,6	1,0	
4	4,5	0,8	Perf. Gast. Abertura quebrada	9	4,7	1,0	Perf. Gast.
5		1,0		10	4,8	1,0	

Caecum sp. Fig. 23

Caracterização da concha: Protoconcha deiscente. Teleoconcha tubular com 4,1 x 0,9 e 3,2 x 0,8 mm tendo a parte anterior expandida e seção circular aumentando rapidamente de tamanho, cor creme. Microescultura pouco evidente mucro pontiagudo.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 2 exemplares.

Discussão: Conchas com aspecto rugoso, semelhantes a *C. massambabensis*, porém o diâmetro aumenta rapidamente em direção a região anterior. Semelhante a um jovem de *Caecum*

ryssotitum Folin, 1867 que segundo MELLO & MAESTRATI (1986) quando jovem apresenta o mucro pontiagudo quando jovem apresenta o mucro pontiagudo e escultura composta de finas estrias de crescimento irregulares. Após a intumescência estes caracteres são perdidos e o mucro se torna rombudo e a escultura desaparece. Entretanto *C. ryssotitum* possui apenas 2 mm de comprimento enquanto os exemplares analisados possuem o dobro deste tamanho.

Família Vitrinellidae Bush, 1897 (?)

Caracterização da concha: Protoconcha pequena com 1 volta. Teleoconcha minúscula com 1,7 x 0,7 mm, branca e relativamente forte e 2,75 voltas. Espira quase plana. Concha lisa com linhas de crescimento. Abertura circular e o umbílico é largo e profundo. Lábios lisos e finos e sutura inconspícua marcada apenas por uma linha.

Dados de coleta: Estação hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 1 exemplar

Discussão: Concha muito pequena, lisa e robusta. Semelhante a *Teinostoma* A. Adams, 1851 porém sem o calo parietal típico do gênero.

Família Turritellidae Clarke-Woodward, 1851

Gênero *Turritella* Lamarck, 1799

Turritella hookeri Reeve, 1849 Fig. 24

Turritella hookeri Reeve, 1849. Conchologia Iconica, p. 1-11, 5 pls.

Localidade-tipo: Rio de Janeiro – leste do Brasil (RIOS 1994)

Caracterização da concha: Protoconcha lisa com a ponta arredondada. Teleoconcha possuindo até 13 voltas, cada uma com duas carenas bem marcadas e uma terceira na linha da sutura. Lábios finos e lisos. Columela frágil e reta, sem umbílico. Abertura holostomada. Concha frágil e branca (porcelanizada).

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 672 exemplares; Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), van veen: 11 exemplares; Estação Hidrográfica 6841 (33° 00' 16" S 50° 22' 84" W), box corer: 1 exemplar

Distribuição geográfica: Brasil; Espírito Santo (ABSALÃO & CRUZ 1990), Rio de Janeiro (RIOS 1994; MALACOLOG 2002), talude continental de São Paulo (SIMONE 2001), Santa Catarina (ALAGGIO *et al.* 1980) e Rio Grande do Sul (registro presente).

Habitat: Fundos de areia, de cascalho ou lodosos, 9 a 156 m. (RIOS 1994; SIMONE 2001; MALACOLOG 2002) chegando a 600 m (registro presente).

Discussão: RIOS (1994) cita esta espécie com 30 x 7 mm. Os exemplares analisados possuem cerca de 18 X 5 mm e estão fora da área geográfica de ocorrência da espécie. Porém estão em ótimo estado e possuem o mesmo tamanho e mesmo número de voltas de vários lotes do MORG. Os lotes MORG 27858, 17888 (Itajaí, 1140m) e 20756 (Bahia), indicam que a espécie possui ampla abrangência em profundidade e geográfica, não podendo mais ser considerado como endêmico do leste do Brasil conforme RIOS (1994). ABSALÃO (1987) indica que seria esperado encontrar exemplares deste gênero em profundidades de até 100 m, em fundos arenolodosos, compondo o que denominou a associação “*Nucula – Corbula – Dentalium*”, porém indica que não foram encontrados exemplares em seu estudo. O exemplar coletado a 600 m é um juvenil, possivelmente tendo sido carregado.

Quadro 12 - Dados conquiliométricos (mm) de *T. hookeri*:

#	C	L	NVT	Obs.
1	18,34	5,00	13	Protoconcha não se distingue do restante da concha
2	17,08	4,92	-	Protoconcha e Lábio externo quebrados
3	17,26	5,00	12,5	
4	15,60	4,62	12	Lábio externo quebrado
5	15,74	4,32	12,5	Perfuração por gastrópode na 10ª volta
6	16,8	4,72		Ápice quebrado
7	17,00	4,70	12	
8	10,46	3,14	10,5	
9	8,44	2,62	8,75	
10	6,58	2,10	7,75	Duas perfurações por gastrópodes
11	6,28	2,08	8	Concha rolada
12	17,48	5,70		Algumas voltas da espira quebradas, possui 10

Família Calyptraeidae Lamarck, 1809

Gênero *Crepidula* Lamarck, 1799

Crepidula aculeata (Gmelin, 1791) Figs. 25, 26

Patella aculeata Gmelin, 1791; Systema Naturae, 13th ed., vol. 1(6), p. 3021-3910.

Localidade-tipo: “insulas Americae mediae”

Caracterização da concha: Protoconcha bastante deslocada para a esquerda e saliente, com 1,25 voltas. Teleoconcha pateliforme de formato irregular, involuta com 3,7 a 13 mm de comprimento. Internamente encontra-se presente um septo branco que se projeta até cerca de metade do comprimento das conchas. Superfície externa escamosa formando espinhos (cicatrizes). Cor marrom. Exemplares desgastados.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 39 exemplares.

Distribuição geográfica: Japão, Austrália, Havaí, Califórnia (EUA) ao Chile, Carolina do Norte ao Texas (EUA), Oeste da Colômbia à Argentina. Cosmopolita em águas quentes, ausente nas águas frias da América do norte e Europa. (RIOS 1994; MALACOLOG 2002).

Habitat: sob rochas, corais, raízes de mangue e conchas de 12 a 36 m de profundidade (RIOS 1994), de 0 a 80 m (MALACOLOG 2002) chegando a 100 m (registro presente).

Discussão: Conchas de tamanho variado, a maioria jovem, uma vez que podem chegar a 32 mm (RIOS 1994). Aspecto gasto e sem os espinhos (apenas com as cicatrizes), possivelmente devido a carreamento. Protoconcha um pouco mais saliente que exemplares coletados em profundidades menores. Este constitui o primeiro registro da espécie para profundidades de 100 m.

Quadro 13 - Dados conchiliométricos (mm) de *C. aculeata*; A= altura da concha:

#	C	L	A	NVP	Obs.
1	6,7	5,3	2,2	1,25	Com pedaços dos espinhos
2	3,7	3,0	1,0	1,75	
3	11,0	10,0	4,3	-	
4	13,0	11,0	4,0	1,25	
5	8,6	7,0	3,0	1,25	
6	6,8	5,7	3,2	1,25	
7	9,8	7,5	3,5	1,25	
8	11,6	11,0	4,0	1,25	
9	12,0	10,0	4,0	1,25	
10	12,0	9,0	4,4	1,25	
11	10,0	8,2	2,6	1,25	
12	7,6	6,5	2,8	1,25	
13	11,0	10,0	4,3	1,25	
14	3,7	3,0	1,0	1,5	
15	8,6	7,0	3,0	1,25	

Crepidula plana Say, 1822 Figs 27, 28

Crepidula plana Say, 1822. Journal of the Academy of Natural Sciences of Philadelphia, 2:221-248, 257-276, 302-325

Localidade-tipo: Costa norte dos Estados Unidos

Caracterização da concha: Protoconcha pequena com 1,75 voltas voltadas para a região anterior e levemente inclinada para a direita. Teleoconcha pateliforme involuta, aumentando muito rapidamente de tamanho. Presença de um septo interno, próximo à metade da abertura. Muitos indivíduos bastante desgastados.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 18 exemplares

Distribuição geográfica: Canadá ao Texas (EUA), Caribe, Bermudas, Leste da Colômbia, Venezuela e Brasil (Maranhão a São Paulo) (RIOS 1994); no Brasil do Amapá a São Paulo e o provável sinônimo *Crepidula unguiformis* Lamarck, 1822 (RIOS 1994) é descrito para Uruguai e Argentina (Chubut) (MALACOLOG 2002).

Habitat: Sobre conchas mortas ou pedras, onde fica fixada, de 10 a 125 m (RIOS 1994), até 91 m (MALACOLOG 2002), o provável sinônimo *C. unguiformis* é citado para profundidades entre 100 e 120 m (CORTÉS & NAROSKY 1997)

Discussão: Conchas de tamanhos variados, porém gastos. Semelhantes a *Crepidula protea* Orbigny, 1835, porém são mais arredondadas e a protoconcha está em posição distinta. CORTÉS & NAROSKY (1997) não concordam com RIOS (1994), não incluindo a espécie na sinonímia de *C. plana*. Os espécimens coletados estão dentro dos limites geográficos e batimétricos conhecidos da espécie, se considerarmos *C. unguiformis* como sinônimo. De qualquer forma, este constitui o primeiro registro da espécie no Rio Grande do Sul.

Quadro 14 - Dados conchiliométricos (mm) de *C. plana*:

#	C	L	A	NVP	Obs.
1	3,0	3,4	1,0	1,75	
2	2,2	2,3	0,9	1,75	
3	3,8	-	1,3	1,75	Parcialmente quebrada
4	3,8	3,0	1,3	1,75	
5	3,2	3,1	1,2	1,75	
6	4,5	3,5	1,6	1,75	
7	4,1	3,1	1,3	1,75	
8	7,5	5,7	2,0	1,75	Pc gasta
9	9,2	7,3	1,8	1,75	Pc gasta Demais exemplares gastos

Família Atlantidae Wiegmann & Ruthe, 1832

Gênero *Atlanta* Lesueur, 1817

Atlanta peroni Lesueur, 1817 Fig. 29

Atlanta peroni Lesueur, 1817. Journal de Physique, de Chimie, et d'Histoire Naturelle, 85:390-393, pl. 2.

Localidade-tipo: 19°45' N, 32°42' W [oeste de Paris?]

Caracterização da concha: Teleoconcha planispiral com 3 voltas que aumentam gradativamente de tamanho. Concha com 3,2 a 6,2 mm, fina e lisa apresentando apenas linhas de crescimento e uma carena periférica que acompanha toda a última volta da concha estando, entretanto, danificada na maioria dos exemplares. Abertura cuneiforme. Concha muito fina e leve, frágil.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 5 exemplares.

Distribuição geográfica: Oceanos Atlântico e Pacífico (RIOS 1994).

Habitat: Animal plantônico, predador ativo em águas quentes do Pacífico e Atlântico (RIOS 1994).

Discussão: Carena e protoconcha danificadas. Espécie pelágica de águas quentes, sendo provavelmente componente da fauna da corrente do Brasil.

Quadro 15 - Dados conquiliométricos (mm) de *A. perronii*:

#	C	L	NVT	Obs.
1	6.2	2.0	4	Protoconcha quebrada
2	3.3	1.0		Protoconcha quebrada
3	3.2	1.2	3	Protoconcha quebrada
4	3.3	1.2	3	Protoconcha quebrada
5	-	-	-	fragmento

Família Naticidae Forbes, 1838

Gênero *Natica* Scopoli, 1777

Natica aff. isabelleana Orbigny, 1840 Figs. 30, 31

Natica isabelleana Orbigny, 1840. Voyage dans l'Amérique Méridionale, 3:377-424, pls. 53, 67, 70-71. Bertrand: Paris.

Caracterização da concha: Protoconcha relativamente grande, concha globosa, espira baixa. Abertura semilunar (em forma de D). Calo parietal pequeno, recobrimdo metade do umbílico. Sutura bem marcada quase canaliculada.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 133 exemplares.

Distribuição geográfica: Rio de Janeiro, Brasil, até o Golfo Nuevo, Chubut, Argentina (CORTÉS & NAROSKY 1997)

Habitat: Fundo areno-lodosos de 15 a 70 m (CORTÉS & NAROSKY 1997) chegando a 100 m (registro presente).

Discussão: Muitos jovens com até 9,2 mm, tendo os adultos até 30 mm (FORCELLI 2000). Conchas em bom estado, com cor e brilho. Segundo CORTÉS & NAROSKY (1997) e FORCELLI (2000) *N. isabelleana* não é sinônimo de *N. limbata*, discordando de RIOS (1994). Levando em consideração que FORCELLI (2000) indica que *N. limbata* teria coloração purpura, não encontrada nos exemplares analisados e que os lotes do MORG já forma renomeados como *N. isabelleana*, consideramos os exemplares analisados como tendo características próximas à *N. isabelleana*, sendo entretanto jovens demais para uma identificação segura. Identificados por

comparação com vários lotes do MORG que continham conchas de tamanho semelhante aos exemplares analisados, constituindo primeiro registro da espécie para a profundidades (100 m).

Quadro 16 - Dados conquiliométricos (mm) de *N. aff. isabelleana*:

#	C	L	NVP	NVT	#	C	L	NVP	NVT
1	9,2	9,0	1	2,75	9	8,0	8,5	1	2,75
2	7,8	8,0	1	2,5	10	5,5	5,8	1	2,5
3	1,5	1,5	1	1	11	4,0	4,2	1	1,75
4	1,6	1,6	1	1	12	8,0	8,2	1	2,75
5	2,4	2,4	1	1,25	13	1,6	1,4	1	1
6	2,2	2,2	1	1,25	14	1,9	2,1	1	1,25
7	4,0	4,2	1	1,75	15	3,0	3,2	1	1,5
8	4,9	5,0	1	2,25					

Natica pusilla Say, 1822 Figs. 32, 33

Natica pusilla Say, 1822. Journal of the Academy of Natural Sciences of Philadelphia, 2:221-248, 257-276, 302-325.

Localidade-tipo: Costa sul dos Estados Unidos.

Caracterização da concha: Concha globosa com 1,1 a 3,2 mm, espira baixa e abertura em forma de D. Calo parietal grande recobrando quase todo o umbílico, deixando apenas uma pequena fenda. Interior vítreo, iridiscente, exterior róseo com marcas marrons irregulares.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 28 exemplares

Distribuição geográfica: México, Panamá, Colômbia, Venezuela, Suriname e Brasil – Bahia a São Paulo (MALACOLOG 2002), Amapá ao Rio de Janeiro (Cabo Frio), “Santa Catarina (?)” (RIOS 1994) e Rio Grande do Sul (registro presente).

Habitat: Entremarés a 32 m (RIOS 1994) chegando a 130 (MALACOLOG 2002).

Discussão: Conchas de jovens, porém em bom estado. Alguns perfurados por gastrópodes. Identificados por comparação com os lotes MORG 23025 e 22865, constituindo no primeiro registro da espécie para o Rio Grande do Sul. Trata-se de espécie predadora (RIOS 1994).

Quadro 17 - Dados conchiliométricos (mm) de *N. pusilla*:

#	C	L	NVP	NVT	Obs.
1	2,7	3,0	-	3	Pc quebrada
2	2,1	2,5	1	3	Perf. Gastrópode na base
3	3,2	3,0	1	2,75	Abert. Quebrada
4	2,4	2,4	1	2,75	Várias perf. Gast
5	2,6	2,7	1	3,0	
6	2,5	2,5	1	3,0	
7	2,2	2,5	1	3,0	
8	2,2	2,5	1	3,0	
9	2,2	2,5	1	3,0	
10	2,2	2,5	1	3,0	
11	1,5	1,5	1	2,0	
12	1,5	1,5	1	2,0	
13	1,1	1,0	1	1,5	
14	2,3	2,4	1	3,0	
15	2,5	2,6	1	3,0	

Natica sp. Figs. 34, 35

Caracterização da concha: Protoconcha pequena com 1 volta de cor branca. A teleoconcha é rosa claro a marrom. Concha com 1,0 a 7,5 mm.. Espira com 4 voltas bastante convexas e sutura bem impressionada. Concha praticamente lisa contendo apenas leves e finas linhas de crescimento e costelas axiais muito suaves restritas à região da sutura. Abertura ampla e globular. Lábio externo fino e liso, refletido junto a base. Calo parietal mal desenvolvido recobrendo parte do umbílico. Columela lisa.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 15 exemplares (jovens).

Discussão: Animais muito jovens para uma identificação segura, apesar do bom estado das conchas.

Quadro 18 - Dados conchiliométricos (mm) de *Natica* sp:

#	C	L	NVP	NVT	Obs.
1	7,5	7,1	1,25	4	
2	1,7	1,8	1,25	1	
3	1,8	1,7	1,25	2,5	
4	-	2,3	1,25	2,5	Abertura quebrada
5	3,2	-	1,25	2,75	Abertura quebrada
6	1,0	1,2	-	2,0	Protoconcha quebrada
7	2,7	2,7	1,5	2,5	Demais quebrados

Gênero *Polinices* Montfort, 1810

Polinices lacteus (Guilding, 1833-4?) Fig. 36

Caracterização da concha: Protoconcha pequena com 0,75 voltas. Teleoconcha lisa, branca e brilhante. Concha globosa com a espira pouco elevada e bastante recoberta pelas voltas seguintes. Abertura semilunar com um forte calo parietal que não recobre o umbílico inteiramente.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 5 exemplares

Distribuição geográfica: Bermuda, Carolina do Norte a Flórida (EUA), Caribe, Brasil e África ocidental (Cabo Verde, Ilhas Canárias e da Madeira) (RIOS 1994). No Brasil do Amapá a Santa Catarina (MALACOLOG 2002) Rio Grande do Sul (registro presente).

Habitat: Encontrada em profundidades de até 12 m (MALACOLOG 2002) a até 100 m (registro presente), predadora de Bivalves (RIOS 1994)

Discussão: Animais jovens, porém íntegros e em bom estado. A identificação foi confirmada por comparação com exemplares do MORG de tamanho semelhante. Espécie comum em Santa Catarina, sendo citado pela primeira vez para o Rio Grande do Sul e para águas profundas. RIOS (1994) cita *P. lacteus* com sendo descrita originalmente por Guilding em 1833, ABBOTT (1974), JONG & COOMANS (1988), entretanto, indicam o ano de 1934 como o da descrição original. Como não tivemos acesso a descrição original, deixamos a questão em aberto.

Quadro 19 - Dados conchiliométricos (mm) de *P. lacteus*:

#	C	L	NVP	NVT
1	15,0	13,5	0,75	4,5
2	12,0	10,1	0,75	4,25
3	13,8	12,7	0,75	4,25
4	10,0	9,0	0,75	4,0
5	7,8	7,0	0,75	3,75

Família Tonnidae Suter, 1913

Gênero *Tonna* Brunnich, 1772

Tonna sp. Fig. 37

Caracterização da concha: Concha muito jovem (1/2 volta de teleoconcha) com 5,0 x 3,5 mm; protoconcha lisa, grande com 4 voltas. Columela torcida, lábio interno espessado levemente refletido.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 1 exemplar.

Discussão: Identificação confirmada em termos de gênero por comparação com lotes do MORG de *Tonna maculosa* (Dillwyn, 1817) e *Tonna galea* (Linnaeus, 1758) contendo conchas de jovens, nos quais a protoconcha estivesse integra. Características da protoconcha (cor, tamanho, etc.) são semelhante à protoconcha de *Tonna maculosa*, porém o material é muito jovem e existe pouco material para uma identificação segura. O exemplar apresenta perfuração na face dorsal e ventral da concha, provocada provavelmente por um gastrópode.

Família Ranellidae Gray, 1854

Gênero *Cymatium* Roding, 1798

Cymatium aff. *parthenopeum* (von Salis, 1793) Figs. 38, 39

Murex parthenopeus von Salis, 1793. Reisen in Verschiedne Provinzen des Königreichs Neapel, vol. 1 Ziegler und Söhne: Zurich and Leipzig, 442 [+2] pp., 10 pls.

Localidade-tipo: “Neapel” (Nápoles, Itália)

Caracterização da concha: Protoconcha grande com 5,5 voltas brancas e convexas; as duas primeiras voltas possuem costelas axiais e 1 ou 2 linhas espirais fracas, as demais são lisas. Sutura fortemente canaliculada com a porção parietal não se fundindo com a volta anterior. Teleoconcha composta por duas voltas com cerca de 15 suaves costelas axiais e cerca de 14 fortes cordas espirais de dois tamanhos intercaladas em cada volta. Protoconcha não colinear com as voltas da espira, que também são torcidas entre si. Canal sifonal curto e estreito; columela lisa assim como as faces internas dos lábios. No fragmento de abertura (animal ainda jovem porém bem maior que os outros dois exemplares coletados) o lábio interno é estreito e liso

e o externo possui de 6 a 7 fortes dentes; umbílico representado por uma pequena cicatriz; escultura composta por fortes cordas espirais de dois tamanhos que se intercalam.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 3 exemplares

Distribuição geográfica: Indo-Pacífico, Golfo da Califórnia a Ilha Gorgona (EUA), Bermudas, Carolina do Norte ao Texas (EUA), Caribe, Venezuela, Brasil ao Urugua (RIOS 1994; MALACOLOG 2002).

Habitat: Predador de *P. perna* e outros bivalves do entremarés a 65 m (RIOS 1994), chegando a 75 m (MALACOLOG 2002) e até a 100 m (registro presente).

Discussão: A amostra está composta por uma protoconcha, um jovem e um fragmento de abertura de animal um pouco maior. Material provavelmente autóctone, apesar de fragmentado. Características conquiliológicas são semelhantes as de *C. parthenopeum parthenopeum* porém a proximidade das características de escultura do gênero *Cymathium* não permitem uma identificação segura apenas com os fragmentos encontrados. Constitui-se no primeiro registro da espécie para profundidades de 100 m, devendo, entretanto, ser confirmado.

Quadro 20 - Dados conquiliométricos (mm) de *C. aff. parthenopeum*:

#	C	L	NVP	NVT	Obs.
1	4,2	2,8	4,5	0	Protoconcha quebrada
2	9,0	5,0	5,5	2	
3					Fragmento da abertura

Família Cerithiopsidae H. & A. Adams, 1853

Gênero *Cerithiopsis* Forbes & Hanley, 1849

Cerithiopsis sp. Fig. 40

Caracterização da concha: Protoconcha lisa com mais de 3 voltas (protoconcha danificada). Teleoconcha branca com 8,25 voltas, cada uma com 20 a 21 costelas axiais e três cordas nodulosas onde os nódulos redondos e baixos se conectam uns aos outros por linhas espirais. A transição entre a periferia e a base é marcada por uma costela radial sem nódulos. O canal sifonal é curto e robusto pendendo para trás. Abertura circular um pouco deformada pela última costela radial. Lábios lisos; tamanho 3,4 x 1,0 mm.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 1 exemplar.

Discussão: Amostra composta de um exemplar rolado. Concha com escultura semelhante à *Cerithiopsis latum* (Adams, 1850) porém a concha é um pouco maior, apesar de possuir o mesmo número de voltas. A protoconcha é semelhante em forma, porém possui mais de 3 voltas (danificada), enquanto *C. latum* possui 3 voltas de protoconcha. O estado do material aliado às características conquiliológicas divergentes não permite uma associação segura a nenhuma espécie registrada para o Brasil.

Família Triphoridae Gray, 1847

Gênero *Triphora* Blainville, 1828

Triphora sp. Fig. 41

Caracterização da concha: Protoconcha grande com 4 voltas, sendo as duas primeiras lisas e convexas e as duas últimas com duas quilhas ou cordas espirais. Teleoconcha sinistrógira com 6 voltas; nas voltas da espira as duas quilhas se transformam em duas cordas nodulosas que possuem os nódulos conectados por costelas axiais e espirais baixas; a partir da 4^a volta uma terceira corda nodulosa, mais fina e delicada se insere entre as outras duas e na volta do corpo se torna a corda mais saliente possuindo 19 nódulos. Sutura pouco marcada, porém forma-se um sulco entre as esculturas de cada volta. Abertura subquadrada e canal sifonal curto e estreito, porém danificado. Umbílico ausente. Tamanho 4,2 x 1,5 mm.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 1 exemplar

Discussão: Um exemplar um pouco rolado, semelhante a *Triphora longissima* (Dall, 1881) (MORG). Porém na *T. longissima* o cordão do meio é o maior e existem 2 cordões fracos na base e no exemplar analisado o cordão do meio é o menor; as protoconchas são iguais com quatro voltas, sendo as duas últimas com dois cordões espirais. Concha possivelmente jovem (*T. longissima* possui até 24 voltas e 5 mm), mas o seu tamanho não é compatível com *T. longissima*, espécie mais próxima em termos conquiliológicos.

Família Epitoniidae S. S. Berry, 1910

Gênero *Epitonium* Roding, 1798

Epitonium aff. albidum (Orbigny, 1842) Fig. 42

Caracterização da concha: Conchas pequenas com 2,8 x 1,5 e 2,6 x 1,6 mm, brancas e brilhantes com lamelas axiais pronunciadas (14 na volta do corpo) não anguladas suavemente deflexas. Abertura circular. Conchas jovens e roladas com abertura e protoconcha danificadas.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 2 exemplares

Distribuição geográfica: Nova Jersey a Flórida (EUA), Sul do Brasil (MALACOLOG 2002), Oeste Europeu e Açores (RIOS 1994).

Habitat: vive associado a anêmonas (RIOS 1994) a 99 m de profundidade (registro presente).

Discussão: Conchas bastante danificadas. Semelhantes a *Epitonium dallianum* Verril & Smith, 1880 depositados no MORG, porém com número de costelas menor (*E. dallianum* possui de 20 a 30), semelhantes também a *E. albidum*, possuindo 14 costelas axiais (constante em todas as voltas), porém muito jovem, com cerca de 5 voltas, enquanto *E. albidum* possui de 9 a 11. Levando em conta RIOS & ABSALÃO (1986), consideramos *E. albidum* a espécie com características mais próxima as apresentadas nos exemplares examinados.

Epitonium aff. tenuistriatum (Orbigny, 1840) Fig. 43

Scalaria tenuistriata Orbigny, 1840. Voyage dans l'Amérique Méridionale, 3 pls. 54, 59-66, 68-69. Bertrand: Paris.

Localidade-tipo: “fond de la baie, Bahia Blanca, 39°S” [Argentina]

Caracterização da concha: Protoconcha com 3 voltas lisas. Teleoconcha com 7 voltas fortemente convexas mas que se ligam. Tamanho de 5,4 x 2,2 e 4,0 x 2,0 mm (danificado). Finas e frágeis lamelas axiais (cerca de 28 na volta do corpo, desgastadas) e várias linhas espirais (cerca de 23) que não marcam as lamelas axiais.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 3 exemplares

Distribuição geográfica: Rio de Janeiro (Brasil) ao Rio Negro (Argentina) (RIOS 1994).

Habitat: Fundos arenosos e rochosos (RIOS 1994) a 30 m (MALACOLOG 2002) chegando a 100 m (registro presente).

Discussão: Conchas de indivíduos jovens bastante danificadas, porém comparáveis em termos de preservação e tamanho aos lotes de *E. tenuistriatum* MORG 18181 e 17685. Levando em conta RIOS & ABSALÃO (1986), consideramos *E. tenuistriatum* a espécie com características mais próximas as apresentadas nos exemplares examinados. Constitui-se no primeiro registro da espécie para profundidades de 100m.

Epitonium aff. unifasciatum (Sowerby, 1844) Fig. 44

Scalaria unifasciata Sowerby, 1844. Thesaurus Conchylorum, 1:83-108, pls. 32-35.

Localidade-tipo: Caribe

Caracterização da concha: Protoconcha grande com 3 a 4 voltas lisas, sem um limite claro; danificadas. Teleoconcha com cerca de 5 voltas convexas com finas costelas axiais rombudas e levemente oblíquas (cerca de 10). Interespaços lisos e brilhantes. Cor branca e com abertura quebrada. Tamanho 4,2 x 2.0 mm.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 1 exemplar

Distribuição geográfica: Bahamas, Flórida (EUA), Caribe, Brasil e Uruguay (RIOS 1994; MALACOLOG 2002).

Habitat: águas rasas (RIOS 1994) a até 9 m (MALACOLOG 2002) chegando a 100 m (registro presente).

Discussão: Conchas bastante quebradas e roladas, porém comparáveis em termos de estado de preservação, estruturas conchiliológicas e tamanho aos lotes de *E. unifasciatum* depositados no

MORG. Concha jovem e com escultura gasta para uma identificação segura. Constitui-se no primeiro registro da espécie para profundidades de 100m.

Gênero *Cylindriscala* de Boury, 1909

Cylindriscala andrewsii (Verrill, 1882) Fig. 45

Scalaria andrewsii Verrill, A. E. 1882. Transactions of the Connecticut Academy of Arts and Sciences 5:451-587, pls. 42-44, 57-58.

Localidade-tipo: Estação do USFC 873, cerca de 150 milhas oeste da baía Barnegat, 100 fms.

Caracterização da concha: Protoconcha com 3 a 4 voltas cônicas e lisas. Teleoconcha com 8 voltas convexas. Escultura formada por costelas axiais (cerca de 14) cortadas por 7 cordas espirais. Microscopicamente a concha é ornamentada por nódulos retangulares que dão uma aparência rugosa à concha. Abertura arredondada. Umbílico estreito e parcialmente recoberto. Lábio externo espessado. Cor marrom.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 6 exemplares; Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), van veen: 1 exemplar

Distribuição geográfica: Carolina do Norte a Nova Jersey (EUA), Cuba e sul do Brasil (RS) (RIOS 1994; MALACOLOG 2002).

Habitat: a 100 m (registro presente); 180 a 900 m (RIOS 1994), de 165 a 915 m (MALACOLOG 2002).

Discussão: Espécie muito semelhante a caracterizada por PFEIFER (1996), e denominada pela autora como *Opalia aff. auritula* Dall, 1889. Porém segundo RIOS (1994) o subgênero a que pertence esta espécie possui apenas 1 a 1,5 voltas de protoconcha e a linha basal é ausente. O gênero *Cylindriscala* ao qual *C. andrewsii* esta enquadrado por RIOS (1994) possui 3 voltas lisas na protoconcha. Levando em consideração estas características provavelmente houve um erro de identificação por parte de PFEIFER (1996).

O lote de *Cylindriscala watsoni* (de Boury, 1911) depositado no MORG esta em péssimo estado e não permite uma comparação segura. Material identificado por comparação com *C. andrewsii* (MORG 18192 – ao largo de tramandaí – e MORG 17585 – ao largo de Albardão), constituindo o primeiro registro da espécie para profundidades inferiores a 180 m.

Quadro 21 - Dados conchiliométricos (mm) de *C. andrewsii*:

#	C	L	NVP	NVT	Esc esp	Esc ax	Obs.
1	2,4	1,3	-	8	7/4	18	Esc. Espiral principais. Muitas sec.
2	2,1	1,2					
3	3,6	1,4					
4	4,0	1,7					
5	5,9	2,4					

Família Eulimidae Risso, 1826

Gênero *Eulima* Risso, 1826

Eulima aff. hypsela Verrill & Bush 1900 Fig. 46

Eulima hypsela Verrill & Bush, 1900. Transactions of the Connecticut Academy of Arts and Sciences 10:513-544, pls. 63-65.

Localidade-tipo: Bermudas

Caracterização da concha: Concha bastante semelhante a *Eulima mulata* Rios & Absalão, 1990, porém branca, também brilhosa com 10 voltas e abertura em forma de gota com os lábios um pouco espessados/refletidos. Protoconcha com 1,5 voltas, sem limite definido. Tamanho 5,1 x 1.0 e 5.4 x 1.5 mm

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 2 exemplares

Distribuição geográfica: EUA: Flórida, Texas; Bermuda; Bahamas: Ilha Grand Bahama; Cuba: Matanzas do norte; Brasil: Vitória-Trindade Seamounts, Ilha Trindade (MALACOLOG 2002) Rio Grande do Sul (registro presente).

Habitat: Animal ectoparasita de equinodermos (RIOS 1994); de 15 a 525 m (MALACOLOG 2002).

Discussão: Concha bastante semelhante a *E. mulata* porém branca e menos angulosa. Semelhante a *Melanella intermedia* (Cantraine, 1835), esta porém possui de 12 a 14 voltas e 12

mm e com uma banda subsutural, ausente em *E. hypsela*. Conforme MALACOLOG (2002) esta espécie foi transferida para o gênero *Melanella* Bowdich, 1822, porém sem referenciar o autor da nova combinação, assim decidimos por manter a designação constante em RIOS (1994).

Eulima mulata Rios & Absalão, 1990 Fig. 47

Eulima mulata Rios & Absalão, 1990. Revista Brasileira de Biologia 50:61-63.

Localidade-tipo: ao largo da praia de Santa Mônica, Guarapari, Espírito Santo, Brasil (RIOS & ABSALÃO 1990).

Caracterização da concha: Protoconcha pequena, cerca de 2 voltas, que não possui um limite definido. Teleoconcha lisa e brilhante com 9,75 voltas e sutura indistinta. Tamanho de 6,9 x 1,5 mm. Cor dourada com uma banda mais clara na região da sutura. Abertura em foram de gota.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 4 exemplares.

Distribuição geográfica: Brasil: Pará, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Santa Catarina (MALACOLOG 2002) Rio Grande do Sul (registro presente).

Habitat: De 1 a 24 m (MALACOLOG 2002) chegando a 100 m (registro presente).

Discussão: 1 exemplar jovem inteiro (*E. mulata* atinge até 16 mm – RIOS & ABSALÃO 1990) e 3 fragmentos com cor forte. A identificação foi confirmada por comparação com exemplares da coleção particular do Dr. Tarasconi, que apesar de maiores possuem as mesmas características conquiliológicas. O material constitui o primeiro registro da espécie para o Rio Grande do Sul e para a profundidade de 100 m.

Gênero *Melanella* Bowdich, 1822

Melanella conoidea (Kurtz & Stimpson, 1851) Fig. 48

Eulima conoidea Kurtz & Stimpson, 1851. Proceedings of the Boston Society of Natural History, 4:114-115.

Localidade-tipo: Carolina do Norte e do Sul (EUA)

Caracterização da concha: Protoconcha quebrada. Teleoconcha branca, lisa e brilhante com 6 voltas achatadas lateralmente, sutura indistinta. Abertura em forma de gota porém mais angulada (quadrada). Tamanho 4.2 x 1.6 e 3.0 x 1.4 mm (danificada).

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 2 exemplares

Distribuição geográfica: Flórida (EUA), Caribe, Venezuela, Brasil ao Uruguai (RIOS 1994; MALACOLOG 2002).

Habitat: Sobre ouriços do mar e *Sargassum* (RIOS 1994) a até 538 m (MALACOLOG 2002).

Discussão: Espécie bastante semelhante a *M. intermedia* (Cantraine, 1835), que é apenas um pouco mais alongada e possui a abertura e a base da volta do corpo menos angulosas. Animal parasita de ouriços-do-mar (RIOS 1994). Identificação confirmada por comparação com exemplares da coleção particular do Dr. Tarasconi, estando os exemplares contidos nos limites batimétricos e geográficos conhecidos para a espécie.

Gênero *Niso* Risso, 1826

Niso aeglees Bush, 1885 Fig. 49

Niso aeglees Bush, 1885. Annual Report of the United States Commissioner of Fish and Fisheries 1883:579-595.

Localidade-tipo: ao largo do Cabo Hatteras, EUA, 7-32 fathoms

Caracterização da concha: Concha piramidal com várias voltas lisas (cerca de 7) e sutura pouco marcada. Abertura elíptica com uma quilha formando um profundo e estreito umbílico. Concha lisa e brilhante contendo uma linha marrom na região da sutura e uma circundando o umbílico.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 5 exemplares

Distribuição geográfica: Ilhas Galapagos, Carolina do Norte ao Texas (EUA), Caribe, Brasil (Amapá ao Rio Grande do Sul) (RIOS 1994; MALACOLOG 2002).

Habitat: Fundos areno-lodosos de 13 (MALACOLOG 2002) a 260 m (RIOS 1994).

Discussão: Animais jovens, uma vez que adultos atingem mais de 30 mm e 10 voltas. Bastante distinta das demais espécies da família, sendo de relativa fácil identificação, tendo sido confirmada por comparação com os lotes MORG 17686 e 26145, estando os exemplares dentro dos limites batimétricos e geográficos conhecidos para a espécie espécie.

Quadro 22 - Dados conchiliométricos (mm) de *N. aeglees*:

#	C	L	Obs
1	6.4	3.8	Ápice danificado (bom)
2	4.7	2.5	Ápice danificado (bom)
3			Fragmento (ruim)
4			Fragmento (ruim)

Ordem Neogastropoda Wenz, 1938

Família Muricidae Rafinesque, 1815

Gênero *Trachipollia* Woodring, 1928

Trachipollia turricula (von Maltzan, 1884) Figs. 50, 51

Localidade-tipo: Não informada em MALACOLOG (2002).

Caracterização da concha: Protoconcha com 4 voltas, brilhante e marrom escuro, escultura constituída de pequenas pústulas distribuídas por toda a protoconcha. Teleoconcha com 5 voltas, sutura pouco marcada. Cerca de 14 costelas axiais pouco proeminentes por volta, trespassadas por 9 cordas espirais nodulosas, formando nódulos nas interseções e entre estas 1 ou 2 cordas de pequenos nódulos escamosos. Abertura elíptica, lábio externo contendo de 4 a 5 pequenos denticulos. Escudo parietal pouco desenvolvido. Columela com 3 a 4 pústulas de cor distinta da columela. Sifão médio e estreitado. Umbílico ausente.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 5 exemplares.

Distribuição geográfica: Carolina do Norte a Flórida e Texas (EUA), Caribe, Venezuela, Brasil - Amapá ao Espírito Santo (RIOS 1994) e Rio Grande do Sul (registro presente).

Habitat: Dragada de 20 a 60 m (RIOS 1994), de 24 a 81 m (MALACOLOG 2002). Exemplar de *T. didyma* Schwengel, 1943 (sinônimo) foi coletado a até 552 m (MALACOLOG 2002).

Discussão: Conchas em bom estado, tendo sido coletados jovens e adultos. Conchas um pouco maiores que o tamanho de 8 x 4 mm descrito por RIOS (1994). Identificação confirmada por comparação com os lotes MORG 28938, 28940 e 28937 que possuem conchas um pouco menores, porém com características conquiliológicas semelhantes. Os espécimens coletados constituem o primeiro registro da espécie para o Rio Grande do Sul.

Quadro 23 - Dados conquiliométricos (mm) de *T. turricula*:

#	C	L	NVP	NVT	Esc esp	Esc ax.	Obs
1	9,8	5,0	4	4,5	9 n/10 f	13-14	Bem preservada
2	10,4	5,2	4	5	9n/10f	14-15	(9 nodulosas e 10 foliacea)
3	7,2	3,7	3,75	4	6n/9f	15	
4	4,0	2,0	4	2,5	6n/5f	14	
5	2,5	1,5	4	1,5	-		

Gênero *Siphonochelus* Jousseaume, 1880

Siphonochelus riosi (Bertsch & D'Attilio, 1980) Fig. 52

Thyphis riosi Bertsch & D'Attilio, 1980. *Venus*, 39(3):131-138.

Localidade-tipo: Ao largo de Tramandaí – RS - BR

Caracterização da concha: Protoconcha globosa a mamilada com 1,5 a duas voltas lisas e brilhantes. Teleoconcha com 5 voltas convexas cada uma contendo 4 costelas axiais e na ponta de cada costela um espinho escamoso. Entre as lamelas encontra-se um grande e espesso e longo tubo (resultado do sifão anal). Abertura elíptica bem delimitada. Canal sifonal fechado formando um tubo longo e apontando para o lado direito. Fascíola sifonal com três tubos sendo apenas um funcional.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 42 exemplares

Distribuição geográfica: Endêmica do Rio Grande do Sul, Brasil (RIOS 1994).

Habitat: Espécie de águas profundas (180 a 280 m) (RIOS 1994); de 100 a 610 m (MALACOLOG 2002).

Discussão: HOUART (1991) transfere *Typhis riosi* para o gênero *Siphonochelus*, mudança que não é acompanhada por RIOS (1994), entretanto as etiquetas da coleção do MORG já haviam sido renomeadas quando do nosso exame da coleção. Identificação confirmada por comparação com vários lotes do MORG, especialmente os lotes MORG 28912; 28580. O material examinado é constituído de conchas jovens e adultos (uma vez que os adultos atingem 12,5 mm e 4 voltas na teleoconcha), o canal sifonal (que nesta espécie é muito longo) apresenta-se quebrado nos exemplares examinados o que causa uma discrepância em relação aos tamanhos apresentados por RIOS (1994).

Quadro 24 - Dados conchiliométricos (mm) de *S. riosi*:

#	C	L	NVP	NVT	Esc esp	Esc ax	Obs
1	2.2	1.1	1.5	1.75	4 sif	4	
2	3.3	1.8	1.5	2	4	4	Quebrada
3	3.3	1.8	1.5	2			Quebrada
4	4.5	2.5	1.5	2.25	4	4	Perfuração de gastrópode
5	4.4	2.7	1.5	2.25	4	4	
6	5.1	2.8	1.5	2.75	4	4	
7	7.3	4.0	1.5	3.5	4	4	Perfuração de gastrópode
8	5.8	3.7	1.5	3.25			
9	7.0	4.0	1.5	3.75			
10	8.0	4.3	1.5	4.0			
11	8.2	4.5	1.5	4.0			
12	10.0	5.5	1.5	4.0	4	4	Sifões inteiros – Perfuração de gast.
13	10.0	5.0	1.5	4.0	4	4	

Família Coralliphilidae Chenu, 1859

Latiaxis Swainson, 1840

Latiaxis dalli Emerson & D'Attilio 1965 Fig. 53

Latiaxis dalli Emerson & D'Attilio, 1965. The Nautilus, 78 (3):101-103.

Caracterização da concha: Protoconcha pequena com cerca de 2 voltas lisas (Protoconcha danificada, tendo seu número de voltas estimado). Teleoconcha fusiforme com 14,32 x 8,24 mm e 5 voltas, ricamente esculpura por três cordas de pequenos espinhos escamosos achatados na periferia. Voltas da espira e do corpo com uma quilha de espinhos escamosos e bem desenvolvidos (todos quebrados no exemplar coletado deixando a cicatriz da base). Volta do corpo com cerca de 8 espinhos (todos quebrados); base com 16 cordas espirais de espinhos escamosos semelhantes aos da periferia da volta. Abertura ampla e elíptica. Canal sifonal longo.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 1 exemplar jovem

Distribuição geográfica: Carolina do Norte à Flórida (EUA), Golfo do México, Caribe, Brasil - Espírito Santo ao Rio Grande do Sul (RIOS 1994).

Habitat: dragado de profundidades entre 50 e 200 m (RIOS 1994) chegando a 1606 m (MALACOLOG 2002).

Discussão: Um único exemplar jovem [uma vez que a espécie atinge 36 mm de comprimento e 8 voltas conforme RIOS (1994)]. A identificação foi confirmada por comparação com vários lotes do MORG, em especial os lotes MORG 18141, 24212 e 24523. RIOS (1994) cita a espécie como tendo sido descrita em 1963, no entanto a data correta de publicação é 1965. Segundo MALACOLOG (2002) teve seu subgênero elevado a categoria de gênero, entretanto não informa o autor da nova combinação, assim decidimos por manter a designação constante em RIOS (1994). Os espécimens coletados estão dentro dos limites geográficos e batimétricos conhecidos da espécie.

Família Columbellidae Swainson, 1840

Gênero *Amphissa* H. & A. Adams, 1853

Amphissa acuminata (E. A. Smith, 1915) Fig. 54

Glypteuthria acuminata E. A. Smith, 1915. Zoology, 2:61-112, pls. 1-2.

Localidade-tipo: Expedição "Terra Nova", estação 38 - Oeste das Ilhas Malvinas, 125 fms.

Caracterização da concha: Protoconcha mamilada, branca, translúcida e lisa com 2 voltas. Teleoconcha com 6 voltas inicialmente pouco convexas passando a globosas até a volta do corpo. Linhas espirais e costelas axiais suaves, se cruzando, formando nódulos pontiagudos nas interseções. Lábio externo com 7 a 9 liras internamente. Columela com 1 dobra recoberta por um fino calo. Canal sifonal curto e robusto, pendendo para a esquerda.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 212 exemplares; Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), van veen: 15 exemplares.

Distribuição geográfica: Rio de Janeiro (Brasil) a Região de Magalhães (Argentina) (RIOS 1994).

Habitat: Em fundo de areia e lama de 35 (RIOS 1994) a 229 m (MALACOLOG 2002).

Discussão: Amostra constituída de conchas de jovens e adultos em bom estado. Segundo RIOS (1994) os adultos possuem 12 mm de comprimento e 6 voltas enquanto os exemplares analisados possuem 11,2 mm e 5,5 voltas. A identificação foi confirmada por comparação com os lotes MORG 16858, 13569 e 42372. Os espécimens coletados estão dentro dos limites batimétricos e geográficos conhecidos da espécie.

Quadro 25 - Dados conquiliométricos (mm) de *A. acuminata*:

#	C	L	NVP	NVT	Esc. esp.	Esc. ax.	Obs.
1	11,0	4,5	2	5,5	18	25	
2	12,2	5,0	2	5,75	15	22	2 perf. Gastrópodes
3	11,0	4,5	2	5,5	16	25	
4	11,2	4,7	2	5,0	15	22	
5	12	5,0	2	5,75	14	24	
6	10,0	4,4	2	4,75	13	19	
7	8,7	4,2	2	4,5	15	22	
8	9,3	3,8	2	5,0	15	25	
9	10,0	4,5	2	5,0	17	22	
10	8,0	4,4	2	4,0	14	21	
11	6,3	3,4	2	3,75	14	21	
12	6,9	3,3	2	4,0	13	21	
13	8,3	3,6	2	4,5	15	22	
14	-	2,5	2	-	15	20	Abertura quebrada; perf. Gastr.
15	6,0	3,0	2	4,0	15	20	
16	6,2	2,1	2	2,75	15	20	

Amphissa cancellata (Castellanos, 1979) Fig. 55

Anachis cancellata Castellanos, 1979. Neotropica, 25(73):91-96.

Localidade-tipo: Lat. 35°14' S, Long. 52° W, "Austral" Col., Inst. Arg. Oceanogr. Leg. (CASTELLANOS 1979)

Caracterização da concha: Protoconcha globosa com 2 voltas, brancas e lisas. Concha fusiforme com 5 voltas pouco convexas esculpturadas por 4 a 7 costelas axiais mais conspícuas que em *A. acuminata*, e de 12 a 15 linhas espirais. Lábios lisos, o interno possui um pequeno calo parietal. O canal sifonal é curto e amplo, pendendo para a região dorsal e para a esquerda formando uma dobra na columela. Sifão anal pouco desenvolvido.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto; 138 exemplares; Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), van veen: 15 exemplares

Distribuição geográfica: Rio de Janeiro (Brasil) a Região de Magalhães (Argentina) (RIOS 1994; MALACOLOG 2002).

Habitat: Coletado em profundidades de 75 a 235 m (MALACOLOG 2002).

Discussão: Animais jovens e adultos em bom estado presentes na amostra. CASTELLANOS (1979) indica o holótipo como possuindo 4,5 x 2,1 mm [mesmo tamanho indicado por RIOS (1994)]. Entretanto, segundo CASTELLANOS (1979), a série tipo possui um exemplar com 9,3 x 5,5 mm, tamanho semelhante a alguns exemplares analisados (comprimento máximo de 11 mm) e dos exemplares contidos em vários lotes do MORG com os quais se realizou a comparação a fim de se confirmar a identificação. Os espécimens estão dentro dos limites geográficos e batimétricos conhecidos para a espécie.

Quadro 26 - Dados conchiliométricos (mm) de *A. cancellata*:

#	C	L	NVP	NVT	Esc. esp.	Esc. ax.	Obs.
1	2,5	1,5	2,0	1,5	-	-	
2	3,3	1,8	2,0	2,5	4/5	12	
3	5,6	3,8	2,0	3,5	5/7	12	
4	4,0	2,1	2,0	2,75	5/6	12	
5	4,5	2,4	2,0	3,0	4/5	12	
6	6,0	2,7	2,0	3,75	5/7	11	
7	5,1	2,8	2,0	3,0	5/7	11	
8	9,3	4,2	2,0	5,0	7/8	14	
9	11,0	5,0	2,0	5,0	6/7	14	
10	11,0	4,7	2,0	5,0	7/7	15	
11	9,2	4,2	2,0	4,5	6/7	14	
12	9,3	4,1	2,0	4,5	6/8	14	Perf. Gastrópode
13	8,5	3,7	2,0	-	6/8	12	Perf. Gastrópode
14	7,8	4,0	2,0	4,0	5/6	13	
15	8,0	3,5	2,0	4,75	5/6	12	

Gênero *Anachis* H & A. Adams, 1853

Anachis aff. sparsa (Reeve, 1859) Fig. 56

Columbella sparsa Reeve, L. 1859. Conchologia Iconica, Vol. 1, p. 24-37, 11 pls.

Caracterização da concha: Protoconcha com 3 a 4 voltas lisas. Teleoconcha com cerca de 4 voltas moderadamente convexas. Escultura composta de fortes costelas axiais (14 na volta do

corpo) que terminam em pequenos nódulos na linha de sutura e 6 linhas espirais na base da concha. Sutura bem definida. Abertura sifonostomada com um canal sifonal pequeno e reto. Lábio externo crenulado com 8 dentículos. Lábio interno espessado. Umbílico ausente. Conchas erodidas e bastante roladas.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 4 exemplares

Distribuição geográfica: Bermudas e Flórida (EUA), Caribe, Venezuela ao Brasil; Pará a Santa Catarina, foz do Rio Vitória (RIOS 1994) e Rio Grande do Sul (registro presente).

Habitat: Em áreas com algas de 10 a 55 m (RIOS 1994), a até 80 m (MALACOLOG 2002) chegando a 100 m, em fundos areno-lodosos (registro presente).

Discussão: Conchas de animais jovens [adultos chegam a 10 mm, segundo RIOS (1994)] em péssimo estado de conservação com coloração esmaecida e escultura erodida, provavelmente devido à carreamento. Espécie registrada apenas até Santa Catarina, sendo, entretanto, pouco provável que o carreamento se deu de distância tão grande, principalmente se levarmos em conta o conjunto de exemplares coletados. Material comparados com os lotes Morg 14204, 21209, 39341 e 19334 para a identificação, entretanto o estado de preservação dos exemplares, aliada a incongruência com a distribuição geográfica não nos permitem uma identificação segura, sendo necessária uma confirmação posterior com coleta de material em melhor estado de preservação. RADWIN (1978) propõe a elevação dos subgêneros à categoria de gênero tomando por base a estabilidade dos caracteres. CASTELLANOS (1979) entretanto, afirma que as espécies do Atlântico Sul não possuem essa estabilidade de caracteres e propõe o retorno ao status anterior, proposta aceita por RIOS (1994) à qual também acatamos.

Quadro 27 - Dados conquiliométricos (mm) de *A. aff. sparsa*:

#	C	L	NVP	NVT	Esc. esp.	Esc. Ax.	Obs.
1	2,3	1,5			6	9	Jovem e gasta
2	2,0	1,2	3,75 ?				Quebrada
3	6,0	3,1		4,00 ?		14	8 dentículos
4							Fragmento da abertura

Pyrene agnesia (Strebel, 1905) (?) Fig. 57

Euthria agnesia Strebel, 1905. Zoologische Jahrbücher, Abteilung für Systematik, Geographie und Biologie der Tiere, 22:575-666, pl. 21-24.

Localidade-tipo: “várias localidades”

Caracterização da concha: Protoconcha branca, translúcida e lisa com 2 voltas globosas e sutura canaliculada. Concha pequena com 4,5 voltas convexas esculpturadas com 6 costela espirais cerca de 14 a 16 costelas axiais fracas não igualmente espaçadas em forma de “(“ formando um padrão cancelado com pequenos nódulos nas interseções das linhas. A base possui a continuação das costelas espirais. O canal sifonal com uma dobra columelar, levemente torcido para a esquerda e para a direção ventral.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 562 exemplares; Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), van veen: 18 exemplares; Estação Hidrográfica 6840 (33° 01' 45" S 50° 12' 75" W), box corer: 2 exemplares jovens

Discussão: Conchas de tamanho heterogêneo (2,3 a 4,7 mm), de modo geral íntegros e com a escultura bem definida. Semelhantes a ilustração de *A. cancellata* apresentada em CASTELLANOS (1979) e em RIOS (1994) contendo inclusive o mesmo número de linhas espirais, porém um pouco mais globosa. Conforme CASTELLANOS (1979) o exemplar figurado é jovem e já havia sido identificado (erroneamente) pela autora como *Pyrene agnesia* (Strebel, 1905). FORCELLI (2000) coloca *P. agnesia* na lista sinomímica de *Buccinulum agnesia*, porém indica a espécie como tendo 10 mm de comprimento e quando consultado, não reconheceu os exemplares analisados como sendo pertencentes à espécie, dizendo poder se tratar de uma espécie nova (FORCELLI, comunicação pessoal). A espécie até então não havia sido citada para o Brasil.

Quadro 28 - Dados conquiliométricos (mm) de *B. agnesia*:

#	C	L	NVP	NVT	Esc. esp.	Esc. ax.	Obs.
1	4,5	2,3	1,75	3,75	5-6/5	15	
2	4,5	2,3	1,75	4,00	5/5		
3	4,5	2,3	1,75	3,75	5/4	12	
4	4,6	2,2	1,75	3,75	5/5	16	
5	4,0	2,0	1,75	3,50	5/5	16	
6	4,7	2,3	1,75	4,00	6/5	16	
7	4,6	2,3	1,75	3,75	5/5	16	
8	4,6	2,3	1,75	3,75	5/5	16	
9	4,6	2,3	1,75	3,75	5/5	16	
10	2,8	1,5	1,75	2,50	6/5	15	
11	3,2	1,6	1,75	3,00	5/5	14	
12	2,5	1,4	1,75	2,50	5/5	15	
13	2,3	1,3	1,75	2,00	-	-	
14	2,3	1,3	1,75	2,00			
15	2,3	1,3	1,75	2,00			
16	1,0	1,5	1,75	1,00	-	-	

Família Nassariidae Iredale, 1916

Gênero *Nassarius* Duméril, 1806

Nassarius scissuratus (Dall, 1889) Fig. 58

Nassa scissurata Dall, 1889. Bulletin of the Museum of Comparative Zoology, 18:1-492.

Localidade-tipo: estações do “Blake” número 2 e 132, próximo a Santa Cruz, 805 e 115 fms respectivamente, 206, próximo a Martinica, 170 fms, 220, ao largo de Santa Lúcia, 116 fms e 272, Barbados, 76 fms (DALL 1889).

Caracterização da concha: Protoconcha com 2,75 voltas lisas e brilhantes. Teleoconcha com 6 voltas pouco convexas e sutura bem marcada mas não canaliculada. Escultura bem marcada com 12 a 16 costelas axiais e de 11 a 15 varizes axiais. As costelas radiais se estendem até a base sempre igualmente espaçadas e se encontrando com as costelas da volta anterior. Abertura oval com lábio externo espessado e lirado no interior. Lábio interno possui um forte escudo parietal lirado irregularmente. Canal sifonal curto e estreito, torcido deixando a marca na base da concha.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 384 exemplares; Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), van veen: 31 exemplares.

Distribuição geográfica: Caribe, Golfo do México, Brasil ao Uruguai (ao largo do Rio da Prata) (RIOS 1994; MALACOLOG 2002).

Habitat: Fundos areno lodosos 30 a 200 m (RIOS 1994), chegando a 1472 m (MALACOLOG 2002).

Discussão: Amostra contendo conchas de adultos e jovens bem preservadas. Segundo DALL (1889) os adultos teriam 12 mm de comprimento e os exemplares analisados possuem até 13 mm. Conchas semelhantes a de *Nassarius albus* (Say, 1826), porém este é mais globoso com escultura espiral mais suave e lábio externo mais espesso. Identificação por comparação com vários lotes do MORG, especialmente o lote Morg 17328. Os espécimens estão incluídos nos limites geográficos e batimétricos conhecidos da espécie.

Quadro 29 - Dados conchiliométricos (mm) de *N. scissuratus*:

#	C	L	NVP	NVT	Esc. esp	Esc. ax.	Obs
1	2,2	1,0	2,75	1,75	4	15	
2	1,8	1,3	2,75	1,50	4	13	
3	3,8	2,5	2,75	2,00	4	-	
4	3,2	2,2	2,75	1,50	5	13	
5	2,8	2,0	2,75	2,00	4	-	
6	3,4	2,4	2,75	2,75	4-5	13	
7	5,0	3,5	2,75	3,25	5/9	16	
8	6,7	4,0	2,75	4,25	5/9	13	
9	7,3	4,2	2,75	4,25	6/9	14	
10	6,8	4,1	2,75	4,25	5/8	15	
11	8,2	5,2	2,75	4,50	6/9	12	
12	9,0	5,0	2,75	4,75	6/7	18	2 perfurações de gastrópodes
13	9,4	5,5	2,75	5,00	6/8	14	
14	10,7	6,5	2,75	5,25	6/8	15	
15	12,2	6,6	2,75	5,50	6/9	14	
16	12,8	7,5	2,75	5,75	6/8	14-15	
17	12,4	7,2	2,75	5,75	5/9	12	
18	13,0	8,0	2,75	6,00	6/8	13	

Família Olividae Latreille, 1825

Gênero *Ancilla* Lamarck, 1799

Ancilla dimidiata (Sowerby, 1850) Figs. 59

Ancillaria dimidiata Sowerby, 1842/87 Thesaurus Conchyliorum. London 1-5.

Caracterização da concha: Protoconcha globosa com 1 a 2 voltas. Teleoconcha com 4 voltas recobertas por um calo; abertura grande, cerca de ½ da concha. Calo parietal bem desenvolvido.

Canal sifonal curto e aberto. Selenizona presente e bem marcada por três linhas profundas. Lábio externo liso exceto por uma projeção semelhante a um dente próximo à base. Concha lisa e brilhante, semelhante a uma *Olivella* ou *Olivancilaria*, porém a espira é recoberta por um calo.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 52 exemplares; Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), van veen: 4 exemplares (2 adultos).

Distribuição geográfica: Espírito Santo (Brasil) ao Golfo de San Matias (Argentina) (RIOS 1994).

Habitat: Fundos de areia e lodo de 18 a 70 m (RIOS 1994), de 5 a 80 m (MALACOLOG 2002) chegando a 100 m (registro presente).

Discussão: Material muito bem preservado, com conchas ainda brilhantes. Exemplares jovens com até 9,4 mm, tendo os adultos 17 mm, segundo RIOS (1994). A identificação foi confirmada por comparação com os lotes MORG 13854 e 17343. Os espécimens constituem o registro de maior profundidade de coleta da espécie. MALACOLOG (2002) indica esta espécie como sendo descrita no ano de 1859 e que o subgênero ao qual pertence teria o estatus de gênero, entretanto não foi indicada a autoria da nova combinação, sendo assim decidimos por manter a designação constante em RIOS (1994).

Quadro 30 - Dados conchiliométricos (mm) de *A. dimidiata*:

#	C	L	N V	Obs
1	1.5	1.0	2	
2	2.9	1.5	3	
3	3.5	1.6	-	
4	4.1	2.0	3.5	
5	4.6	2.2	3.5	
6	5.5	2.4	3.75	
7	6.7	2.8	4.0	
8	7.3	3.0	4.5	Perf. Gast.
9	8.9	3.8	5.5	Perf. Gast.
10	8.8	3.5	5.5	
11	9.4	3.7	5.5	

Gênero *Olivella* Swainson, 1831

Olivella formicacorsii Klappenbach, 1962 Fig. 60

Olivella formicacorsii Klappenbach, 1962. Archiv Moll., 91(1-3):95-98 6 fig.

Localidade-tipo: Praia de La Coronilla, Departamento de Rocha, Uruguay (KLAPPENBACH 1962).

Caracterização da concha: Protoconcha pequena como um botão, encoberta por um fino calo. Teleoconcha lisa e brilhante com 3 a 4 voltas profundamente canaliculadas na sutura. Um forte calo está situado atrás da linha de sutura e fica mais fraco ou imperceptível ao longo da abertura. A fascíola (selenizona) possui uma única banda e o canal sifonal se abre na extremidade fazendo com que a fascíola tenha uma depressão no meio de uma expansão na extremidade anterior. Uma única dobra columelar, tênue, acompanha a borda do canal sifonal. O restante é liso.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 3 exemplares.

Distribuição geográfica: Santa Catarina (Brasil) a Rocha (Uruguai) (RIOS 1994).

Habitat: Em fundos arenosos, águas rasas (RIOS 1994) chegando a 100 m (registro presente).

Discussão: Material em bom estado, contendo apenas jovens, pois segundo KLAPPENBACH (1962) o holótipo tem 11 mm de comprimento e 3,75 mm de largura e segundo RIOS (1994) a espécie chega a 12 mm. Conchas semelhantes a *Olivella orejasmirandai* Klappenbach, 1986, porém possuem a abertura mais ampla. A identificação foi confirmada por comparação com os lotes Morg 32050 e 32580. Os exemplares constituem o primeiro registro da espécie para águas profundas (100 m).

Quadro 31 - Dados conchiliométricos (mm) de *O. formicacorsii*:

#	C	L	NVT
1	8,5	3,5	3,25
2	8,5	3,5	3,25
3	3,0	1,6	2,0

Olivella orejasmirandai Klappenbach, 1986 Fig. 61

Olivella orejasmirandai Klappenbach, 1986. Comunicaciones Zoológicas del Museo de Historia Natural de Montevideo, 11 (160):1-6, 1 pl.

Localidade-tipo: Ao largo de Albardão, RS (Estação 1656 da campanha GEDIP II), 173 m (KLAPPENBACH 1986).

Caracterização da concha: Protoconcha globosa com 1 a 2 voltas. Teleoconcha obovata, lisa e brilhosa com 4 a 5 voltas com a sutura canaliculada. Abertura larga e canal sifonal aberto. Selenizona bem marcada (1 banda) e estreita. Lábio externo liso e fino. Lábio interno espessado por um forte calo parietal que se estende até a metade da penúltima volta. Fascíola sifonal com uma dobra. Concha marrom claro a branco.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55'70'' S 50° 34'60''W), draga de arrasto: 559 exemplares.

Distribuição geográfica: Rio Grande do Sul (Brasil) a San Borobón (Argentina) (RIOS 1994).

Habitat: Em fundos lodosos (RIOS 1994) de 80 a 176 m (KLAPPENBACH 1986)

Discussão: Material em ótimo estado de conservação, possuindo conchas com brilho. Conchas um pouco maiores que o tamanho de 8,0 mm descrito por RIOS (1994), porém com características conquiliológicas semelhantes. Segundo KLAPPENBACH (1986), a espécie é comparável a *Olivella puelcha* (Duclos, 1840) e *Oivella plata* (Ihering, 1909). A identificação foi baseada na comparação com vários lotes do MORG, na descrição original e em RIOS (1994), estando os exemplares contidos nos limites geográficos e batimétricos conhecidos da espécie.

Quadro 32 - Dados conquiliométricos (mm) de *O. orejasmirandai*:

#	C	L	#	C	L	#	C	L	#	C	L
1	2,0	1,2	6	3,5	1,8	11	9,2	3,6	16	10,1	4,2
2	2,3	1,4	7	4,3	2,1	12	7,2	3,0	17	8,7	3,3
3	2,5	1,5	8	5,8	2,6	13	8,3	3,3	18	8,8	3,3
4	2,4	1,3	9	6,0	2,7	14	8,8	3,5	19	9,5	3,8
5	3,2	1,7	10	6,3	2,5	15	10,0	4,7			

Família Marginellidae Fleming, 1828

Gênero *Dentimargo* Cossmann, 1899

Dentimargo janeiroensis (E. A. Smith, 1915) Figs. 62, 63

Marginella janeiroensis E. A. Smith, 1915. Zoology, 2:61-112, pls. 1-2.

Localidade-tipo: Ao largo do Rio de Janeiro, Brasil, 40 fms. [22°56'S, 41°34'W]

Caracterização da concha: Protoconcha globosa e lisa com 1 volta. Teleoconcha branca leitosa com 3 voltas. Sutura pouco marcada. Uma pequena carena arredondada na parte posterior da abertura, que em alguns exemplares é suave. Lábio externo espessado com 6 ou 7 dentículos. Columela com 4 dobras, sifão muito curto e amplo. Umbílico e sifão anal ausentes.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 111 exemplares.

Distribuição geográfica: Endêmica do leste brasileiro (Rio de Janeiro) (RIOS 1994; MALACOLOG 2002) Rio Grande do Sul (registro presente).

Habitat: Fundos arenosos 50 a 72 m (RIOS 1994; MALACOLOG 2002) chegando a 100 m (registro presente).

Discussão: Material muito bem preservado, brilhante, contendo jovens e adultos. Alguns exemplares perfurados por gastrópodes. Conchas de tamanho semelhante aos 4,2 mm descritos por RIOS (1994) (atingem o tamanho de 3,8 mm). Identificação relativamente fácil devido ao número de dentículos e coloração. Identificação confirmada por comparação como os lotes MORG 27098, 18160 e 42299, constituindo o primeiro registro da espécie para o sul do Brasil, não podendo mais ser considerada como endêmica ao leste brasileiro conforme RIOS (1994), e para águas mais profundas que 72 m.

Quadro 33 - Dados conchiliométricos (mm) de *D. janeiroensis*:

#	C	L	NVT	Obs.
1	2,1	1,4	3	
2	2,2	1,4	3,25	Perf por gastrópode
3	2,2	1,3	3	Perf por gastrópode
4	2,4	1,5	3,25	
5	2,7	1,7	3,5	Perf por gastrópode
6	3,3	1,9	3,75	Perf por gastrópode
7	3,4	2,0	3,75	Perf por gastrópode
8	3,5	2,1	3,75	
9	3,7	2,0	4,0	
10	3,6	2,1	4,0	
11	3,7	2,1	4,0	
12	3,7	2,2	4,0	
13	3,8	2,2	4,0	

Gênero *Granulina* Jousseume, 1888

Granulina ovuliformis (Orbigny, 1841) Figs. 64, 65

Marginella ovuliformis Orbigny, 1841. Histoire Physique, Politique et Naturelle de l'île de Cuba 2: 1-112.

Localidade-tipo: Martinica, São Tomé e Guadalupe

Caracterização da concha: Protoconcha recoberta pela espira (convoluta). Abertura moderadamente ampla, tão grande quanto a concha, que é globosa, lisa e brilhante, semelhante à *Cyprea*. Lábio externo espessado, crenulado. Columela com 4 dobras. As duas primeiras bem evidentes e as 2 posteriores menores e menos visíveis.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 117 exemplares.

Distribuição geográfica: Carolina do Norte à Flórida (EUA), Caribe, Brasil e Uruguai (RIOS 1994; MALACOLOG 2002).

Habitat: Fundos arenosos de 5 a 95 m (RIOS 1994) chegando a 100 m (registro presente).

Discussão: Material em ótimo estado de conservação, contendo conchas brilhantes, adultas e jovens. Material com relativa facilidade de identificação pelo formato característico, tamanho e formato da abertura. Conchas um pouco maiores que os 2.5 mm indicados por RIOS (1994), tratando-se provavelmente de variação intraespecífica. A identificação foi confirmada por comparação com os lotes MORG 21452, 33459 e 42298, que possuem exemplares com

características semelhantes. Os exemplares forma coletados a profundidade pouco maior que a até então conhecida.

Quadro 34 - Dados conquiliométricos (mm) de *G. ovuliformis*:

#	C	L	#	C	L	#	C	L
1	1,9	1,3	7	2,2	1,6	13	2,5	1,9
2	1,8	1,2	8	2,4	1,7	14	2,7	2,0
3	1,8	1,2	9	2,4	1,6	15	2,7	1,9
4	2,0	1,3	10	2,7	2,0	16	2,6	1,9
5	2,4	1,6	11	2,8	2,1	16	2,6	1,9
6	2,3	1,7	12	2,6	2,0			

Gênero *Prunum* Herrmannsen, 1852

Prunum martini (Petit, 1853) Fig. 66

Marginella martini Petit, 1853. Journal de Conchyliologie 4:360-369, pls. 11-12.

Localidade-tipo: “près de Rio de Janeiro”

Caracterização da concha: Concha grande, subcilíndrica com cerca de 4 voltas. Espira recoberta por um fino calo e a sutura recobre a penúltima volta. Concha lisa e brilhante, abertura grande e estreita. Lábio externo espessado e liso, interno contendo 4 dobras columelares bem desenvolvidas e recoberto por um fino calo. Canal anal relativamente profundo e canal sifonal bastante aberto.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 21 exemplares.

Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), van veen: 5 exemplares.

Distribuição geográfica: Espírito Santo (Brasil) ao golfo do San Matias (Argentina) (RIOS 1994; MALACOLOG 2002).

Habitat: Fundos arenosos de 10 a 55 m. (RIOS 1994; MALACOLOG 2002), chegando a 100 m (registro presente).

Discussão: Material em bom estado de conservação contendo conchas com brilho e coloração bastante fortes. Conchas de animais jovens com até 19,5 mm (adultos chegam a 30 mm, segundo RIOS (1994)). Frequentemente encontrado no trato digestivo de *Astropecten brasiliensis*

(Echinodermata, Asteroidea) e em comunidades de *Glycymeris longior* (Sowerby, 1833) (Mollusca, Bivalvia) (RIOS 1994). A identificação foi confirmada por comparação com vários lotes do MORG, constituindo o registro de coleta mais profunda desta espécie (100 m).

Quadro 35 - Dados conquiliométricos (mm) de *P. martini*:

#	C	L	NVT	Obs.
1	3.0	1.8	3.75	
2	25.0	11.8	3.25	
3	12.25	5.5	2.0	
4	4.20	2.4	2.5	
5	5.11	2.77	3.5	Volta do corpo com 2 perf de gast e 1 perf. No lab. Int.
6	5.9	2.8	2.0	Espira mais pontuda. Sifão mais curto e rombudo
7	8.2	3.8	3.0	Lábio externo lascado em vários pontos
8	10.0	4.5	2.75	Perfuração de gastropode na V.C. (sinum parietal
9	10.5	6.25	2.75	Várias perf. De gast. Pela concha
10	10.6	6.25	3.25	Lábio fragmentado
11	11.38	5.15	3.25	Concha perfeita
12	13.26	7.8	3.25	
13	16.05	9.36		
14	15.6	6.86	2.75	Lábio quebrado Espira alta
15	19.5	10.00	3.25	Lábio lascado

Família Mitridae Swainson, 1831

Gênero *Mitra* Lamarck, 1798

Mitra larranagai (Carcelles, 1947) Figs. 67, 68

Mitra larranagai Carcelles, 1947. Comunicaciones del Museo de Historia Natural de Montevideo, 2(40):1-16.

Caracterização da concha: Protoconcha com 4 voltas, lisas e convexas. Concha fusiforme 7 voltas. Sutura bem marcada. Escultura composta por cerca de 17 estrias espirais, ausentes na base. Concha branca com perióstraco marrom com aspecto de feltro. Abertura estreita com três dobras columelares. Canal sifonal curto e relativamente largo.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 77 exemplares; Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), van veen: 6 exemplares jovens.

Distribuição geográfica: Rio de Janeiro (Brasil) a Punta Medanos (Argentina) (RIOS 1994).

Habitat: Areia e cascalho associado a esponjas de 40 a 175 m (RIOS 1994; MALACOLOG 2002).

Discussão: Material constituído por muitos de jovens e poucos adultos [RIOS (1994) indica que os adultos possuem 30 mm]. Exemplares de forma geral danificados, porém contendo conchas com perióstraco. Identificação confirmada por comparação com os exemplares de vários lotes do MORG, em especial do lote MORG 17538. Os exemplares estão contidos nos limites batimétricos e geográficos conhecidos para a espécie. Conforme MALACOLOG (2002) a espécie foi transferida para o gênero *Cancilla* Swainson, 1840, entretanto o autor desta nova combinação não é indicado.

Quadro 36 - Dados conchiliométricos (mm) de *M. larranagai*:

#	C	L	NVP	NVT	Esc esp.	Obs
1	3.0	1.3	4.25	1.75	16	Apagada finamente reticulada (jovem)
2	3.6	1.6	4.25	2.25	15-16	Apagada. 6 Cordas de "pits". 2 furos de gast.
3	3.9	1.6	4.25	3.0	15-16	Apagada. 6 cordas de "pits". Lábio ext. quebrado
4	5.6	2.1	3.75	3.25	16	2 furos de gastrópodes
5	5.1	2.1	4.0	3.0	16	
6	11.8	3.9	-	5,0	16	2 furos de gastrópodes. Protoconcha quebrada
7	11.6	4.0	4.0	5.0	16	
8	23.2	6.6	4.0	7.5	16-17	Ainda com periostaco
9	28.5	9.7	-	7	16-17	Protoconcha quebrada; sem periostaco
10	21.0	6.2	-	6.75	17	Protoconcha quebrada; periostaco em algumas partes

Família Cancellariidae Forbes & Hanley, 1853

Gênero *Axelella* Petit, 1988

Axelella aff. *brasiliensis* Verhecken, 1991 Fig. 69

Axelella brasiliensis Verhecken, 1991. Bulletin du Muséum National d'Histoire Naturelle (Zoologie), 12 (4):547-553.

Localidade-tipo: 18°58'S, 37°49'W, Cruzeiro do NOc. Marion-Dufresne MD 55, Sta. SY 74,

Caracterização da concha: Protoconcha bulbosa a mamilar com 1,5 voltas amplas. Teleoconcha com 2 voltas com quilhas bem marcadas. Escultura composta de 3 a 4 cordas espirais e 14 a 15 varizes axiais. Lábios lisos, sendo o interno um pouco espessado. Umbílico praticamente fechado deixando apenas uma estreita abertura ao lado do curto e aberto sifão. Abertura oval marcada pela carena.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 7 exemplares.

Distribuição geográfica: Sudeste brasileiro (RIOS 1994), Espírito Santo (MALACOLOG 2002) e Rio Grande do Sul (registro presente).

Habitat: a 100 m (registro presente) e águas profundas 682 m (RIOS 1994).

Discussão: Material em ótimo estado, íntegro. Aparentemente se tratam de jovens, uma vez que RIOS (1994) afirma que exemplares desta espécie atingem 4,8 mm e 4 voltas. Entretanto, os exemplares analisados são muito semelhantes aos contidos no lote MORG 42023 (*A. brasiliensis*), com o qual foi comparado a fim de se confirmar a identificação. Caso venha a se confirmar, o presente registro se constitui no primeiro para a espécie em profundidades inferiores a 682 m e para o sul do Brasil.

Quadro 37 - Dados conchiliométricos (mm) de *A. brasiliensis*:

#	C	L	NVP	NVT	Esc. esp.	Esc. ax.	Obs.
1	2.4	1.5	1.5	2.0	4	15	Perfurada
2	2.8	1.7	1.5	2.5	3	14	
3	2.7	1.6	1.5	2.0	3-4	15	
4	2.4	1.4	1.5	1.75	3	15	
5	2.7	1.6	1.5	2.0	3	14	Volta do corpo quebrada
6	2.4	1.5	1.5	2.0	4	14-15	
7	2.4	1.6	1.5	2.0	3	-	Branca translúcida

Família Conidae Rafinesque, 1815

Gênero *Conus* Linnaeus, 1758

Conus clerii Reeve, 1844 Fig. 70

Conus clerii Reeve, 1844. Conchologia Iconica, p. 40-47, 1 il.

Localidade-tipo: Cabo de São Tomé – RJ, Brasil

Caracterização da concha: Protoconcha mamilar (desgastada). Teleoconcha com 7,75 voltas com 18 x 8,7 mm. A espira possui suaves nódulos e a volta do corpo é lisa, exceto pela presença de linhas de crescimento e cerca de 12 linhas tênues na base. Concha fusiforme com a espira relativamente alta. Abertura estreita e columela lisa. Sutura bem marcada mas não canaliculada. Cor creme com manchas marrom irregulares.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 2 exemplares; Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), van veen: 1 exemplar.

Distribuição geográfica: Endêmico ao Brasil (Bahia ao Rio Grande do Sul) (RIOS 1994); do Rio Grande do Sul, Brasil, a Puerto Deseado, Santa, Argentina (CORTÉS & NAROSKY 1997).

Habitat: Normalmente em profundidades de 16 a 66 m, sendo predadores ativos, utilizando sua rádula modificada em dardos envenenados para paralisar e ingerir suas presas. (RIOS 1994). *C. tostesii* (sinônimo) é citado para até 100 m (MALACOLOG 2002).

Discussão: Animal jovem, com a coloração bastante esmaecida e abertura danificada. A identificação das espécies de *Conus* é bastante problemática, principalmente devido ao grande número de sinônimos (possivelmente devido a plasticidade morfológica das espécies) e da semelhança de caracteres. Material foi identificado por comparação com diversos lotes de *C. clerii* do MORG, inclusive com jovens, os quais permitiram comparar a forma da espira e o padrão de coloração que ainda restava no exemplar analisado. O registro da ocorrência de *C. clerii* para a Argentina (CORTÉS & NAROSKY 1997) invalida a afirmação de RIOS (1994) quanto a espécie ser endêmica do Brasil.

Família Turridae Swainson, 1840

Gênero *Brachytoma* Swainson, 1840

Brachytoma rioensis (E. A. Smith, 1915) Fig. 71

Drillia rioensis E. A. Smith, 1915. Zoology, 2:61-112, pls. 1-2.

Localidade-tipo: Ao largo do Rio de Janeiro, 72 m [22°56'S, 41°34'W].

Caracterização da concha: Protoconcha mamilada com 1,5 a 1,75 voltas convexas e lisas. Teleoconcha com 6 voltas fracamente quilhadas. Escultura composta de costelas tênues axiais oblíquas, trespassadas por linhas espirais também tênues e, nos intervalos, finíssimas pústulas que dão uma aparência áspera à concha. Canal sifonal alongado e levemente inclinado em direção ventral. Canal sifonal anal profundo; sutura inconspícua. Lábio externo se espessando para formar as costelas axiais.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 22 exemplares.

Distribuição geográfica: Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul (RIOS 1994; MALACOLOG 2002).

Habitat: Fundos areno-lodosos de 75 a 125 m (RIOS 1994; MALACOLOG 2002).

Discussão: Material, de modo geral, em bom estado, com alguns exemplares rolados. Conchas de animais jovens, uma vez que os adultos atingem 17 x 5,5 mm segundo RIOS (1994). A identificação foi confirmada por comparação com os exemplares dos lotes MORG 14553; 17456 e 16503. Os exemplares estão contidos nos limites geográficos e batimétricos da espécie.

Quadro 38 - Dados conquiliométricos (mm) de *B. rioensis*:

#	C	L	NVP	NVT	Esc. esp.	Esc. ax.	Obs.
1	1.9	1.0	1.5	1.5			
2	3.6	1.7	1.5	2.0	7/11	11	
3	3.2	1.8	1.5	2.0	6/11	12	
4	2.0	1.1	1.5	1.75			
5	2.1	1.0	1.5	1.75			
6	8.7	3.3	1.5	4	12/+	10	
7	11.0	4.0	1.5	5	11/+	11	
8	11.2	5.5	1.5	5		11	
9	10.4	4.1	1.5	4.5		11	
10	13.4	4.9	1.5	5.5		12	
11	12.4	4.2	1.5	5.25		11	
12	9.9	3.9	1.5	4.75		12	
13	11.0	4.0	1.5	5.0		11	
14	10.2	3.8	1.5	4.75		12	

Gênero *Drilliola* Cosmann, 1903

Drilliola loprestiana (Calcara, 1841) Figs. 72, 73

Pleurotoma loprestiana Calcara, 1841

Caracterização da concha: Protoconcha com 4 voltas, sendo a primeira lisa e as demais com costelas axiais. Teleoconcha com 4,25 voltas ornamentadas por de 4 a 6 costelas radiais bem pronunciadas (1 na linha de sutura, 1 maior na carena e 1 ou 2 menores na base), entre as costelas radiais existem costelas axiais bem definidas mas pouco pronunciadas. Abertura com canal sifonal pequeno e amplo. Lábio externo fino e liso. Canal anal profundo. Columela lisa e umbílico pequeno

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 80 exemplares.

Distribuição geográfica: Ao largo da Flórida, Texas e Geórgia – EUA –, Caribe e Brasil (ao largo de Santa Catarina) (RIOS 1994; MALACOLOG 2002) Rio Grande do Sul (registro presente).

Habitat: Registro em SC a 250 m (RIOS 1994), de 48 a 250 m (MALACOLOG 2002), sendo o sinônimos *Drilliola comatotropis* Dall, 1881, citado para 1170 m e *Pleurotomela tiara* Watson, 1881 para 1829 m (MALACOLOG 2002).

Discussão: RIOS (1994) cita esta espécie para o Brasil sob o nome de *Drilliola comatotropis* (Dall, 1881), entretanto BOUCHET & WARÉN (1980; apud MALACOLOG 2002) colocam esta espécie na sinonímia de *D. loprestiana*. Material em bom estado com alguns exemplares erodidos. Conchas de animais adultos (Segundo RIOS (1994) chegam a 5 mm), constituindo o primeiro registro da espécie para o Rio Grande do Sul. Identificação confirmada por comparação com o lote MORG 42308 (*Drilliola loprestiana*).

Quadro 40 - Dados conquiliométricos (mm) de *D. loprestiana*:

#	C	L	NVP	NVT	Esc. esp	obs
1	4.5	1.9	-	4.5	6/4	
2	3.9	1.6	4	3.75	5/5	
3	3.5	1.5	4	4.25	4/5	
4	4.2	1.7	4	4.25	4/5	
5	4.4	1.7	4	4.25	4/5	
6	4.0	1.8	4	4.0	4/5	
7	3.6	1.5	4	3.5	4/5	
8	3.5	1.7	4	3.5	4/5	
9	3.3	1.7	4	3.5	4/5	
10	3.3	1.4	4	3.5	4/5	
11	3.4	1.5	4	3.5	4/5	
12	3.4	1.5	4	3.5	4/5	
13	2.0	1.0	4	2.0	4/5	
14	2.6	1.3	4	2.5	4/5	
15	2.6	1.3	4	2.5	4/5	
16	2.6	1.3	4	2.5	-	

Gênero *Spirotropis* Sars, 1878

Spirotropis aff. *lithocolleta* (Watson, 1881) Figs. 75, 75

Pleurotoma lithocolleta Watson 1881. Zoological Journal of the Linnean Society, 15:413-455.

Localidade-tipo: Estação da Challenger. 23, ao largo da Ilha Sombrero

Caracterização da concha: Protoconcha globosa, lisa com 1,5 voltas. Teleoconcha com 6,5 voltas pouco convexas sem escultura espiral. Axialmente estão presentes costelas oblíquas que não tocam a linha da sutura. Abertura pequena, canal sifonal anal em foram de “U” e relativamente profundo; sutura bem marcada por uma variz resultante do canal sifonal anal. Canal sifonal curto e robusto. Lábio interno espessado por um calo.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 39 exemplares; Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), van veen: 3 exemplares.

Distribuição geográfica: Flórida (EUA), Caribe e sul do Brasil – Rio Grande do Sul (RIOS 1994).

Habitat: Fundos areno lodosos 80 a 120 m (RIOS 1994), chegando a 823 m (MALACOLOG 2002).

Discussão: Material contendo conchas de animais de jovens e adultos (segundo RIOS (1994) os adultos atingem 10 mm) a maior parte em bom estado, porém alguns estão perfurados por gastrópodes. Existe uma variz, na região da sutura, nos exemplares analisados que não existe nos exemplares dos lotes de *S. lithocolleta* do MORG. A identificação foi baseada na comparação com os lotes de *S. lithocolleta* do MORG, em especial o lote MORG 30595 (Florianópolis). Os exemplares forma coletados dentro dos limites batimétricos e geográficos conhecidos para a espécie.

Quadro 49 - Dados conquiliométricos (mm) de *S. aff. lithocolleta*:

#	C	L	NVP	NVT	Esc. esp.	Esc. ax.	Obs.
1	9.4	3.2	1.5	6.5	1	10	
2	7.5	2.7	1.5	5.0	1	10	
3	9.2	3.2	1.5	6.5	1	11	Várias cicatrizes de quebra
4	.2	3.2	1.5	6.5	1	11	
5	8.5	3.0	1.5	6.5	1	-	Abertura e outros pontos quebrados
6	10.2	3.0	1.5	6.75	1	10	
7	9.4	3.0	1.5	6.5	1	11	
8	7.8	2.8	1.5	6.0	1	10	Perf. Gastr. ; sifão anal perfurado
9	8.9	3.2	1.5	6.0	1	10	Perf. Gastr.
10	7.0	2.5	1.5	5.0	1	10	
11	3.9	1.5	1.5	2.0	1	10	
12	3.9	1.5	1.5	2.0	1	10	
13	3.9	1.5	1.5	2.0	1	10	
14	3.9	1.5	1.5	2.0	1	10	
15	3.9	1.5	1.5	2.0	1	11	
16	3.9	1.5	1.5	2.0	1	11	

Spirotropis stiophora (Watson, 1881) Fig. 76

Pleurotoma stiophora Watson, 1881. Zoological Journal of the Linnean Society, 15:413-455.

Localidade-tipo: Estação da Challenger nº 122, off Pernambuco, Brasil.

Caracterização da concha: Protoconcha lisa e globosa com 1,5 voltas. Teleoconcha fusiforme com 6 voltas contendo espiralmente uma única corda com 11 a 15 nódulos pontiagudos e pouco pronunciados. Canal sifonal relativamente curto. Lábio externo fino e liso; lábio interno espessado e liso, unido a um pequeno escudo parietal. Canal sifonal anal profundo em forma de “U”.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 76 exemplares

Distribuição geográfica: Brasil (Pernambuco ao Rio Grande do Sul) (RIOS 1994; MALACOLOG 2002).

Habitat: Fundos areno lodosos de 85 a 640 m (RIOS 1994).

Discussão: Material em ótimo estado de conservação, contendo conchas de animais jovens e adultos maiores que os descrito por RIOS (1994) (com 8,2 mm, sendo que os adultos, segundo RIOS (1994) atingem 6 mm). A identificação foi confirmada por comparação com os lotes

MORG 42476 e 32774 (encontrados no trato digestivo do peixe-morcego - COSTA, *et al.* 1997).
Exemplares coletados dentro dos limites geográficos e batimétricos conhecidos para a espécie.

Quadro 50 - Dados conquiliométricos (mm) de *S. stirophora*:

#	C	L	NVP	NVT	Esc. esp.	Esc. ax.	Obs.
1	7.2	2.5	1.5	6	1	12	
2	8.2	2.8	1.5	5.75	1	11	
3	6.5	2.5	1.5	5	1	15	
4	6.3	2.4	1.5	5.25	1	14	
5	7.3	2.4	1.5	6	1	13	
6	5.8	2.2	1.5	5.5	1	15	Perf. Gastr
7	6.0	2.2	1.5	5.5	1	14	Perf. Gastr (2)
8	5.3	2.0	1.5	4.75	1	13	
9	4.5	1.8	1.5	4.5	1	13	
10	3.5	1.6	1.5	2.5	1	11	
11	3.0	1.5	1.5	2.5	1	11	
12	3.0	1.5	1.5	2.5	1	11	
13	3.0	1.5	1.5	2.5	1	11	
14	3.0	1.5	1.5	2.5	1	11	
15	3.0	1.5	1.5	2.5	1	11	
16	3.0	1.5	1.5	2.5	1	11	

Gênero *Splendrillia* Hedley, 1922

Splendrillia carolinae (Bartsch, 1934) Fig. 77

Syntomodrillia carolinae Bartsch, 1934. Smithsonian Miscellaneous Collections, 91(2):1-29, 8 pls.

Localidade-tipo: Estação do Caroline n. 10 [ao largo da costa norte de Porto Rico].

Caracterização da concha: Protoconcha lisa, pequena com 2 voltas. Teleoconcha com 6 a 7 voltas pouco convexas contendo de 14 a 15 costelas axiais oblíquas e bem desenvolvidas. Escultura espiral ausente exceto por cerca de 6 linha espirais sobre o sifão. Coloração rosa claro.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 12 exemplares; Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), van veen: 3 adultos 1 jovem.

Distribuição geográfica: Porto Rico e sul do Brasil (Rio Grande do Sul) (RIOS 1994; MALACOLOG 2002).

Habitat: Fundos areno lodosos de 100 a 219 m (MALACOLOG 2002).

Discussão: Material em estado razoável de conservação, contendo conchas de animais jovens e adultos (com 9 mm, sendo que os adultos, segundo RIOS (1994) atingem 10 mm). A identificação foi confirmada por comparação com os lotes MORG 17720 e 18345. Exemplares coletados dentro dos limites geográficos e batimétricos conhecidos para a espécie.

Quadro 51 - Dados conquiliométricos (mm) de *S. carolinae*:

#	C	L	NVP	NVT	Esc. ax	obs
1	8.3	3.0	2	6	16	
2	8.8	3.2	2	6.25	16	
3	9.2	3.3	2	7.0	16	
4	9.0	3.2	2	6.5	16	
5	8.5	3.1	2	6.25	16	
6	8.2	2.8	2	-	16	
7	5.8	2.4	2	5.0	15	
8	7.9	2.9	2	5.75	14	
9	2.9	1.4	2	3	10	
10	4.5	2.2	2	4	10	
11	4.2	2.0	2	4	10	

Gênero *Fusiturricula* Woodring, 1928

Fusiturricula lavinoides limoensis (Olsson, 1922) Fig. 78

Turricula lavinoides limoensis Olsson, 1922

Caracterização da concha: Protoconcha lisa e globosa com 2 voltas. Teleoconcha creme róseo com 5 a 6 voltas e escultura composta por costelas axiais oblíquas pouco proeminentes, cortadas por cerca de 8 tênues linhas espirais na periferia. Sutura bem delimitada por uma costela espiral bem marcada. Abertura fusiforme com o sifão anal profundo em forma de “C”. Concha quilhada com as extremidades superiores das costelas bem desenvolvidas como pequenos nódulos.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 14 exemplares.

Distribuição geográfica: Caribe e Brasil (Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul) (RIOS 1994; MALACOLOG 2002).

Habitat: Dragado em Chuí, RS, a 70 m de profundidade (RIOS 1994; MALACOLOG 2002) chegando a 100 m (registro presente).

Discussão: Material em com estado, contendo jovens e adultos. Conforme indicado por RIOS (1994) é prontamente identificada pela característica costela espiral delimitando a sutura. A identificação foi confirmada por comparação com os lotes MORG 16535 e 26373, constituindo o presente registro o de maior profundidade de coleta da espécie (100 m).

Quadro 41 - Dados conquiliométricos (mm) de *F. lavinoides limoensis*:

#	C	L	NVP	NVT	Esc. esp.	Esc. ax.	Obs.
1	11.1	4.2	2	5.25	8/+	15	
2	10.5	3.8	2	5.0	7/+	15	
3	9.4	3.6	2	5.0	5/+	15	Perf. Gastrópode
4	9.3	3.5	2	5.0	-	-	Abertura quebrada
5	5.5	2.5	2	4.0	5/+	12	
6	2.4	1.2	2	1.0	3/-	0	
7	2.3	1.2	2	1.0	3/0	0	
8	2.5	1.2	2	1.0	3/0	0	
9	3.2	1.6	2	2.5	-	12	Perf. Gastrópode
10	3.8	1.8	2	2.5	5/-	12	
11	3.8	-	2	-	-	12	
12	5.3	2.3	2	3.5	5/-	12	
13	-	-	-	-	-	-	Fragmento da espira
14	-	-	-	-	-	-	Fragmento da espira

Gênero *Compsodrillia* Woodring, 1928

Compsodrillia gundlachi (Dall & Simpson, 1901) Fig. 79

Drillia gundlachi Dall & Simpson 1901. U. S. Fisheries Commission Bulletin, 20:351-524, pls. 53-58.

Localidade-tipo: Mayaguez Harbor, Porto Rico.

Caracterização da concha: Protoconcha com 2 voltas, sendo a 2^a volta carenada. Teleoconcha fusiforme a turriforme com espira alta e cerca de 10 voltas. Escultura composta de 2 cordas espirais bem pronunciadas e cerca de 22 cordas muito mais finas. Na base cerca de 8 cordas bem pronunciadas e várias cordas mais finas. Cerca de 12 costelas axiais baixas e oblíquas estão presentes na volta do corpo. A abertura é elíptica com canal sifonal curto e estreito se abrindo na extremidade. Canal sifonal anal profundo e em forma de “U”, um pouco acima da linha de sutura. Lábio interno um pouco espessado.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 4 exemplares; Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), van veen: 1 exemplar.

Distribuição geográfica: Porto Rico e Brasil - Amapá ao Rio de Janeiro (RIOS 1994) e Rio Grande do Sul (registro presente).

Habitat: Areia lodosa de 50 a 100 m (RIOS 1994; MALACOLOG 2002).

Discussão: Segundo MALACOLOG (2002) a espécie estaria alocada no gênero *Stenodrillia*, porém não indica o autor da nova combinação. Material em estado razoável de conservação, contendo conchas de animais jovens (com 20 mm, sendo que os adultos, segundo RIOS (1994) atingem 27 mm). A identificação foi confirmada por comparação com os lotes MORG 27141 e 30598, constituindo o primeiro registro da espécie para o Rio Grande do Sul.

Quadro 52 - Dados conquiliométricos (mm) de *C. gundlachi*:

#	C	L	NVP	NVT	Esc. esp.	Esc. ax.	Obs.
1	16.6	4.4	1.75	9	3 largas 18 estreitas \ base com 6 largas e muitas pequenas	12	
2	20.0	5.3	1.75	9.25	3 largas 18 estreitas \ base com 6 largas e muitas estreitas	12	fragmentos

Gênero *Mitrolumna* Bucquoy, Dautzenberg & Dollfus, 1882

Mitrolumna biplicata (Dall, 1889) Fig. 80

Mitromorpha biplicata Dall, 1889. Bulletin of the Museum of Comparative Zoology, 18:1-492, pls. 10-40.

Localidade-tipo: Barbados, a 100 fms (DALL 1889)

Caracterização da concha: Protoconcha globosa com 1,5 voltas. Teleoconcha fusiforme, branca, com espira e alta e 5 voltas esculturadas por 5 cordas espirais que se encontram com fracas costelas axiais, produzindo pequenos nódulos e uma escultura reticulada. Na volta do corpo existem cerca de 15 cordas espirais que se estendem pela base. A Sutura se confunde com um sulco entre a primeira e a segunda cordas espirais. A abertura é estreitada e possui um fraco calo parietal. A columela possui duas fracas dobras e o lábio externo é fino e liso. Umbílico é ausente ou pelo menos recoberto. O sifão é curto e largo, robusto.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 26 exemplares; Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), van veen: 1 exemplar.

Distribuição geográfica: Bermudas, Flórida e Brasil – “Mortague Seamont” (RIOS 1994) e Rio Grande do Sul (registro presente); Estados Unidos, Colômbia e Barbados (MALACOLOG 2002).

Habitat: Associado a algas calcárias de 10 (MALACOLOG 2002) a 600 m (RIOS 1994). O sinônimo *Mitra grannatula* é citado para 805 m (MALACOLOG 2002).

Discussão: Material em bom estado, contendo conchas de animais jovens e de adultos (com 4,5 voltas). Espécie com desenho geral bastante peculiar. A identificação foi confirmada por comparação com os lotes Morg 39462; 40568 e 40342, constituindo o primeiro registro para o Rio Grande do Sul.

Quadro 44 - Dados conchiliométricos (mm) de *M. biplicata*:

#	C	L	NVP	NVT	Esc. esp.	Esc. ax.	Obs.
1	4.2	2.0	1.5	3.5	5/8	28	
2	3.9	1.8	1.5	3.5	5/8	28	
3	3.5	1.7	1.5	2.5	5/8	-	
4	6.0	2.7	1.5	4.5	5/9	36	
5	5.4	2.4	1.5	4.5	4/-	30	
6	4.9	2.2	1.5	4.0	5/9	24	Perf. Gastr.
7	5.3	2.3	1.5	4.0	5/9	25	
8	4.2	2.0	1.5	3.5	5/8	28	
9	3.8	1.8	1.5	3.25	5/7	26	
10	4.4	2.1	1.5	3.75	5/8	26	Perf. Gastr.
11	3.0	1.7	1.5	3.0	5/7	-	
12	1.8	1.2	1.5	2.0	5/8	24	
13	2.0	1.2	1.5	2.0	5/8	25	
14	2.3	1.3	1.5	1.25	5/8	25	
15	2.2	1.2	1.5	1.25	5/8	24	

Gênero *Nannodiella* Dall, 1919

Nannodiella vespuciana (Orbigny, 1842) Figs. 81, 82

Pleurotoma vespuciana Orbigny, 1842. Mollusques. In: Ramon de la Sagra ed. Histoire Physique, Politique et Naturelle de l'île de Cuba 2 1-112, pls. 10-21.

Localidade-tipo: Martinica, Guadalupe e Cuba

Caracterização da concha: Protoconcha grande com 4 voltas, contendo uma carena bem proeminente e uma corda nodulosa na sutura. Teleoconcha com 4 voltas, contendo 5 cordas espirais que se encontram com costelas axiais formando nódulos nos pontos de intercessão. Espaço entre as cordas espirais é microesculturada com pequenos nódulos. A base possui 6

cordas espirais e 5 sobre o sifão. A abertura relativamente larga; canal sifonal curto e reto. Lábios são lisos e o grande canal sifonal anal possui uma projeção característica. Na base do canal sifonal anal encontra-se um pequeno calo (semelhante a um dentículo) que o delimita internamente.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 11 Exemplares

Distribuição geográfica: Flórida (EUA), Caribe e norte do Brasil (RIOS 1994) Rio Grande do Sul (registro presente).

Habitat: dragada em profundidades de 100 m em fundos areno-lodosos (RIOS 1994).

Discussão: Material em bom estado, contendo conchas de animais de adultos (com 3,3 mm, sendo que os adultos, segundo RIOS (1994) atingem 4 mm). A identificação foi confirmada por comparação com os lotes Morg 28463; 26930 e 41336, constituindo o primeiro registro da espécie para o Rio Grande do Sul.

Quadro 45 - Dados conchiliométricos (mm) de *N. vespucciana*:

#	C	L	NVP	NVT	Esc. esp	Esc. ax	Obs.
1	3.2	1.5	3.5	3	6/4	13	
2	3.3	1.5	3.5	3	6/4	13	
3	3.3	1.5	3.5	3	6/4	13	
4	3.3	1.5	3.5	3	6/4	13	
5	3.3	1.5	3.5	3	6/4	13	
6	3.3	1.5	3.5	3	6/4	13	
7	3.3	1.5	3.5	3	6/4	13	
8	3.0	1.3	3.5	2.5	6/4	13	
9	2.9	1.5	3.5	2.75	6/4	13	
10	2.3	1.0	3.5	2.0			Quebrada

Gênero *Ithycythrara* Woodring, 1928

Ithycythara lanceolata (C. B. Adams, 1850) Figs. 83, 84

Mangelia lanceolata C. B. Adams, 1850. Contributions to Conchology, 4:56-68.

Localidade-tipo: Jamaica

Caracterização da concha: Protoconcha grande com 3,25 voltas convexas. Teleoconcha com 5 voltas com a sutura bem marcada e 6 costelas axiais agudas; cada costela possui um pequeno nódulo bem marcado no meio da costela. A abertura é pequena e estreita. Canal sifonal anal raso

mas bem marcado, dois denticulos marcam o sifão internamente: um no lábio interno e um no externo. Lábio externo finamente denticulado e o interno um pouco espessado.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 28 exemplares.

Distribuição geográfica: Flórida (EUA), Caribe, Brasil (RIOS 1994; MALACOLOG 2002).

Habitat: Em fundos arenosos e coralinos, de 10 a 100 m sobre *Sargassum* (RIOS 1994; MALACOLOG 2002).

Discussão: Conchas de animais relativamente jovens (com 5 mm, enquanto adultos chegam a 8 mm segundo RIOS (1994)), porém em bom estado, com coloração forte e escultura bem distinta. Espécie de relativa fácil identificação devido ao número fixo de 6 costelas axiais em todas as voltas contendo um nódulo. A identificação foi confirmada por comparação com o lote MORG 12480, estando os espécimens coletados dentro dos limites batimétricos e geográficos conhecidos para a espécie.

Quadro 42 - Dados conchiliométricos (mm) de *I. lanceolata*:

#	C	L	NVP	NVT	Esc. Esp	Esc. Ax	obs
1	5.0	1.8	3.25	4.0	1	6	
2	5.0	1.8	3.25	4.0	1	6	
3	4.1	1.7	3.25	3.25	1	6	
4	4.0	1.7	3.25	3.25	1	6	
5	4.0	1.6	3.25	3.25	1	6	
6	3.3	1.4	3.25	3.0	1	6	
7	4.5	1.7	3.25	3.5	1	6	
8	4.1	1.5	3.25	3.5	1	6	
9	3.7	1.4	3.25	3.0	1	6	
10	3.7	1.5	3.25	3.0	1	6	
11	3.5	1.4	3.25	3.0	1	6	
12	2.7	1.2	3.25	2.5	1	6	
13	2.8	1.2	3.25	2.5	1	6	
14	2.5	1.3	3.25	2.5	1	6	
15	2.6	1.3	3.25	2.5	1	6	

Gênero *Kurziella* Dall, 1918

Kurtziella serga (Dall, 1881) Figs. 85, 86

Pleurotoma serga Dall, 1881. Bulletin of the Museum of Comparative Zoology, 9:33-144.

Localidade-tipo: Leito do “Gulf Stream”

Caracterização da concha: Protoconcha com 4 voltas, sendo as duas primeiras lisas e as seguintes com costelas axiais. Teleoconcha com 5 voltas contendo costelas axiais bem pronunciadas (cerca de 11 na volta do corpo). Três costelas radiais na periferia e 7 ou 8 na base, além de várias cordas de minúsculos nódulos que dão a aparência áspera à concha. Abertura é relativamente estreita. Columela é lisa assim como o lábio externo. Sifão é longo, amplo e reto. Umbílico ausente. Sifão anal como um profundo “U”.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55’ 70” S 50° 34’ 60” W), draga de arrasto: 25 exemplares.

Distribuição geográfica: Golfo do México, Brasil (Rio de Janeiro) (RIOS 1994), sendo o sinônimo *Pleurotomella acanthodes* Watson, 1881, citado para Amapá, Alagoas e Rio Grande do Sul (MALACOLOG 2002).

Habitat: Coletado no Brasil por barcos de pesca a 45 m (RIOS 1994) chegando a 100 m (registro presente).

Discussão: Segundo RIOS (1994) a espécie estaria incluída no gênero *Cryoturris* Woodring, 1928, porém BOUCHET & WARÉN (1980, *apud* MALACOLOG 2002), propõem a transferência da espécie para o gênero *Kurtziella* Frago, 1953. Material em bom estado em animais jovens e adultos (este um pouco menores que os 10 mm descritos por RIOS (1994)). A identificação foi confirmada por comparação com o lote MORG 42284, constituindo o presente registro o de maior profundidade de coleta da espécie.

Quadro 43 - Dados conchiliométricos (mm) de *K. serga*:

#	C	L	NVP	NVT	Esc. esp	Esc. ax	Obs.
1	2.0	1.4	3.5	1.25	4/3	12	
2	2.5	1.5	3.25	2.0	4/4		
3	2.4	1.5	3.25	2.0	4/4	11	
4	2.8	1.7	3.0	2.25	4/4	12	Perf. Gastr.
5	4.7	2.3	3.25	3.25	4/4	12	
6	4.2	1.9	3.25	3.0	4/4	13	
7	9.0	3.3	3.25	5.0	4/5	12	
8	8.0	3.2	3.0	4.75	4/4	13	
9	6.8	2.9	3.25	4.25	4/4	11	
10	7.1	2.8	3.25	4.25	4/4	10	
11	4.6	2.1	3.5	3.5	4/4	12	
12	7.9	2.8	3.25	4.75	4/4		
13	4.6	2.2	3.25	3.25	4/4	12	

14	6.8	2.9	3.25	4.25	4/4	11	
15	5.6	2.5	3.5				Concha gasta

Gênero *Daphnella* Hinds, 1844

Daphnella retifera Dall, 1889 Fig. 87

Daphnella retifera Dall, 1889. Bulletin of the Museum of Comparative Zoology, 18:1-492, pls. 10-40.

Localidade-tipo: Estações do USFC. 2595 e 2596, 20 milhas ESE de Cabo Hatteras, North Carolina (EUA), 49-63 fms. (DALL 1889)

Caracterização da concha: Protoconcha quebrada. Teleoconcha com 4 voltas pouco convexas e escultura composta de várias linhas axiais (cerca de 40) finamente nodulosas. Canal sifonal anal profundo e evidente deixando uma cicatriz bem distinta próximo à sutura. Abertura moderadamente estreita continuando-se pelo canal sifonal. Columela e lábio externo finos. Tamanho de 12,5 x 5.6 mm. Coloração creme com desenhos marrom formando zig-zaz.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 1 Exemplar.

Distribuição geográfica: Carolina do Norte a Flórida, Caribe e sul do Brasil (Capão da Canoa - RS, 124 m) (RIOS 1994).

Habitat: Fundo Areno-lodosos (RIOS 1994), de 34 a 124 m (MALACOLOG 2002).

Discussão: Concha em ótimo estado de preservação, entretanto, a protoconcha está danificada. Apesar de possuir quase o dobro do tamanho 7,2 x 3,8 mm indicado em RIOS (1994) é comparável em tamanho aos exemplares dos lotes Morg 14560 e 17582, com os quais foi feita a comparação para se confirmar a identificação. O exemplar foi coletado dentro dos limites geográficos e batimétricos conhecidos da espécie.

Daphnella sp. (?)

Caracterização da concha: Protoconcha com 4 voltas. A primeira volta globosa com pequenos nódulos ou granulada por toda extensão, as voltas seguintes reticuladas. As voltas da espira são praticamente lisas exceto pela cicatriz do sifão anal, que é raso e por uma suave carena que deixa marcas na espira. A abertura se encontra quebrada nos exemplares analisados, porém parecem ser ovais. Canal sifonal parece ser longo e possui várias estrias em sua extensão.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 4 jovens.

Discussão: Conchas de animais muito jovens e/ou erodidas demais para uma identificação precisa. Formato geral se assemelhando a *Aforia* Dall, 1889 ou a *Daphnella* Hinds, 1844 devido ao longo canal sifonal, sendo mais semelhante a *Daphnella*. Os exemplares entretanto estão muito erodidos para uma análise mais detalhada.

Quadro 39 - Dados conchiliométricos (mm) de *Daphnella* sp ?.:

#	C	L	NVP	NVT	obs
1	3.6	1.5	4	3	
2	2.9	1.6	4	2.5	
3	2.3	1.8	4	2.0	
4	3.0	1.0	4	1.5	
Todos jovens e quebrados em algum ponto					

Gênero *Pleurotomella* Verrill, 1873

Pleurotomella aguayoi (Carcelles, 1953) Fig. 88

Clathurella aguayoi Carcelles, 1953. Comunicaciones Zoológicas del Museo de Historia Natural de Montevideo, 4(70):1-16, 5 pl.

Caracterização da concha: Protoconcha globosa com 1,25 voltas lisas e porcelanasas. Teleoconcha obcônica com 5 voltas angulosas. A carena possui uma corrente de pequenos nódulos pontiagudos e delicados. Espiralmente e axialmente diversas tênues linhas se estendem por toda concha. Abertura é ampla e o canal sifonal anal é inconspícuo deixando marcas (cicatrices) em forma de “C” invertido. Lábios lisos; o interno possui um fino calo; o canal sifonal é curto e largo. Columela com uma tênue dobra ou curvatura.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 2 exemplares.

Distribuição geográfica: Rio de Janeiro (Brasil) a Baía Engaño (Argentina) (RIOS 1994; MALACOLOG 2002).

Habitat: Coletado em profundidades de 35 a 70 m. (RIOS 1994; MALACOLOG 2002; CORTÉS & NAROSKY 1997) chegando a 99 m (registro presente), vivendo associados a bancos de mexilhões (FORCELLI 2000).

Discussão: Material constituído de um fragmento e um exemplar jovem em ótimo estado. Segundo RIOS (1994) os adultos atingem 40 mm. A identificação foi confirmada por comparação com vários lotes MORG, constituindo o primeiro registro da espécie para profundidades maiores que 70 m.

Quadro 46 - Dados conquiliométricos (mm) de *P. aguayoi*:

#	C	L	NVP	NVT	Esc. Esp	Esc. Ax	Obs
1			1.25	>5			Fragmento
2	13.7	7.2	1.25	4	20/+	17	

Pleurotomella cala (Watson, 1886) Fig. 89

Clathurella cala Watson, 1886. Zoology 15(2): i-v, 1-680, 692-756, 50 pls.

Localidade-tipo: Caloosahatchie beds e Shell Creek, Flórida (Plioceno)

Caracterização da concha: Protoconcha relativamente grande com cerca de 3 voltas reticuladas. Teleoconcha robusta e pequena (4,3 X 2.9 mm) com 4 voltas. Costelas axiais proeminentes (cerca de 11) cortadas por linhas espirais. Canal sifonal curto e aberto. Canal sifonal anal raso mas deixando uma profunda cicatriz em forma de “L” na espira. Lábio interno espessado.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 3 exemplares.

Distribuição geográfica: Sul do Brasil (Solidão – RS) (RIOS 1994; MALACOLOG 2002).

Habitat: de 99 m (registro presente) a 176 m (RIOS 1994).

Discussão: Material em bom estado, contendo conchas de animais de adultos (com 4,3 mm, sendo que os adultos, segundo RIOS (1994) atingem 5 mm) com coloração e escultura íntegra. A identificação foi confirmada por comparação com os lotes MORG 25058, estando o material incluído na área de abrangência batimétrica e geográfica atual conhecida para a espécie.

Quadro 47 - Dados conchiliométricos (mm) de *P. cala*:

#	C	L	NVP	NVT	Esc. esp	Esc. ax.	Obs.
1	3.5	1.8	3	2.75	5/3	7	
2	4.3	2.9	-	3.5	5/5	8	Pc quebrada
3	2.4	1.3	3	1.75	5/4	8	

Gênero *Vepracula* Melvill, 1917

Vepracula morra (Dall, 1881) Figs. 90, 91

Pleurotoma morra Dall, 1881. Bulletin of the Museum of Comparative Zoology, 9:33-144.

Localidade-tipo: ao largo de Havana, Cuba

Caracterização da concha: Protoconcha pequena com 3 voltas de cor marrom escuro e reticulada. Teleoconcha com 5 voltas convexas e sutura bem definida. Escultura composta por 15 costelas axiais fortes e largas e costelas espirais mais finas (5 na espira e 11 na base). Sifão médio a longo, reto e relativamente estreito. Lábio externo fino e liso. Lábio interno espessado e liso. Sifão anal profundo, deixando cicatriz em forma de “c” invertido. Cor creme a marrom claro.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 55 exemplares; Estação Hidrográfica 6840 (33° 01' 45" S 50° 12' 75" W), box corer: 1 exemplar.

Distribuição geográfica: Golfo do México, Caribe e Brasil (Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul) (RIOS 1994; MALACOLOG 2002).

Habitat: Fundos arenosos, de 65 a 175 m (RIOS 1994), de 9 a 823 (MALACOLOG 2002).

Discussão: Material em bom estado, contendo conchas de animais de jovens (com 6 mm, sendo que os adultos, segundo RIOS (1994) atingem 8 mm). A identificação foi confirmada por comparação com o lote MORG 30595 (coletado em Florianópolis), estando os exemplares contidos nos limites batimétricos e geográficos conhecidos para a espécie. Segundo

MALACOLOG (2002) a espécie estaria alocada no gênero *Rimosodaphnella* Cossmann, 1915, porém não indica o autor da nova combinação.

Quadro 48 - Dados conchiliométricos (mm) de *V. morra*:

#	C	L	NVP	NVT	Esc. esp.	Esc. ax.	Obs.
1	5.8	2.5	3.5	4.25	25	15	
2	4.3	2.1	3.5	3.5	18	13	
3	6.0	2.3	3.5	5.0	-	14	Volta do corpo quebrada
4	4.4	1.8	3.5	4.0	20	14	
5	5.7	2.3	3.5	4.25	25	15	Vários pedaços quebrados
6	4.0	1.6	3.5	3.5	18	15	
7	3.9	1.7	3.5	2.75	17	13	
8	3.4	1.5	3.5	2.75	17	14	
9	3.2	1.5	3.5	2.5	18	15	
10	3.2	1.5	3.5	2.5	18	15	
11	3.4	1.5	3.5	2.5	18	15	
12	3.4	1.5	3.5	2.5	18	15	
13	3.4	1.5	3.5	2.5	18	15	
14	3.4	1.5	3.5	2.5	18	15	
15	3.4	1.5	3.5	2.5	18	15	
16	1.7	1.0	3.5	1.5	14	7	

Família Terebridae Mörch, 1852

Gênero *Terebra* Bruguiere, 1789

Terebra aff. brasiliensis E. A. Smith, 1873 Fig. 92

Terebra brasiliensis Smith, E. A. 1873. Annals and Magazine of Natural History, 11 (4):262-271.

Localidade-tipo: Baía do Botafogo, Rio de Janeiro, BR.

Caracterização da concha: Protoconcha grande com 2 voltas lisas e globosas. Teleoconcha com 7 voltas chatas contendo costelas axiais finas e suaves linhas espirais. Sifão curto e estreito, lábio externo quebrado em todos os três exemplares.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 3 exemplares.

Distribuição geográfica: Brasil - Rio de Janeiro (RIOS 1994) e Rio Grande do Sul (registro presente).

Habitat: Fundos arenosos e de seixos (RIOS 1994), de 5 a 40 m (MALACOLOG 2002) chegando a 100 m (registro presente).

Discussão: Material erodido, contendo conchas de animais jovens (com 9,2 mm, sendo que os adultos, segundo RIOS (1994) atingem 15 mm). A identificação realizada por comparação com os lotes MORG 30626 e 31489, entretanto os exemplares analisados são jovens e estão erodidos, impedindo uma identificação segura. Caso a identificação venha a se confirmar, o presente registro constitui no primeiro da espécie para o Rio Grande do Sul.

Quadro 53 - Dados conchiliométricos (mm) de *T. aff. brasiliensis*:

#	C	L	NVP	NVT	Obs
1	9,20	2,50	2	7	Protoconcha gasta
2	5,80	2,00	1,5 – 2	6	
3	3,20	1,40	-	3	

Subclasse Heterobranchia Gray, 1840

Ordem Heterostropha Fisher, 1885

Família Architectonicidae Gray, 1840

Gênero *Acutitectonia* Hahe, 1961

Acutitectonia sp. (?) Figs. 93 - 95

Caracterização da concha: Protoconcha proeminente, heterostrófica e parcialmente involuta, lisa e branca. Teleoconcha turbinada com uma forte carena com 3 voltas e espira baixa. Escultura composta por 6 cordas nodulosas, a mais próxima da sutura e a da carena se distinguem das demais por um sulco. As cordas nodulosas do corpo possuem os nódulos unidos assemelhando-se a lamelas axiais. Na base oito cordas com finos nódulos unidos se estendem, sendo os nódulos mais pronunciados nas duas últimas cordas que envolvem o amplo e profundo umbílico. A abertura é subquadrada marcada pela carena e pela corda de nódulos que envolve o umbílico. Lábios lisos sem crenulações. Cor branca creme.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 7 exemplares.

Discussão: Conchas bastante semelhantes em tamanho e forma a *Heliacus bisulcatus* (Orbigny, 1842), porém a escultura e protoconchas são muito distintas. No material examinado a escultura é axialmente ligada, o que não ocorre em *H. bisulcatus*; a protoconcha também se distingue, sendo heterostrófica e mais pronunciada. Caracteres semelhantes aos descritos por RIOS (1994) para o gênero *Acutitectonia*.

Quadro 54 - Dados conchiliométricos (mm) de *Acutitectoria* (?):

#	C	L	NVT	Esc. esp.	Obs.
1	0,6	1,6	0,75	3/7	
2	1,0	2,3	1,25	3/7	Danificado na lateral
3	1,2	2,4	1,25		Quebrado
4	0,8	1,9	1,0		Quebrado
5	2,2	5,2	3,0		Quebrado
6	0,9	2,6	1,25		Quebrado
7	3,0				Quebrado

Gênero *Heliacus* Orbigny, 1842

Heliacus bisulcatus (Orbigny, 1842) Figs. 96 – 98

Trochus bisulcatus Orbigny, 1842. Histoire Physique, Politique et Naturelle de l'île de Cuba 2:1-112, pls. 10-21? Arthus Bertrand: Paris.

Localidade-tipo: Jamaica e Martinica.

Caracterização da concha: Protoconcha pequena com 2 voltas lisas e brancas. Teleoconcha com 4 voltas cada uma possuindo cerca de 6 cordas nodulosas trespassadas por costelas axiais. Carena pouco desenvolvida. A base possui cerca de 7 cordas nodulosas sendo as três mais próximas ao umbílico mais proeminentes e com os nódulos unidos. Umbílico amplo e profundo, deixando a protoconcha visível. Abertura quase circular, lisa.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 4 exemplares (3 jovens e 1 adulto).

Distribuição geográfica: EUA, México, Panamá, Colômbia (MALACOLOG 2002), Bermudas, Golfo do Mexico e Brasil (Amapá ao norte do Rio Grande do Sul) (RIOS 1994).

Habitat: Fundos rochosos associados a corais moles e tunicados de 20 a 124 m (RIOS 1994), a até 366 m (MALACOLOG 2002).

Discussão: Material em estado razoável de conservação, possuindo conchas de jovens e 1 adulto. O adulto é maior que o tamanho indicado por RIOS (1994) para a espécie (com 9,8 x 4 mm, enquanto o tamanho indicado é de 3 x 6 mm). Entretanto o material possui tamanho semelhante aos exemplares do lote MORG 20927, com o qual a identificação foi confirmada por

comparação. Os exemplares foram coletados dentro dos limites geográficos e batimétricos conhecidos da espécie.

Quadro 55 - Dados conchiliométricos (mm) de *H. bisulcatus*:

#	C	L	NVP	NVT	E esp.	E. ax.	Obs.
1	1,0	1,8	2	1,5	4/7	28	
2	1,1	2,1	2	1,75	5/7	33	
3	1,3	2,8	2	2,25	6/7	-	
4	9,8	4,0	-	4	6/7-8	-	

Gênero *Pseudomalaxis* P. Fischer, 1885

Pseudomalaxis nobilis (Verrill, 1885) Figs. 99, 100

Omalaxis nobilis Verrill, 1885. Transactions of the Connecticut Academy of Arts and Sciences vol. 6 p. 423.

Caracterização da concha: Protoconcha pequena com 2 voltas. Teleoconcha planispiral com 3 voltas que se ligam a volta anterior. Sutura marginada por uma pequena corda nodulosa: 1ª carena formada por 3 cordas nodulosas praticamente unidas; 2ª carena (na base) formada por 2 cordas nodulosas e 1 corda margeando a sutura pela base. O umbílico é cônico e muito amplo. Escultura axial composta de linhas de crescimento. Abertura quadrada, lisa com lábios finos. Cor branca e 2,2 x 7,5 mm de tamanho.

Localização: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 1 exemplar.

Distribuição geográfica: Mar Mediterrâneo, Virginia ao sul da Flórida (EUA), Caribe e sul do Brasil (RIOS 1994), EUA e Brasil (São Paulo) (MALACOLOG 2002).

Habitat: No Brasil coletado em profundidades de 100 m (registro presente); 190 a 230 m (RIOS 1994), registros de 128 a 234 m (MALACOLOG 2002).

Discussão: Segundo BIELER (1993, apud MALACOLOG 2002) *P. nobilis* é sinônimo de *Pseudomalaxis zancleus* (Philippi, 1844), uma espécie descrita para o Atlântico Norte e Europa. DALL (1889), entretando faz a distinção das duas espécies devido ao formato do opérculo. Seguiremos neste caso a classificação contida em RIOS (1994). Espécie bastante rara, tendo sido citado pela primeira vez na costa brasileira por MARINANI (1975). Concha em ótimo estado de

conservação, com escultura saliente e concha brilhosa. Identificação confirmada por comparação com o lote MORG 25005 que possui tamanho semelhante, porém encontra-se bastante erodido.

Família Mathildidae Dall, 1889

Gênero *Mathilda* Semper, 1865

Mathilda aff. scitula Dall, 1889 Figs. 101, 102

Mathilda scitula Dall 1889. Bulletin of the Museum of Comparative Zoology, 18:1-492, pls. 10-40.

Localidade-tipo: Estação do USFC 2595 e 2596, ao largo de Cabo Hatteras, 49-63 fms (DALL 1889).

Caracterização da concha: Protoconcha heterostrófica, inclinada, bastante distinta da teleoconcha. Teleoconcha com 8 voltas pouco convexas. Escultura composta de cinco cordas nodulosas sendo a do meio mais desenvolvida. A última corda está na linha de sutura, tornando a sutura canaliculada. Axialmente cerca de 28 costelas pouco pronunciadas cortam as cordas espirais. Na base de 2 a 4 cordas espirais finamente noduladas estão presentes. O umbílico representado por uma estreita abertura. Lábio interno é expandido e um pouco refletido. Abertura subquadrada com lábios lisos.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 7 exemplares

Distribuição geográfica: EUA (Carolina do Norte ao oeste da Flórida e Texas) e Brasil: Bahia (Abrolhos) (MALACOLOG 2002) Rio Grande do Sul (registro presente).

Habitat: De 18 a 150 m de profundidade (MALACOLOG 2002).

Discussão: Material em ótimo estado de conservação, contendo um adulto e vários jovens. Características se encaixam na descrição fornecida por DALL (1889), contudo o ultrapassa os 5,25 mm descritos por DALL (op. cit) e menor que os 8 mm indicados por RIOS (1994). Segundo DALL (1889) *M. scitula* não possui traço de umbílico, enquanto nos exemplares analisados o umbílico apesar de pequeno e estreito estava presente. Conchas comparadas com a coleção particular do Dr. Tarasconi e com exemplares de lotes do MORG, estes últimos muito gastos para uma comparação segura.

Quadro 56 - Dados conquiliométricos (mm) de *M. aff. scitula*:

#	C	L	NVP	NVT	Esc. esp.	Esc ax.	Obs.
1	1.8	1.24	2	3	5	17	
2	1.6	1.0	-	3	5	18	Protoconcha quebrada
3	1.8	1.05	-	3.5	5	20	
4	2.25	1.15	2.5	3.75	5 / 2	19	Base com 2 linhas espirais e um suave calo
5	3.8	1.7	2.5	5.75	5 / 2	20	Base recoberta por um fino calo
6	3.0	1.4	2.5	4.5	5 / 3	23	Base arranhada
7	6.3	2.3	2.5	7.75	5 / 4	27	E axial inconstantemente espaçada.

Família Pyramidellidae Gray, 1840

Discussão: A identificação das espécies da família Pyramidellidae é bastante problemática pela grande semelhança das suas espécies e pela grande diversidade encontrada no grupo. Apesar dos trabalhos de ABSALÃO & PIMENTA (1999); PIMENTA & ABSALÃO (2001; 2002) contribuírem com um significativo conhecimento da família, acreditamos que esta ainda merece um estudo em separado mais pormenorizado em função da grande quantidade de morfotipos, variação que dificultam uma identificação específica segura. Neste momento apresentamos o material dividido em morfotipos que deverão ser objeto de estudo mais pormenorizado e, portanto, não citaremos medidas ou discutiremos cada morfotipo em separado.

Gênero *Chrysallida* Carpenter, 1857

Chrysallida sp. Fig. 103

Caracterização da concha: Protoconcha heterostrófica com 2 voltas. Teleoconcha com 5 a 6 voltas chatas; escultura composta por 4 cordas espirais na periferia e várias costelas axiais que se limitam à segunda corda espiral. Sutura canaliculada. Cor branca creme brilhante. Abertura lisa e fina, em forma de gota.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 8 exemplares.

Gênero *Odostomia* Fleming, 1813

Odostomia sp. Fig. 104

Caracterização da concha: Protoconcha lisa, pequena com 1 volta que se enrola por sobre a parte anterior (início se “afunda” na espira). Teleoconcha com 4 a 5 voltas. Concha triangular, sutura canaliculada, profunda. Escultura axial composta de lamelas axiais que se esmaecem em direção à base e por 1 costela espiral que delimita uma carena um pouco acima da linha de sutura. Abertura holostomada subquadrada; columela com uma pequena dobra columelar pouco visível na região parietal. Umbílico pequeno e estreito.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 1 exemplar

Gênero *Pyramidella* Lamarck, 1799

Pyramidella aff. *crenulata* (Holmes, 1859) Figs 105, 106

Caracterização da concha: Protoconcha pequena com 1 volta lisa. Teleoconcha com 7 voltas lisas e pouco convexas a cônicas. Sutura bem marcada. Abertura pequena, subquadrada. Columela com 2 a 3 dobras, sendo apenas a primeira bem marcada. Umbílico grande e relativamente profundo. Cor branca creme, brilhosa com 2 bandas espirais marrons (1 na linha de sutura e 1 no meio da volta).

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 70 exemplares.

Distribuição geográfica: N. Carolina a Flórida (EUA), Caribe e Brasil (Amapá ao Ceará) (RIOS 1994).

Habitat: Areia próximo a algas calcárias 10 a 350 (RIOS 1994).

Pyramidella sp. Figs. 107, 108

Caracterização da concha: Protoconcha lisa com 2 voltas heterostróficas, globosas e bem destacada da teleoconcha. Teleoconcha lisa com 11 voltas pouco convexas e de sutura bem marcada. Abertura subquadrada holostomada com lábio externo fino. Columela com uma dobra. Coloração branca creme com uma tênue faixa marrom.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 7 exemplares

Gênero *Turbonilla* Risso, 1826

Turbonilla aff. abrupta Bush, 1899 Fig. 109

Caracterização da concha: Protoconcha heterostrófica com 2 a 3 voltas. Teleoconcha com cerca de 10 voltas esculpturadas com costelas axiais estreitas e igualmente espaçadas, que se estendem da periferia até a linha de sutura. Esculturação radial composta de finas linhas inclusive na base. Columela lisa e reta. Abertura holostomada em forma de D.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 6 exemplares.

Distribuição geográfica: Caribe ao leste do Brasil (RIOS 1994)

Turbonilla aff. pusilla (C.B. Adams, 1850) Figs. 110, 111

Caracterização da concha: Protoconcha heterostrófica. Teleoconcha com 11 voltas suavemente convexas e sutura bem marcada, esculpturadas com costelas axiais suavemente oblíquas, igualmente espaçadas, não se prolongando até a base. Columela reta e lisa. Abertura como um D; concha imperfurada.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 8 exemplares.

Distribuição geográfica: Carolina do Norte até a Flórida (EUA), Caribe e Brasil (RIOS 1994)

Turbonilla sp1 Fig. 112

Caracterização da concha: Protoconcha quebrada. Teleoconcha fina, cerca de 8 voltas suavemente convexas. Sutura bem definida e escultura radial e espiral composta por linhas formando um padrão reticulado. Concha imperfurada com a abertura em foram de gota. Columela lisa e suavemente curva. Material erodido.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 2 exemplares.

Turbonilla sp2 Figs. 113, 114

Caracterização da concha: Protoconcha heterostrófica. Teleoconcha piramidal com 9 voltas e suturas bem marcadas por um raso sulco. Escultura axial composta de largas costelas axiais com finos interespaços.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 2 exemplares

Turbonilla sp3 Figs. 115, 116

Caracterização da concha: Protoconcha heterostrófica. Teleoconcha com 9 voltas levemente convexas. Escultura axial composta por costelas com amplos interespaços e espiral com sulcos bem marcados. Escultura axial não se estende até a base. Duas ou três faixas marrom amareladas estão visíveis em alguns exemplares.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 147 exemplares

Turbonilla sp4 Figs. 117, 118

Caracterização da concha: Protoconcha heterostrófica. Teleoconcha com 10 a 11 voltas chatas esculturadas com costelas axiais que se prolongam além da linha basal, se esmaecendo em direção à base. Linhas espirais presentes inclusive na base. Abertura lisa e arredondada. As voltas da espira parecem ter uma depressão no centro, dando a impressão que a região da sutura possui nódulos ou espessamentos nas costelas axiais. Sutura bem marcada e umbílico ausente.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 6 exemplares

Turbonilla sp5 Figs. 119, 120

Caracterização da concha: Protoconcha heterostrófica com 2 voltas. Teleoconcha com 8 voltas pouco convexas com sutura bem marcada. Escultura composta por cerca de 32 costelas axiais estreitas e de cordas de finos grãos espirais (6 na periferia). Abertura piriforme, holostomada.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 2 exemplares

Subclasse Opisthobranchia Edwards, 1848

Ordem Cephalaspidea P. Fisher, 1883

Família Acteonidae Orbigny, 1842

Gênero *Acteon* Montfort, 1810

Acteon pelecais Marcus, 1981 Fig. 121

Localidade-tipo: Baía Chesapeake, EUA.

Caracterização da concha: Protoconcha convoluta, sem um limite claro. Teleoconcha pequena (4,8 mm) com cerca de 3,5 voltas e espira alta. Cor branca, lisa e porcelanosa. Escultura composta por várias linhas espirais com depressões (*pits*) que ficam tanto mais próximas umas das outras e melhor marcadas em direção à região da sutura. Sutura bem marcada e levemente canaliculada. Lábio interno espessado e levemente refletido contendo um forte dente columelar; lábio externo fino e liso.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 14 exemplares

Distribuição geográfica: Golfo do México, Brasil - Amapá ao Rio Grande do Sul (MALACOLOG 2002); Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul (RIOS 1994).

Habitat: Fundos arenosos e lodosos (RIOS 1994) de 2 a 85 m (MALACOLOG 2002) chegando a 100 m (registro presente).

Discussão: Material em bom estado, contendo conchas brilhantes e poucas conchas perfuradas. Comparada com MORG 17064; 16864; 25060. Bastante semelhante ao *Acteon vagabundus* (Mabille & Rochebrune, 1885).

Quadro 57 - Dados conchiliométricos (mm) de *A. pelecais*:

#	C	L	NVT	Obs.	#	C	L	NVT	Obs.
1	1,9	1,2	1,5		7	3,0	1,8	3,5	2 perf. De gastrópodes.
2	1,5	1,1	1		8	2,2	1,5	1,5	
3	1,7	1,2	2,5		9	4,8	2,7	4,5	
4	3,0	1,7	2,0		10	4,0	2,4	4,0	
5	2,5	1,8	2,25		11	4,2	2,6	4,0	
6	3,1	2,1			12	3,0	2,0		
					13	2,3	1,4		

Acteon sp. Fig. 122

Caracterização da concha: Protoconcha lisa e convoluta. Teleoconcha com 3 a 4 voltas convexas e com a sutura bem marcada, mas não canaliculada. Escultura composta de muitos sulcos axiais finos. Abertura piriforme; lábio interno espessado e pouco refletido, com um pequeno dente na altura do umbílico; Lábio externo liso e fino. Umbílico estreito e parcialmente fechado.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 3 exemplares

Discussão: Material de coloração opaca; conchas pequenas, possivelmente de jovens. Semelhantes a *A. pelecais*, porém esta espécie possui até 9,5 mm de comprimento segundo RIOS (1994). Animais muito jovens para uma identificação precisa.

Quadro 58 - Dados conchiliométricos (mm) de *Acteon* sp.:

#	C	L	NVT	E. Esp	Obs.
1	2,9	1,9	3,25		
2	2,4	1,5	2,75	Muitas	Perf. De gast.
3	2,5	1,6	3,0		

Gênero *Mysouffa* Ev. Marcus, 1974

Mysouffa cumingii (A. Adams, 1854) Fig. 123

Actaeon cumingii A. Adams, 1854. Proceedings of the Zoological Society of London, 22:58-62.

Localidade-tipo: Rio de Janeiro, Brasil.

Caracterização da concha: Protoconcha grande, convoluta, normalmente gasta. Teleoconcha bulóide com 5 voltas convexas. Abertura ampla, lábio interno espessado, levemente refletido

recobrando o umbílico, deixando apenas uma abertura estreita. Um forte dente na columela está presente desde as voltas iniciais (jovens). Lábio externo liso e fino. Escultura consiste de 23 a 26 linhas de pequenas depressões (*grooves*). Cor rosa claro.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 183 exemplares; Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), van veen: 20 exemplares.

Distribuição geográfica: Flórida (EUA), Caribe, Brasil - Sergipe ao Rio Grande do Sul (RIOS 1994; MALACOLOG 2002).

Habitat: Em fundos lodosos com detritos, algas calcárias e cascalho, de 10 a 100 m. (RIOS 1994), chegando a 366 m (MALACOLOG 2002).

Discussão: Material constituído por conchas de animais jovens, porém de forma geral íntegros apesar da coloração opaca. Identificação confirmada por comparação com os lotes MORG 41557 e 31351. Exemplares coletados dentro dos limites batimétricos e geográficos conhecidos para a espécie.

Quadro 59 - Dados conchiliométricos (mm) de *M. cumingii*:

#	C	L	NVT	Esc. esp.	Obs.	#	C	L	NVT	Esc. esp.	Obs.
1	1,5	1,2	1,75	14		8	8,2	4,6	4,75	26	
2	1,8	1,3	2,00	16		9	8,6	4,8	4,75	23	
3	2,1	1,5	2,25	17		10	7,5	4,4	4,5	19	
4	2,2	1,5	2,25	16		11	8,2	4,5	-	21	
5	3,0	2,0	3,00	17		12	6,2	3,4	4,00	22	
6	5,5	3,3	4,00	23		13	7,0	4,3	4,75	23	
7	9,1	5,3	5,00	25		14	4,0	2,6	3,0	22	
						15	7,6	4,2	4,5	21	

Família Cylichnidae H. & A. Adams, 1854

Gênero *Cylichna* Loven, 1846

Cylichna aff. crispula Watson, 1883 Fig. 125

Cylichna crispula Watson, 1883. Journal of the Linnean Society of London, 17:320-340.

Caracterização da concha: Conchas bulliformes, ovaladas com 1,4 x 2,5 mm. Volta do corpo recobrando a espira. Abertura tão grande quanto a concha. Estreita posteriormente alargando-se anteriormente. Umbílico recoberto pela columela deixando apenas uma cicatriz. Canal anal com

um pequeno calo que recobre o orifício deixado pelo enrolar da sutura sobre a espira. Columela com uma suave dobra ou dente. Concha lisa e branca.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 2 exemplares.

Distribuição geográfica: Cosmopolita, no Sul do Brasil ao largo de Mostardas, RS (RIOS 1994).

Habitat: Coleta a 99 m (registro presente), chegando a 134 m (RIOS, 1994).

Discussão: RIOS (1994) cita *C. aff. crispula* quanto a identificação, anotação que mantemos. O material examinado foi identificado por comparação com o lote MORG 25043. Material um pouco erodido e jovem (com 1,4 mm, enquanto os adultos atingem, segundo RIOS (1994), 4,1 mm). Constitui o registro de coleta para menor profundidade (99 m).

Cylichna discus Watson, 1883 Fig. 126

Cylichna discus Watson 1883. Zoological Journal of the Linnean Society, 17:320-340.

Localidade-tipo: Estação da Challenger nº 24, norte da Ilha Culebra.

Caracterização da concha: Protoconcha recoberta pela espira (convoluta). Abertura tão grande quanto a concha, deixando na extremidade posterior um pequeno orifício (cicatriz da sutura). Concha cilíndrica estreita junto à espira e mais ampla anteriormente. Lábio externo fino e liso, columela com um fraco dente na região do umbílico. Umbílico fechado deixando apenas a cicatriz. Escultura composta de linhas radiais e de crescimento tênues.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 23 exemplares.

Distribuição geográfica: Oceano Índico, Noruega, Oeste Europeu, Caribe e Brasil - Maranhão a Pernambuco e Rio Grande do Sul (MALACOLOG 2002) Rio Grande do Sul (RIOS 1994).

Habitat: profundidades de 50 a 120 m (RIOS 1994) de 83 a 713 m (MALACOLOG 2002).

Discussão: Material em bom estado, contendo conchas com brilho. Espécie bastante semelhante a *C. verrillii* Dall, 1889, se diferencia desta por ser mais robusta, maior e de cor branca azulada e possuir um dente columelar mais suave e a cicatriz do umbílico mais fechada. A identificação foi confirmada por comparação com os lotes MORG 25111; 27115 e 42285. Exemplares foram coletados dentro dos limites batimétricos e geográficos conhecidos da espécie.

Quadro 61 - Dados conchiliométricos (mm) de *C. discus*:

#	C	L	Obs.	#	C	L	Obs.
1	11,0	4,0		9	2,5	1,1	
2	7,3	3,0		10	2,9	1,4	
3	5,2	2,2		11	3,0	1,3	
4	7,1	2,9		12	2,2	1,1	
5	5,8	2,5		13	4,5	1,8	Perf. Gastrópode
6	5,3	2,1		14	4,8	2,0	Porção anterior quebrada
7	4,7	2,0		15	3,4	1,5	
8	3,1	1,4		16	3,6	1,6	

Cylichna verrillii Dall, 1889 Fig. 127

Cylichna verrillii Dall, 1889. Bulletin of the Museum of Comparative Zoology, 18:1-492, pls. 10-40.

Localidade-tipo: ao largo da costa da Carolina do Norte (EUA), nas estações do UFSC nº 2592, 2595, 2596, 2602 e 2612, entre 50 e 124 fms (DALL 1889).

Caracterização da concha: Protoconcha recoberta pela espira (convoluta). Abertura tão grande quanto a concha, deixando na extremidade posterior um pequeno orifício (cicatriz da sutura). Concha cilíndrica, estreita junto à espira e mais ampla anteriormente. Lábio externo fino e liso, columela com um forte dente na região do umbílico. Umbílico fechado deixando apenas a cicatriz. Escultura composta de linhas radiais e de crescimento tênues.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 76 exemplares; Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), van veen: 1 exemplar.

Distribuição geográfica: Carolina do Norte a Flórida (EUA) e sul do Brasil (Solidão, RS) (RIOS 1994; MALACOLOG 2002).

Habitat: Águas profundas, de 150 a 200 m (RIOS 1994), de 91 a 805 m (MALACOLOG 2002).

Discussão: Material em bom estado, contendo conchas brilhantes. Conchas bastante semelhantes a *C. discus*, se diferenciam desta por serem mais finas e frágeis, menores e por possuírem um dente columelar mais forte e a cicatriz do umbílico ser mais marcada. A identificação foi confirmada por comparação com diversos lotes do MORG. Exemplares coletados dentro dos limites batimétricos e geográficos conhecidos para a espécie.

Quadro 62 - Dados conchiliométricos (mm) de *C. verrillii*:

#	C	L	Obs.	#	C	L	Obs.
1	2,1	1,0		8	3,5	1,5	
2	4,6	1,8		9	5,5	2,3	
3	2,5	1,2		10	3,6	1,5	
4	4,0	1,7		11	4,0	1,8	
5	2,2	1,1		12	3,7	1,6	
6	4,2	1,8		13	3,8	1,6	
7	2,8	1,2		14	4,5	2,0	
				15	3,5	1,5	

Gênero *Acteocina* Gray, 1847

Acteocina candei (Orbigny, 1841) Fig. 124

Bulla candei Orbigny, 1841. Mollusques In: Ramon de la Sagra ed. Histoire Physique, Politique et Naturelle de l'île de Cuba. Vol. 1, Paris, Arthus Bertrand. p. 1-240.

Caracterização da concha: Protoconcha com 1,5 volta, heterostrófica apenas parcialmente recoberta pela espira. Teleoconcha com 4 voltas, cilíndrica e lisa. Abertura $\frac{3}{4}$ do tamanho da concha com uma quilha na periferia, logo abaixo da sutura. Fascíola anal lisa; abertura estreita ampliando-se anteriormente. Lábios finos. Columela com uma dobra recobrindo o umbílico deixando apenas uma cicatriz.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 10 exemplares

Distribuição geográfica: Carolina do Norte (EUA) ao norte da Argentina. (RIOS 1994; MALACOLOG 2002)

Habitat: Frequentemente encontrada no trato digestivo de *Astropecten cingulatus*, sobre bancos de ostras e fundos arenosos de 0 a 50 m (RIOS 1994) chegando a 99 m (registro presente).

Discussão: Material em bom estado de conservação, um pouco erodido, porém com a protoconcha bem preservada na maioria dos exemplares. Muito semelhante a *Acteocina lept* Woodring, 1928 porém distingue-se desta pelo tamanho da quilha e pela ausência de escultura axial na fasciola anal. A identificação se deu por comparação com lotes de *A. candei* do MORG, constituindo o presente registro de coleta em maior profundidade (99 m).

Quadro 60 - Dados conquiliométricos (mm) de *A. candei*:

#	C	L	NVP	NVT	Obs.	#	C	L	NVP	NVT	Obs.
1	3,4	1,4	1,5	4,0		6	3,0	1,4			
2	2,6	1,3	1,5	4,0		7	2,7	1,2			
3	2,4	1,1	1,5			8	2,5	1,2			Espira quebrada
4	2,6	1,2	1,5			9	2,7	1,3			
5	2,6	1,1									

Gênero *Scaphander* Monfort, 1810

Scaphander sp. Fig. 128

Caracterização da concha: Protoconcha muito pequena (4,0 x 2,2 mm), afundada na espira (convoluta). Espira com cerca de 3 voltas. Abertura estreita na parte posterior e muito mais ampla na parte anterior. Concha buliforme, branca com linhas constituídas de micropontos (observável em grande aumento). Lábio externo danificado; lábio interno recoberto por um fino calo foliáceo que tapa também o pequeno umbílico. Sutura bem marcada, levemente canaliculada.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 1 exemplar

Discussão: O exemplar analisado é jovem demais para uma identificação segura. Segundo RIOS (1994), as espécies do gênero atingem cerca de 30 mm.

Família Retusidae Thiele, 1926

Gênero *Pyrunculus* Pilsbry, 1894

Pyrunculus caelatus (Bush, 1885) Fig. 129

Cylichna caelata Bush, 1885. Transactions of the Connecticut Academy of Arts and Sciences, 6:453-480, pl. 45.

Localidade-tipo: Ao largo do Cabo Hatteras, 27-78 m.

Caracterização da concha: Protoconcha recoberta pela espira (convoluta). Abertura tão grande quanto a concha, estreita junto à volta do corpo e ampla anteriormente. Concha piriforme, branca e lisa, exceto por pequenas e sutis linhas axiais junto a extremidade posterior e de duas linhas de pequenas depressões (*pits*) junto às linhas axiais. Escultura espiral composta de microscópicas linhas. Umbílico recoberto pela columela, que possui uma fraca dobra. Lábio interno refletido, formando um estreito escudo parietal.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 90 exemplares

Distribuição geográfica: Golfo do México, Porto Rico, Brasil ao Uruguai (RIOS 1994) e Argentina (MALACOLOG 2002).

Habitat: Fundos areno-lodosos de 25 a 80 m (RIOS 1994) de 7 a 155 m (MALACOLOG 2002).

Discussão: Alguns exemplares estão perfurados ou quebrados, 1 possui uma perfuração tipicamente provocada por gastrópode. A maioria está em boas condições de conservação. A identificação foi confirmada com os lotes MORG 32.777 e 41625. Os exemplares foram coletados dentro dos limites batimétricos e geográficos conhecidos da espécie.

Quadro 63 - Dados conchiliométricos (mm) de *P. caelatus*:

#	C	L	Obs	#	C	L	Obs
1	2,2	1,0		14	3,4	1,6	Cicatriz de quebra
2	2,4	1,3		15	3,1	1,5	
3	2,1	1,0		16	3,5	1,6	
4	2,4	1,1		17	3,4	1,8	
5	2,6	1,1		18	3,3	1,6	
6	2,6	1,1		19	4,3	2,1	
7	2,4	1,1		20	3,6	1,7	
8	2,4	1,2		21	3,9	1,8	
9	2,6	1,1		22	4,1	1,8	
10	2,9	1,1		23	4,1	1,8	
11	2,8	1,2		24	4,3	1,9	
12	3,1	1,4		25	4,6	1,9	
13	2,9	1,4					

Gênero *Volvulella* Newton, 1891

Volvulella persimilis (Mörch, 1875) Fig. 130

Volvula persimilis Mörch, 1875. Malakozoologische Blätter, 22:142-184

Localidade-tipo: Antilhas (Caribe)

Caracterização da concha: Protoconcha recoberta pela espira. Abertura tão grande quanto a concha sendo que o sifão anal recobre a volta anterior tornando a parte posterior da concha pontiaguda. Lábio fino e liso. Abertura estreita ampliando-se anteriormente. Columela lisa e umbílico recoberto, deixando apenas uma cicatriz. Escultura composta por linhas radiais fracas e por um enrugado na parte posterior.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 3 exemplares.

Distribuição geográfica: Bermudas, Golfo do México, Caribe, Venezuela, Brasil e Uruguai (RIOS 1994; MALACOLOG 2002).

Habitat: Fundos arenosos com barro cinza e algas, 10 a 200 m (RIOS 1994) a até 800 m (MALACOLOG 2002).

Discussão: Material, de modo geral, em bom estado, com algumas conchas danificadas. Conchas de animais jovens com 3.2 mm (segundo RIOS (1994) atingem 4 mm). A identificação foi confirmada por comparação com o lote MORG 23068 e 42168.

Quadro 64 - Dados conquiliométricos (mm) de *V. persimilis*:

#	C	L	Obs.
1	3.2	1.4	Ótimo estado de conservação
2	3.0	1.3	1 cicatriz de quebra. Linhas de crescimento marcadas
3	2.9	1.2	Lábio externo quebrado

Ordem Thecostomata Blainville, 1824

Família Cavoliniidae Fischer, 1883

Gênero *Cavolinia* Abildgaard, 1791

Cavolinia longirostris (Blainville, 1821) Fig. 131

Hyalaea longirostris de Blainville, 1821

Caracterização da concha: Concha fina, frágil, globosa, com um espinho posterior e espinhos laterais pouco desenvolvidos. Lábio superior longo, formando um rostro. Ventre fortemente convexo.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 85 exemplares; Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), van veen: 2 exemplares

Distribuição geográfica: Oceano Atlântico (31.8°N a 39°S; 77.67°W a 38°W - MALACOLOG 2002), cosmopolita (ABBOTT 1974).

Habitat: Animal pelágico (ABBOTT 1974; RIOS 1994).

Discussão: Material, de modo geral, em bom estado, com alguns exemplares danificados. Conchas de animais de tamanho semelhante aos do lotes MORG 42188 e 25055 com os quais foram comparados a fim de confirmar a identificação.

Quadro 65 - Dados conquiliométricos (mm) de *C. longirostris*:

#	C	L	#	C	L
1	5,8	5,5	7	4,0	3,5
2	5,7	5,0	8	6,0	5,5
3	6,5	6,0	9	5,0	6,0
4	6,0	5,0	10	4,7	4,5
5	5,5	5,0	11	4,5	4,0
6	4,8	5,0	12	6,0	6,0

Cavolinia inflexa (Lesueur, 1813) Fig. 132

Hyalaea inflexa Lesueur, 1813

Caracterização da concha: Concha fina, frágil, bastante distinta dos gastrópodes comuns. Um espinho posterior recurvado em direção dorsal, dois espinhos menores apontando para região posterior. Abertura anterior com o lábio superior mais desenvolvido que o inferior. Face inferior fracamente convexa.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 7 exemplares.

Distribuição geográfica: Oceanos Atlântico, Pacífico e Índico (MALACOLOG 2002)

Habitat: Animais planctônicos (RIOS 1994)

Discussão: Material, de modo geral, em bom estado, com alguns exemplares danificados. Conchas de animais de tamanho semelhante aos exemplares contidos no lote MORG 40446 com os quais foi comparado.

Quadro 66 - Dados conquiliométricos (mm) de *C. inflexa*:

#	C	L
1	4,5	3,0
2	4,8	3,0
3		2,5
4	4,0	2,6
5	4,5	2,5

Cavolinia uncinata (Rang, 1829) Figs. 133 - 135

Hyalea uncinata Rang, 1829

Caracterização da concha: Concha fina, frágil e globosa. Possui um grande espinho posterior curvo para cima e laterais com espinhos. Ventre fortemente convexo. Lábio superior bem desenvolvido por sobre o lábio inferior.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 14 exemplares; Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), van veen: 2 exemplares.

Distribuição geográfica: Animal cosmopolita (ABBOTT 1974)

Habitat: animal pelágico (RIOS 1994).

Discussão: Material, de modo geral, em bom estado, com alguns exemplares danificados. Conchas de animais de tamanho semelhante aos exemplares do lotes MORG 24923 com o qual foi comparado.

Quadro 67 - Dados conquiliométricos (mm) de *C. uncinata*:

#	C	L
1	5,5	5,5
2	6,8	5,0
3	5,5	4,5
4	6,5	5,0

Gênero *Clio* Linnaeus, 1767

Clio pyramidata Linné, 1767 Fig. 136

Clio pyramidata Linné, 1767. Systema Naturae, 12th ed., vol. 1(2), p. 533-1327 + [37].

Localidade-tipo: “Oceano”

Caracterização da concha: Concha piramidal com a protoconcha se diferenciando com um aspecto de ponta de flecha. Concha se expande rapidamente em seção transversal triangular com cada face possuindo uma costela. Concha fina e leve, frágil.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 17 exemplares

Distribuição geográfica: Cosmopolita (ABBOTT 1974)

Habitat: Planctônico (ABBOTT 1974)

Discussão: Material, de modo geral, em bom estado, com alguns exemplares danificados. Conchas de animais de tamanho semelhante aos exemplares do lotes MORG 21455; 24921 com os quais foram comparados.

Quadro 68 - Dados conchiliométricos (mm) de *C. pyramidata*:

#	C	L
1	7,3	7,0
2	6,5	6,0
3	7,8	7,5
4	6,6	6,0

Gênero *Creseis* Rang, 1828

Creseis virgula Rang, 1828 Fig. 137

Cleodora virgula Rang, 1828. Annales des Sciences Naturelles, 13:302-319, pls. 17-18.

Localidade-tipo: “l'Océan atlantique et les Antilles”

Caracterização da concha: Protoconcha demarcada por uma pequena constrição, tendo o formato de uma ponta de flecha cônica. Teleoconcha cônica, fina e frágil, suavemente curva e lisa.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 5 exemplares; Estação Hidrográfica 6842 (32° 57' 81" S 50° 29' 18" W), box corer: 1 exemplar

Distribuição geográfica: Atlântico e Pacífico (ABBOTT 1974).

Habitat: Animal pelágico (ABBOTT 1974).

Discussão: Material, de modo geral, em bom estado, com alguns exemplares danificados. Conchas de animais de tamanho semelhante aos exemplares do lote MORG 40916 com o qual foi comparado a fim de confirmar a identificação.

Quadro 69 - Dados conquiliométricos (mm) de *C. virgula*:

#	C	L
1	4,3	0,7
2	3,7	0,6
3	3,0	0,5
4	3,4	0,5

Gênero *Cuverina* Bos, 1886

Cuvierina columnella (Rang, 1827) Fig. 138

Cuviera columnella Rang, 1827

Caracterização da concha: Concha cilíndrica, semelhante a jarro ou moringa, com a extremidade posterior arredondada. Concha alongada com a abertura com uma suave constrição. Superfície lisa e brilhante, branca a translúcida.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 4 exemplares.

Distribuição geográfica: Cosmopolita – Oceanos Atlântico e Pacífico (ABBOTT 1974).

Habitat: Animal planctônico (ABBOTT 1974; RIOS 1994).

Discussão: Material, de modo geral, em bom estado, com alguns exemplares danificados. Conchas de animais de tamanho semelhante aos exemplares dos lotes MORG 5560 e 26615 com os quais foram comparados a fim de confirmar a identificação.

Quadro 70 - Dados conquiliométricos (mm) de *C. columnella*:

#	C	L
1	8,5	2,5
2	9,5	2,5
3	9,5	2,5
4	9,5	2,6
5	9,3	2,8

Gênero *Diacria* Gray, 1847

Diacria trispinosa (Blainville, 1821) Fig. 139

Hyalaea trispinosa de Blainville, 1821.

Caracterização da concha: Concha fina, frágil. Um espinho posterior longo e reto, triangular e achatado. Dois laterais (um em cada lado). Concha chata, lábios espessados marrons.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 15 exemplares.

Distribuição geográfica: Cosmopolita (ABBOTT 1974).

Habitat: Animal planctônico (ABBOTT 1974).

Discussão: Material, de modo geral, em bom estado, com alguns exemplares danificados. Conchas de animais de tamanho semelhante aos exemplares do lote MORG 42187 com o qual foi comparado a fim de confirmar a identificação.

Quadro 71 - Dados conquiliométricos (mm) de *D. trispinosa*:

#	C	L	Obs.
1	5,7	5,2	
2	6,5	6,2	
3	6,4	5,9	
4	6,0		Quebrada lateralmente
5	6,5	6,2	
6	6,1	5,5	

Gênero *Styliola* Lesueur, 1825

Styliola subula (Quoy & Gaimard, 1827) Fig. 140

Cleodora subula Quoy & Gaimard, 1827.

Localidade-tipo: Ilhas Canárias, Sul de Palma (28°26'N, 17°51'W).

Caracterização da concha: Concha cilíndrica, quase reta, muito frágil, fina e lisa, exceto por um sulco não paralelo ao eixo da concha. Animal pelágico.

Dados de coleta: Estação Hidrográfica 6839 (32° 55' 70" S 50° 34' 60" W), draga de arrasto: 7 exemplares.

Distribuição geográfica: Cosmopolita em águas quentes (ABBOTT 1974).

Habitat: Animal planctônico (ABBOTT 1974).

Discussão: Material, de modo geral, em bom estado, com alguns exemplares danificados. Conchas de animais de tamanho semelhante aos exemplares do lote MORG 29370 com o qual foi comparado a fim de confirmar a identificação.

Quadro 72 - Dados conchiliométricos (mm) de *S. subula*:

#	C	L
1	5,5	1,3
2	2,2	0,6
3	2,7	0,7
4	5,7	1,2

Discussão geral

RIOS (1994) cita 61 famílias de gastrópodes marinhos para o Rio Grande do Sul, são registradas no presente trabalho 36 famílias, sendo 32 previamente indicadas por RIOS (1994) para o Rio Grande do Sul, e 4 constituem novas ocorrências para o Estado. Propomos a ampliação dos limites geográficos de 19 espécies e dos limites batimétricos de 29.

Distribuição geográfica

WOODWARD (1856) define Província Zoológica como sendo uma região geográfica que tem pelo menos metade das espécies próprias ou autóctones. Em 1866 WOODWARD divide o Oeste do Atlântico em quatro Províncias: Transatlântica (Cabo Cod a Flórida), Caribenha (Golfo do México, Caribe ao Rio de Janeiro), Patagônica (Santa Catarina a San Jorge, Argentina) e Magelânica (San Jorge a Concepción, incluindo a Terra do Fogo).

Vários autores têm discutido e adotado limites distintos daqueles estabelecidos por WOODWARD (1866) levando, especialmente, em consideração a temperatura como parâmetro limitante (PALACIO 1982; FLOETER & SOARES-GOMES 1999). A Província Caribenha é caracterizada por águas quentes provenientes da corrente do Brasil – temperaturas entre 18 e 24° C e salinidade de 36 ppm – e a Província Patagônica por águas frias provenientes da corrente das Malvinas – temperaturas entre 7 a 11° C e salinidade de 33,5 a 34 ppm (BOLTOVSKOY 1981). Os limites destas províncias, ainda não se apresentam de forma clara, em parte pela complexidade da dinâmica das massas d'água envolvidas. No Brasil a região de Cabo Frio (RJ) é apontada como limite norte da influência da corrente das Malvinas e o Rio Grande do Sul como limite sul da influência da corrente do Brasil (FLOETER & SOARES-GOMES 1999). Dentro destes limites, na área oceânica, observa-se uma confluência das duas correntes e na região costeira – plataforma continental – uma variação sazonal de sua regência (BOLTOVSKOY 1981).

Após definição das Províncias zoológicas por WOODWARD (1856), muita discussão se seguiu quanto aos limites destas províncias, com base em dados de temperatura como fator limitante (PALACIO 1982 e FLOETER & SOARES-GOMES 1999). Apesar de toda discussão, os limites destas províncias ainda não são claros, em parte pela complexidade da dinâmica das massas d'água envolvidas. No Brasil a região de Cabo Frio (RJ) é apontada como limite norte da influência da corrente das Malvinas e o Rio Grande do Sul como limite sul da influência da corrente do Brasil (FLOETER & SOARES-GOMES 1999). Dentro destes limites, na área

oceânica observa-se uma confluência das duas correntes e na região costeira (plataforma continental) uma variação sazonal de sua regência (BOLTOVSKOY 1981).

PALACIO (1982) denominou a zona de transição entre estas províncias como Província Paulista, baseando-se na taxa de endemismo de cefalópodes, temperatura e diversidade de espécies. Os resultados obtidos na presente dissertação, entretanto, não corroboram com esta classificação, uma vez que apenas 5% das espécies identificadas são exclusivas da “Província Paulista”. Além disso, FLOETER & SOARES-GOMES (1999) argumentam que na região de Maratázes (ES) 64,9% das espécies de gastrópodes são comuns às Províncias Paulista e Caribenha, o que segundo o conceito de WOODWARD (1856) não caracteriza uma Província Zoogeográfica.

Segundo FLOETER & SOARES-GOMES (1999), o encontro das duas correntes de temperaturas distintas na região de Cabo Frio, possivelmente seja uma barreira para espécies euritéricas e eurihalinas. Os resultados obtidos no presente trabalho, por outro lado, mostraram que esta barreira não foi efetiva para pelo menos para 55,5% das espécies identificadas e que se caracterizam como de águas quentes – corrente do Brasil. Apesar da influência da corrente das Malvinas apenas 16% das espécies identificadas são de águas frias, dado semelhante – 15,3% – foi obtido por MIYAJI (1995) para a bacia de Campos.

O registro de 19 novas ocorrências para o Rio Grande do Sul [*Brookula conica* (Watson, 1886), *Calliostoma echinatum* Dall, 1881, *Solariela carvalhoi* Lopes & Cardoso, 1958, *Caecum massambabensis* Absalão, 1994, *Turritella hookeri* Reeve, 1849, *Natica pusilla* Say, 1822, *Polinices lacteus* (Guilding, 1833), *Eulima mulata* Rios & Absalão, 1990, *Melanella aff. hypsela* (Verrill & Bush, 1900), *Trachipollia turricula* (von Maltzan, 1884), *Anachis sparsa* Reeve, 1859, *Dentimago janeiroensis* (E. A. Smith, 1915), *Axelella brasiliensis* Verhecken, 1991, *Drilliola loprestiana* (Calcara, 1841), *Mitrolumna biplicata* (Dall, 1889), *Nannodiella vespucciana* (Orbigny, 1842), *Stenodrillia goundlachi* (Dall & Stimpson, 1901), *Terebra brasiliensis* E. A. Smith, 1873 e *Mathilda aff. scitula* Dall, 1889], todas caracterizadas como espécies de águas quentes, é um forte indicativo da influência da corrente do Brasil na região de estudo, o que torna difícil o enquadramento da fauna local na Província Patagônica ou na Província Caribenha, ficando claro que a área em estudo, se caracteriza como de transição.

O registro das 19 novas ocorrências, significando ampliação da área de distribuição geográfica para estas espécies, leva a ponderar sobre a “fragilidade” do conhecimento até agora disponível a cerca da distribuição de Gastropoda no Brasil e Atlântico Sul. SIMONE (1999)

considera que muitas das espécies de ampla distribuição, sob uma análise sistemática mais detalhada, podem se converter em duas ou mais espécies e, ainda, as regiões hoje denominadas Províncias podem, na verdade, conter um conjunto de Províncias. A falta de dados sobre a fauna desta zona naturalmente se torna um entrave aos estudos zoogeográficos.

Tanto a Província Caribenha quanto a Patagônica possuem malacofauna característica. A fauna da Província Caribenha sofre decréscimo de riqueza em altas latitudes (PALACIO 1982; FLOETER & SOARES-GOMES 1999) e, provavelmente, o mesmo ocorre em baixas latitudes com as espécies da Província Patagônica. Apesar disso, a zona de transição é extremamente rica em diversidade de espécies devido à sobreposição de fauna das duas províncias vizinhas. O encontro das correntes do Brasil e Malvinas torna a região uma importante área de criação e fonte de alimentação, assim como reprodução dos estoques pesqueiros, que utilizam essas correntes para o transporte a longas distâncias (SEELIGER & ODEBRECHT 1998). Apesar disso, os estudos zoogeográficos referenciados utilizam, principalmente, dados sobre a fauna da plataforma. Apenas recentemente tem se coletado e estudado dados de regiões mais profundas, o que dificulta a comparação dos resultados tanto pelos métodos empregados quanto pelo conhecimento histórico da área em estudo – que no talude é muito mais escasso.

A falta de padronização quanto à metodologia de coleta, utilização dos amostradores de fundo – dragas – nas diferentes estações de amostragem é causa de perda de informações e impedimento para se traçar comparações consistentes entre os resultados. A draga de arrasto obteve muito mais resultado do que a dragas dos tipo Van Veen ou Box Corer. Apesar de poder estabelecer-se uma comparação preliminar entre o uso da draga de arrasto e Van Veen na estação 6839, não é possível fazer esta comparação nas demais estações, uma vez que não se pode afirmar que a diferença na quantidade de material coletado seja fruto do amostrador utilizado – Box corer, Draga de arrasto ou Van veen – e não da profundidade ou do tipo de sedimento, por exemplo. ABSALÃO & CRUZ (1990) levantam esta problemática e sugerem a sistematização do uso dos diversos coletores para que seja possível a “utilização integral dos resultados”, tornando possível a comparação entre os diversos ambientes em estudo.

Distribuição Batimétrica

Cabe registrar que 24 espécies foram coletadas em profundidades superiores as citadas até o presente – *S.carvalhoi*, *Heleobia australis* (Orbigny, 1835), *Barleeia rubroperculata*

Castellanos, 1972 (na estação 6840) *C. massambabensis*, *T. hookeri* (na estação 6840), *Crepidula aculeata* (Gmelin, 1791), *Natica aff. isabelliana* (Orbigny, 1840), *Polinices lacteus* (Guilging, 1833), *Cymathium aff. parthenopeum* (von Salis, 1973), *Epitonium aff. unifasciatum* (Sowerby, 1844), *Epitonium aff. tenuistriatum* (Orbigny, 1939), *E. mulata*, *A. sparsa*, *Ancilla dimidiata* (Sowerby, 1850), *Olivella formicacorsii* Klappenbach, 1962, *D. janeiroensis*, *Granulina ovuliformis* (Orbigny, 1842) *Prunum martini* (Petit, 1853), *Fusiturricula lavinoides* (Olsson, 1922), *Kurziella serga* (Dall, 1881), *Pleurotomella aguayoi* (Carcelles, 1953), *T. brasiliensis*, *Acteon pelecais* Marcus & Marcus, 1971 e *Acteocina candei* (Orbigny, 1841).

Caso particular é representado por *Heleobia australis*. Esta espécie é considerada estuarina por SCARABINO *et al.* (1975), sendo registrada nestes ambientes nas lagunas costeiras do Rio Grande do Sul (CHOMENKO & SCHÄFER 1984; LANA 1986; CAPITOLI 1998a). RIOS (1994) e CAPITOLI (1998a) fazem referência a *H. australis* na região de Rio Grande (Saco da Mangueira) e Barra da laguna dos Patos, respectivamente. Apesar de sua larva provavelmente ser dispersa entre as lagunas através do mar (MARCUS & MARCUS 1963), sua presença não era esperada na região da plataforma externa e quebra do talude. No entanto, 600 conchas foram coletados a 100 m (estação 6839 – draga) e uma concha a 500 m (estação 6841 – box corer). Apesar desta espécie reconhecidamente suportar grandes variações salinas (MARCUS & MARCUS 1963; CHOMENKO & SCHÄFER 1984; LANA 1986) sua presença conduz a inferir que provavelmente este material tenha sido carreado a partir da laguna dos Patos.

A fisionomia do talude, nas estações hidrográficas, é ponto favorável à hipótese de carreamento. A região de coleta deste estudo encontra-se incluída no “cone de Rio Grande”, termo cunhado por MARTINS *et al.* (1972) para descrever uma cunha sedimentar de 350 a 400 km de largura, abrangendo o talude a até cerca de 4000 m de profundidade. Nesta região, localizada aproximadamente nas latitudes 31 a 34° S e 45 a 51° W, a declividade média é de um grau (MARTINS 1984).

Quatro pontos, por outro lado, nos conduzem a acreditar que os registros batimétricos encontrados seriam autóctones. Em primeiro lugar a qualidade do material é excelente, contendo conchas íntegras e algumas inclusive com brilho, o que indica a morte recente do animal. Em segundo lugar, a quantidade de sedimentos terrígenos é pequena (cerca de 10%) devido a largura e irregularidades (bancos e dunas arenosas principalmente) da plataforma continental (MARTINS 1984); são registradas cinco espécies para profundidades inferiores às conhecidas

até o presente – *Cylindriscala andrewsii* (A. E. Verril, 1882), *Axelella brasiliensis* Verhecken, 1991, *Pleurotomella cala* (Watson, 1886), *Pseudomalaxis nobilis* Verril, 1885 e *Cylichna crispula* Watson, 1883 – e, finalmente, espécies tidas como ecologicamente dominantes na região da plataforma média (25-50m) por ABSALÃO (1991), como por exemplo *Parvanachis isabellei*, não foram encontradas. Estes fatores nos levam a aceitar que, exceto *H. australis*, *C. aculeata*, *A. sparsa*, *Cerithiopsis sp.* e *Triphora sp.*, o material é autoctone.

CAPITOLI (1998b) comenta que em períodos de tormenta a fauna da plataforma ao norte da laguna dos Patos é grandemente influenciada pela descarga d'água e que a fauna deste local sofre grande impacto, porém é taxativo em afirmar que a plataforma interna ao sul da latitude 32° S não sofre influência da laguna dos Patos. ABSALÃO (1991) por sua vez comenta que em períodos de tormentas, sedimentos podem ser depositados em praias a até 3 km da barra da laguna. É provável que *H. australis* seja levada até a plataforma externa e talude durante estas tormentas. Neste caso a presença de *H. australis* seria indicativa de algum grau de influência da laguna dos Patos nesta região.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

(Conforme as normas da Revista Brasileira de Zoologia)

- ABBOTT, R.T. 1974. **American Seashells**. 2^a ed. New York, Van Nostrand Reinhold, 663 p.
- ABBOTT, R.T. 1993. **Kingdom of the seashell**. Melbourne, American Malacologist, 256 p.
- ABSALÃO, R. S. & CRUZ, R. L. S. 1990. Moluscos da plataforma continental Brasileira. Parte II: Comissão oceanográfica “Geomar X”. **Naturalia**, **15**:21-33.
- ABSALÃO, R. S. 1991. Environmental discrimination among soft-bottom mollusc associations off Lagoa dos Patos, South Brazil. **Estuarine, Coastal and Shelf Science** **32**:71-86.
- ABSALÃO, R.S. & CRUZ, P.L.S. 1990. Moluscos da plataforma continental brasileira. Parte II: comissão oceanográfica “Geomar X”. **Naturalia** **15**:21-33.
- ABSALÃO, R.S. & PIMENTA, A.D. 1999. *Turbonilla* (Gastropoda: Pyramidellidae) species described by Katharine Jeannette Bush: Scanning Electron Microscope Studies of the Type Material in the Academy of Natural Sciences of Philadelphia. **Proc. Acad. Nat. Sci. Phil.** **149**:77-91.
- ABSALÃO, R.S. 1987. Associações malacológicas ao largo do Rio Grande (RS), As comunidades paralelas de Thorson e Associações bênticas de Péres. In: **Anais do simpósio sobre ecossistemas da costa sul e sudeste brasileira**. vol. 2, ACIESP, São Paulo, pp. 401-414.
- ABSALÃO, R.S. 1994. A new species of the genus *Caecum* (Prosobranchia, Mesogastropoda) from southern Brazil. **J. Conch., Lond.** **35**:137-140.
- ABSALÃO, R.S; MIYAJI, C. & PIMENTA, A.D. 2001. The genus *Brookula* from Brazil. Description of a new species, with notes on other South American species. **Zoosystema** **23**(4):675-687.
- ALAGGIO, G.M.T.C; NUNES, S.M. & WIDLZER, R.M.B.F. 1980. Lista dos moluscos brasileiros da coleção do museu de ciência da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. **Com. Mus. PUC-RS** **22**:1-82.
- ANDREWS, J. 1977. **Shells and shores of Texas**. Austin, University of Texas Press, 365 p.
- BOLTOVSKOI, E. 1981. Masas de agua en el atlantico sudoccidental. p. 227-237. In: BOLTOVSKOI, E. (Ed.). **Atlas del zooplancton del Atlántico Sudoccidental y métodos de trabajo com el zooplancton marino**. INDEP, Argentina.
- BUICAN, D. 1995. **Historia de la Biología**. Madri, Acento, 93 p.

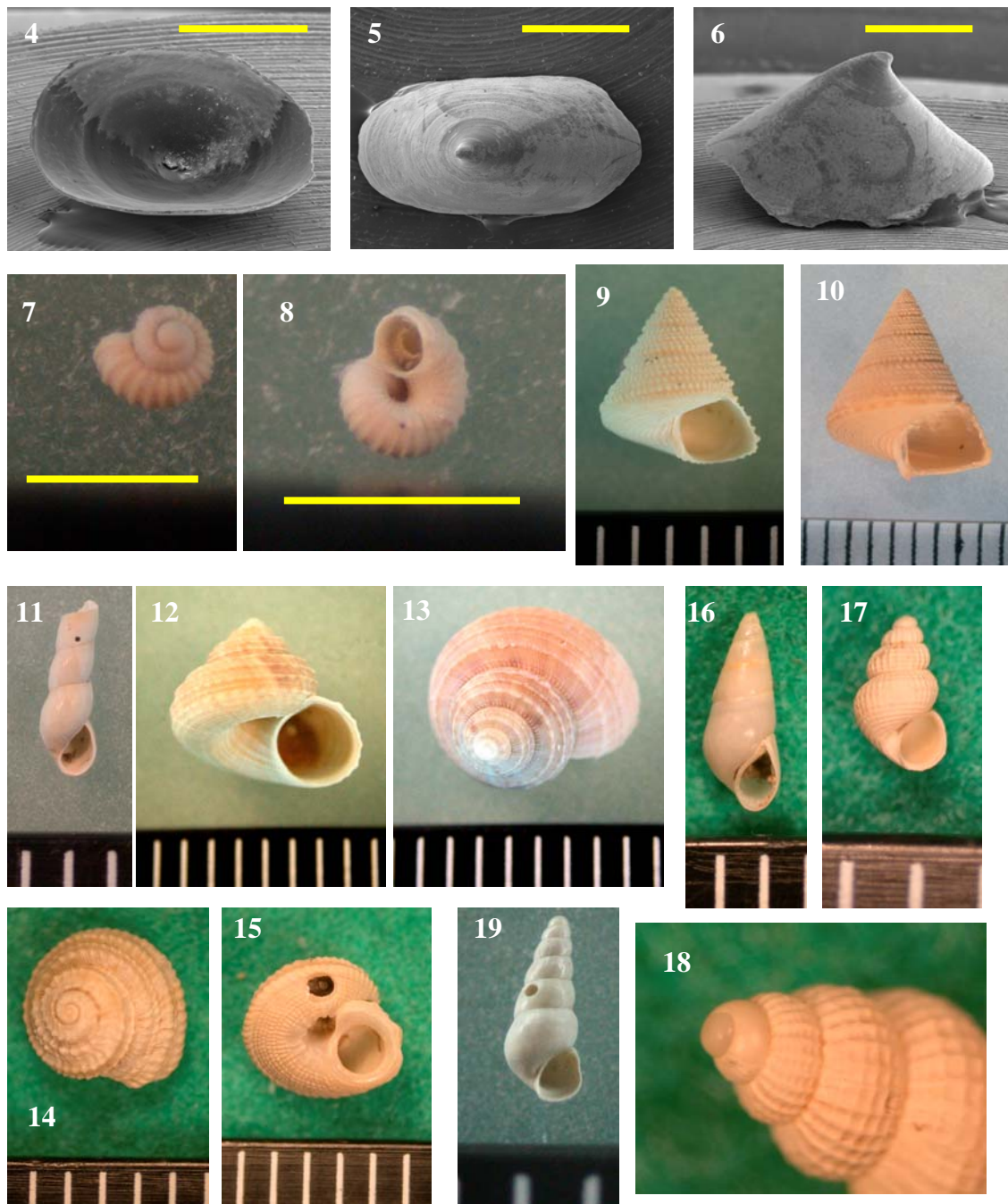
- CAPITOLI, R. R., 1998a. Substratos consolidados. p. 96-99. In: SEELIGER, U., ODEBRECHT, C. & CASTELLO, J. P. **Os ecossistemas costeiro e marinho do extremo sul do Brasil**. Ecoscientia, Rio Grande, 326 p.
- CAPITOLI, R. R., 1998b. Bentos da plataforma continental. p. 131-134. In: SEELIGER, U., ODEBRECHT, C. & CASTELLO, J. P. **Os ecossistemas costeiro e marinho do extremo sul do Brasil**. Rio Grande, Ecoscientia, 326 p.
- CASCON, H.M.; MATTHEWS H.R. & FREIRE G.S.S. 1992. Estudo da Malacofauna encontrada nas dragagens efetuadas pelo NOc. "Victor Hessen". **In: Resumos do XIX CONGRESSO BRASILEIRO DE ZOOLOGIA e XII CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE ZOOLOGIA**. Belém - PA. **Resumos**: Belém: Sociedade Brasileira de Zoologia, p.21.
- CASTELLANOS, Z.J.A. DE. 1979. Novedades sobre micromoluscos de la plataforma Argentina (Mollusca Gastropoda) **Neotropica** **25**(73):91-96.
- CHOMENKO, L. & SCHÄFER, A. 1984. Interpretação biogeográfica da distribuição do gênero Littoridina (Hydrobiidae) nas lagoas costeiras do Rio Grande do Sul, Brasil. **Amazoniana** **9**(1):127-146.
- CORRÊA, I.C.S; MARTINS, L.R.S; KETZER, J.M.M.; ELIAS, A.R.D. & MARTINS, R. 1996. Evolução sedimentológica e paleográfica da plataforma continental sul e sudeste do Brasil. **Notas técnicas** **9**:51-61.
- CORTÉS, C.N. & NAROSKY, T. 1997. **Cien caracoles argentinos**. Buenos Aires, Albatros, 158 p.
- COSTA, P. M. S.; RIOS, E. C. & CALVO, I. S. 1997. Moluscos encontrados no trato digestivo do Peixe-morcego, *Ogcocephalus vespertilio* (Linnaeus, 1758) coletados na Costa do Rio de Janeiro. **Siratus** **13**:16-19.
- DALL, W.H. 1889. Reports on the results of dredgings, under the supervision of Alexander Agassiz, in the Gulf of Mexico (1877-78) and in the Caribbean Sea (1879-80), by the U. S. Coast Survey Steamer 'Blake'. **Bull. Mus. Comp. Zool.**, **18**:1-492, pls. 10-40.
- FLOETER, S. R. & SOARES-GOMES, A. 1999. Biogeographic and species richness patterns of gastropoda on the southwestern Atlantic. **Rev. Brasil. Biol.**, **59**(4):567-575.
- FORCELLI, D. O., 2000. **Molluscos magallanicos, guia de moluscos de patagonia y sur de Chile**. Vasquez Mazzini Editores, Buenos Aires, 200 p.

- GOMES, M. M. A.; NOVELLI, R.; SOUZA, C. M. M.; FRANÇA, V; OVALLE, A. R. C. & REZENDE C. E., 1991. Caracterização granulométrica e da malacofauna em sedimentos da plataforma continental (JOPS II). **In:** Resumo do XXI Congresso Brasileiro de Zoologia, Porto Alegre - RS. **Resumos:** Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Zoologia, p.42.
- GOMES, R. S. & ABSALÃO, R. S., 1996. Os moluscos da comissão oceanográfica GEOMAR XII. **In:** Resumo do XXI Congresso Brasileiro de Zoologia. Porto Alegre - RS. . **Resumos:** Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Zoologia, p. 38.
- GONÇALVES, E.M. & LANA, P.C., 1991. Padrões de distribuição de Bivalvia e Gastropoda na plataforma continental da costa do Brasil (24°S-27°S). **Nerítica**, **6**(1-2):73-92.
- HOUART, R. 1991. The southeastern Brazilian muricidae collected by R.V. Marion-Dufresne in 1987, with description of three new species. **Nautilus**, **105**(1):26-37.
- IBAMA, [ca 1998]. **O Programa REVIZEE**. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente, da Amazônia Legal e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA.
- JONG, K.M. & COOMANS, H.E., 1988. **Marine Gastropods from Curaçao, Aruba and Bonaire**. Holanda, E. J. Brill. 261 p. 47 il.
- KLAPPENBACH, M. 1962. Nuevo subgénero y nueva especie de *Olivella* de la costa Atlántica del Uruguay. **Arch. Moll.**, **91**(1-3): 95:98. 6 fig.
- KLAPPENBACH, M. 1986 Nueva especie de *Olivella* de aguas atlánticas del dus de Brasil, Uruguay y Argentina. **Com. Zool. Mus. Montevideo**, **11**(160):1-6, 1 pl.
- LANA, P. C. 1986. Macrofauna bêntica de fundos sublitorais não consolidados da baía de Paranaguá (Paraná). **Nerítica**, **1**(3):79-89.
- LEAL, J. H. & HARASEWICH, 1995. Rewiew of Western Atlantic species of Cocculinid and Pseudococculinid limpets, with descriptions of new species (Gastropoda: Cocculiniformia). **Contributions in Science**, **453**:1-33.
- LEAL, J. H. & SIMONE, L. R., 1998. *Propilidium curumim*, a new species of Lepetidae (Gastropoda, Patellogastropoda) from off southern and southeastern Brazil. **Bull. Mar. Sci.**, **63**(1):157-165.
- LOPES, H.S. & CARDOSO, P.S. 1958. Sobre um novo gastrópodo Brasileiro do gênero *Solariella* Wood, 1842 (Trochidae) **Rev. Brasil. Biol**, **18**:59-64.
- MAGALHÃES, A.R.M. 1998. Efeito da parasitose por Trematoda Bucephalidae na reprodução, composição bioquímica e índice de condição de mexilhões *Perna perna* (L.). São Paulo, 1998. Tese de doutorado, Instituto de biociências, Universidade de São Paulo, 185 p.

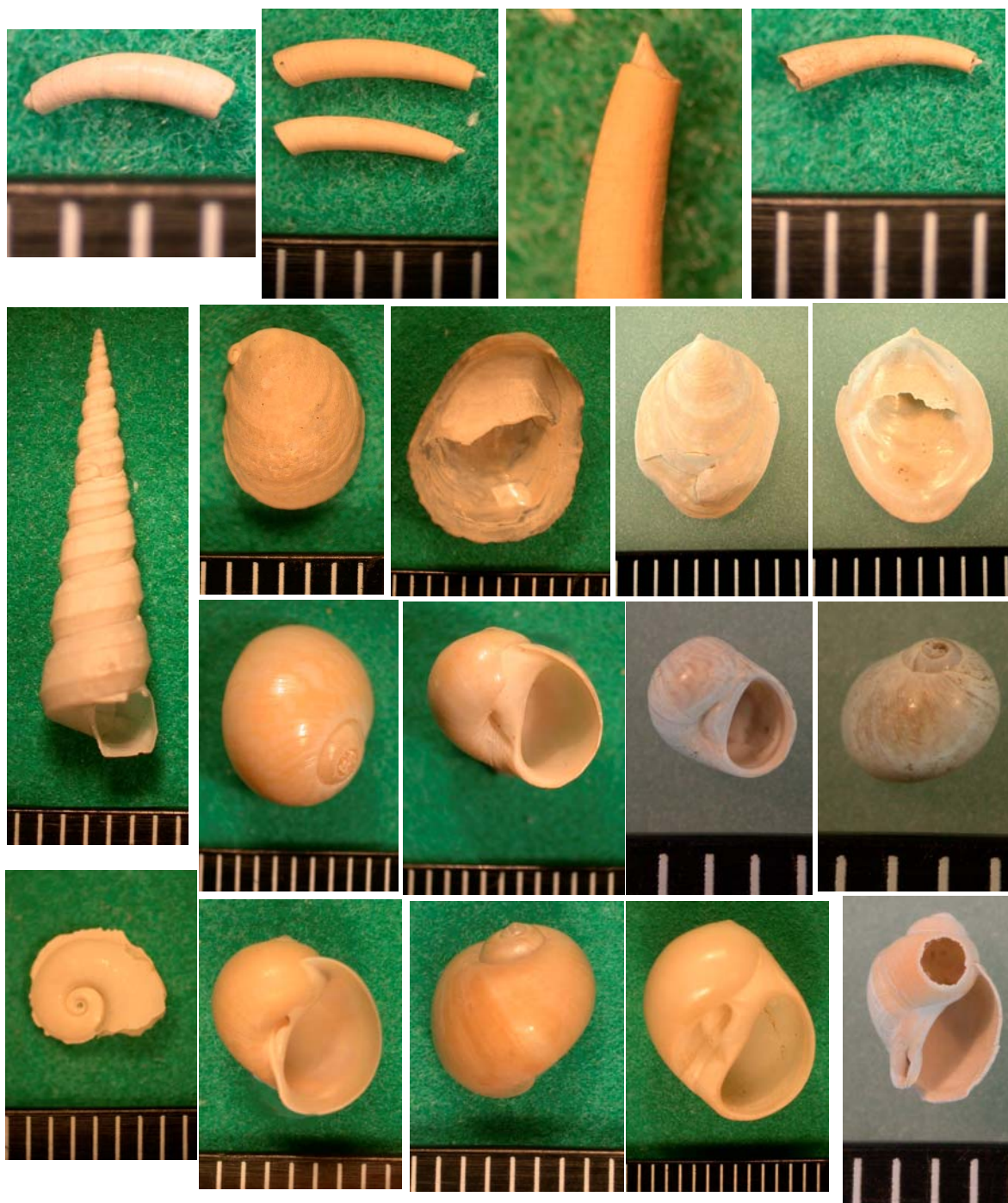
- MALACOLOG 3.1.2: **Banco de dados**. Disponível em <<http://erato.acnatsci.org/wasp/search.php>> Acesso em: 21 Jan. 2003.
- MARCUS, E. & MARCUS, EV. 1963. Mesogastropoden von der Küste São Paulos. **Abhandlungen der Mathematisch-naturwissenschaftlichen Klasse, Akademie der Wissenschaften und der Literatur, Mainz**, 1:1-105.
- MARIANI, A.C. A ocorrência de *Pseudomalaxis (Pseudomalaxis) nobilis* (Verrill, 18885) (Gastropoda, Architectonicidae) na costa Brasileira. **Pap. Av. Zool. S. Paulo** 29(4):27-30.
- MARTINS, I. R. 1984. Modelo sedimentar do Cone de Rio Grande. **Pesquisas** 16:91-189, 42 il.
- MARTINS, I. R.; URIEN, C. M. & BUTLER, L. W. 1972. Províncias fisiográficas e sedimentos da margem continental atlântica. **In: Congresso Brasileiro de Geologia. Anais**. Curitiba, p. 29-43.
- MELLO R.L.S. & MAESTRATI, P. 1986. A família *Caecidae* Gray, 1850 no nordeste do Brasil. **Caderno Ômega da Universidade Federal Rural de Pernambuco**, série Ciências aquáticas, 2:145-166.
- MIYAJI, C. 1995. **Composição e Distribuição da fauna de Moluscos gastrópodes e Bivalves da plataforma continental na região da bacia de campos (Rio de Janeiro, Brasil)**. Tese de mestrado, Instituto Oceanográfico, Universidade de São Paulo, 134 p.
- ORBIGNY, A. 1835. Synopsis terrestrium et fluviatilium molluscorum, in suo per American meridionalem itinere, ab A. D'Orbingy, collectorum. **Magasin de Zoologie**, 5(61/2):1-44
- PALACIO, F. J. 1982. Revisión Zoogeográfica marina del sur del Brasil. **Bol. Inst. Ocean.**, 31(1):69-92.
- PARODIZ, JJ. 1951. Métodos de conchiliometria. **Physis** 20(58):241-248, il.
- PFEIFER, N.T.S., 1996. Novos registros de prosobranchia (Mollusca; Gastropoda) para a costa do Brasil. **Biociências**, 4(2):89-99.
- PIMENTA, A.D. & ABASALÃO, R.S. 2002. On the taxonomy of *Turbonilla puncta* (C. B. Adams, 1850) (Gastropoda, Pyramidellidae), with the description of a new species from Brazil and remarks on other western atlantic species. **Zootaxa** 78:1-16.
- PIMENTA, A.D. & ABSALÃO, R.S. 2001. Taxonomic revision of the species of *Turbonilla* Risso, 1826 (Gastropoda, Heterobranchia, Pyramidellidae) with type localities in Brazil, and description of a new species. **Basteria** 65:69-88.
- RADWING, G.E. 1978. The family Columbellidae in the Western Atlantic part IIb. – Pyreninae (Continued). **Veliger** 20(4):328-344.

- RIOS, E.C. & ABSALÃO R.S. 1986. Contribuição ao estudo da família Epitoniidae, S.S. Berry, 1910, no Brasil. **Comm. Soc. Malac. Uruguay** 6(50):367-370.
- RIOS, E.C. & ABSALÃO R.S. 1990. *Eulima mulata* a new species from northeast/southeast Brazil (Gastropoda: Eulimidae) **Rev. Brasil. Biol.** 50:61-63
- RIOS, E.C. 1970. **Coastal Brazilian Seashells**. Rio Grande, Museu Oceanográfico da FURG, 255 p. 4 pl.
- RIOS, E.C. 1975. **Brazilian Marine Mollusks Iconography**. Rio Grande, Museu Oceanográfico da FURG, 331 p. 91 pl.
- RIOS, E.C. 1985. **Seashells of Brazil**. 1^a Ed., Rio Grande, Ed. da FURG, 328 p. 102 pl.
- RIOS, E.C. 1994. **Seashells of Brazil**. 2^a Ed. Rio Grande, Ed. da FURG, 368 p. 113 pl.
- RUPPERT, E.E. & BARNES, R.D. 1998. **Zoologia de invertebrados**. 6^a ed., São Paulo, Rocca, 1029 p.
- SCARABINO, V.; MAYTÍA, S. & CACHÉS, M. 1975. Carta Bionomica litoral del departamento de Montevideo I. Niveles superiores del sistema litoral. **Comm. Soc. Malac. Uruguay**, 29(4):117-129, 3 il.
- SEELIGER, U. & ODEBRECHT, C. 1998. Introdução e aspectos gerais. In: SEELIGER, U.; ODEBRECHT, C. & CASTELLO J. P. (ed.). **Os ecossistemas costeiro e marinho do extremo sul do Brasil**. Rio Grande, Ecoscientia, p. 1-3.
- SIMONE, L.R.L. 2001. Phylogenetic analyses of Cerithioidea (Mollusca, Caenogastropoda) based on comparative morphology. **Arq. Zool.**, 36(2): 147-263
- SIMONE, R. S. 1999. Mollusca. p. 129-137. In: JOLY, C. A. & BICUDO, C. E. M. (Org.). **Biodiversidade do Estado de São Paulo, Brasil: síntese do conhecimento ao final do século XX**, vol. 3 – Invertebrados Marinhos. São Paulo, FAPESP.
- STIX, H ; STIX, M. & ABBOTT, R.T. 1984. **The shell: gift of the sea**. New York, Abrams, 163 p.
- SUGUIO, K. 1992. **Dicionário de geologia marinha: com termos correspondentes em inglês, francês e espanhol**. São Paulo, T.A. Queiroz, 171 p.
- WOODWARD, S.P. 1851-56. **A manual of the Mollusca**. London, John Weale, 486p.
- WOODWARD, S.P. 1866. **Manual of the Mollusca**. London, Virtue Brothers, 542p.

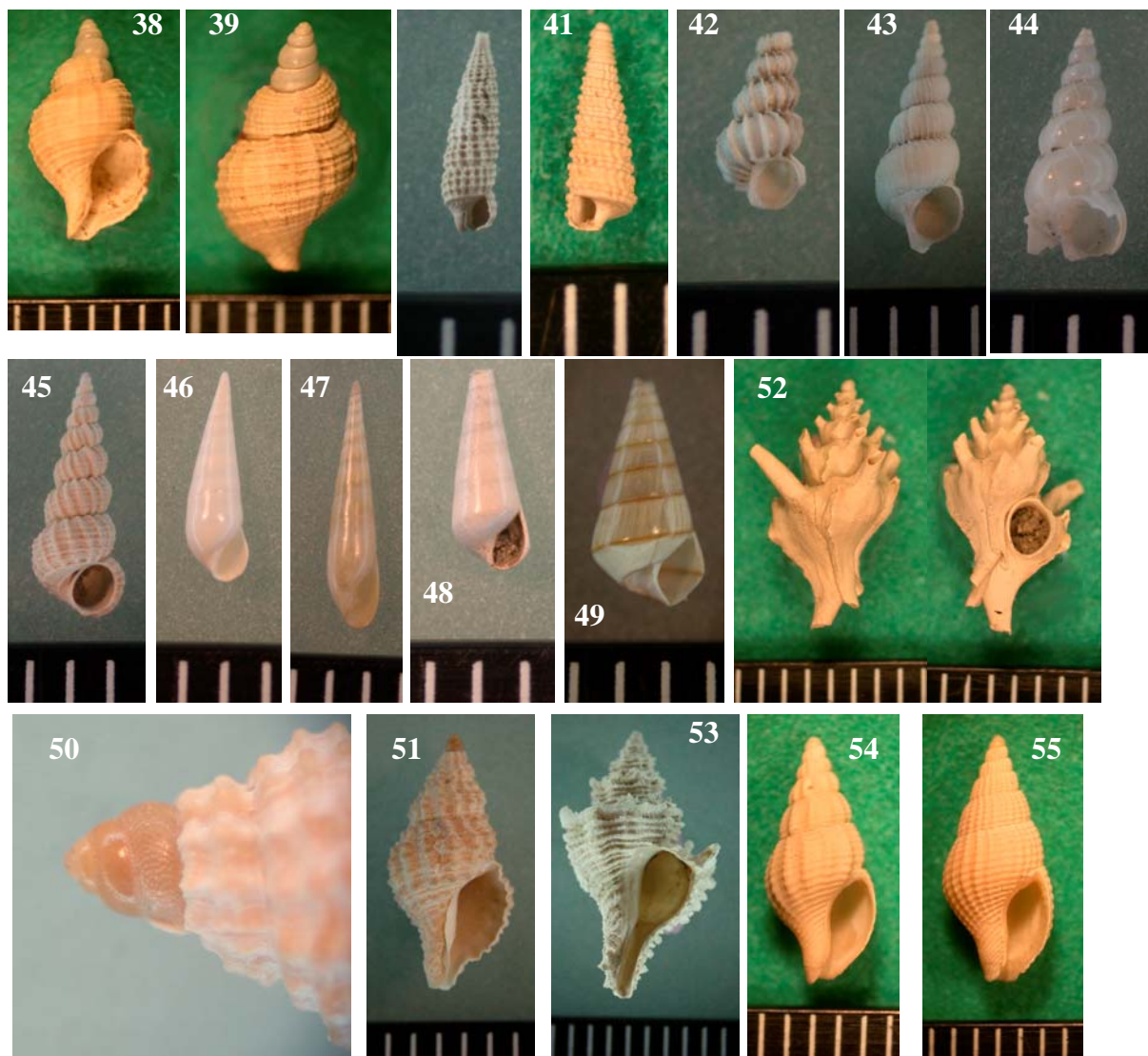
Anexo 1 – Ilustrações



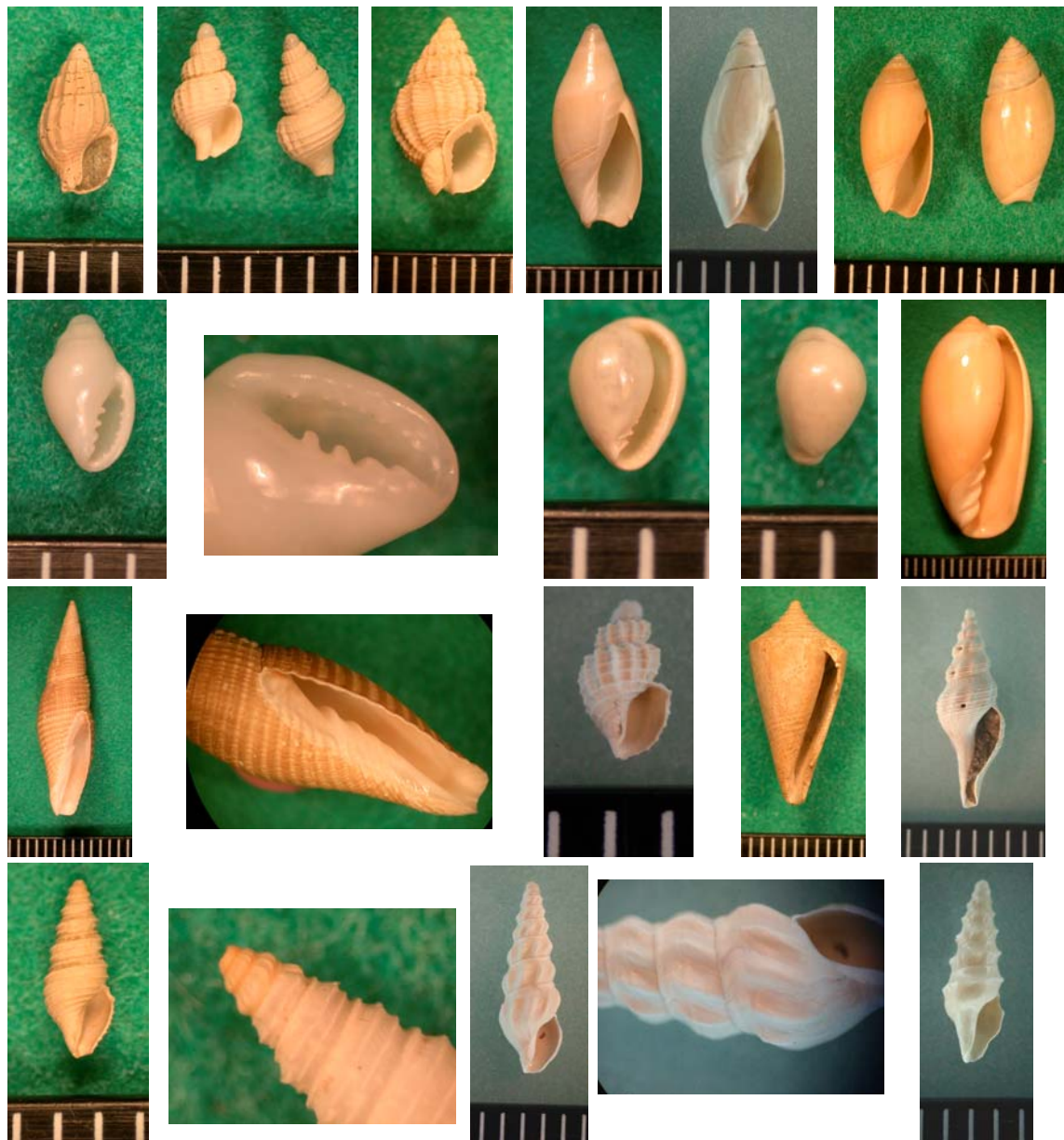
Figuras 4 – 19. 4 - 6) Pseudococculinideo. 4) Vista ventral. 5) Vista Dorsal. 6) Vista lateral. 7 - 8) *Brookula conica* (Watson, 1886). 7) Vista dorsal. 8) Vista da base. 9) *Calliostoma echinatum* Dall, 1881 em vista ventral. 10) *Calliostoma jucundum* (Gould, 1849) em vista ventral. 11) *Halistylus columna* (Dall, 1890) em vista ventral. 12-13) *Solariella carvalhoi* Lopes & Cardoso, 1958. 12) vista ventral. 13) vista dorsal. 14-15) *Arene microforis* (Dall, 1889). 14) Vista dorsal. 15) Vista ventral. 16) *Heleobia australis* (Orbigny, 1835). 17-18) *Alvania* sp. 17) Vista ventral. 18) Detalhe da protoconcha. 19) *Barleeia rubrooperculata* (Castellanos, 1972) em vista ventral; escalas correspondem a 1 mm.



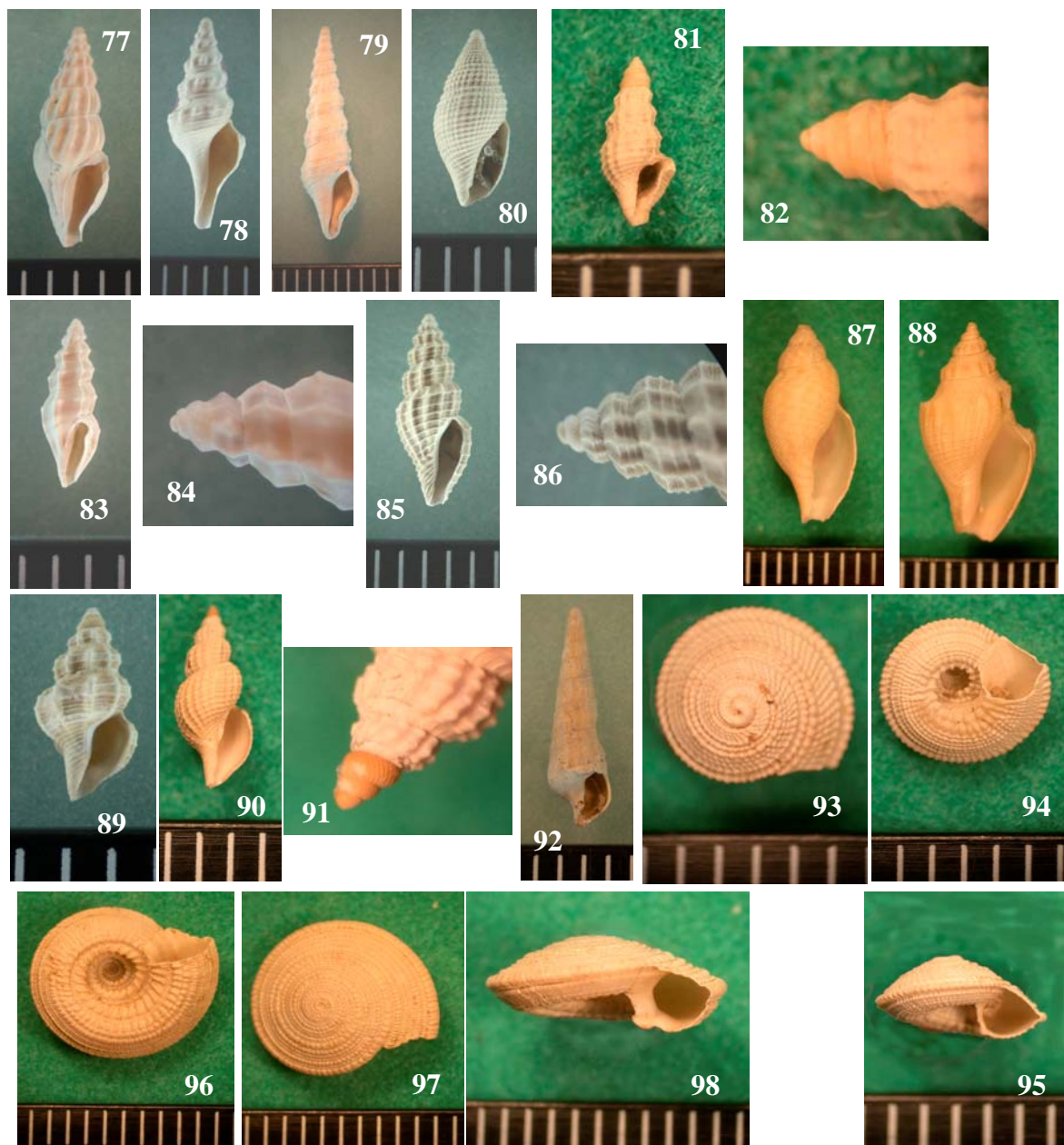
Figuras 20-37. 20) *Caecum achironum* (Folin, 1867) em vista lateral. 21-22) *Caecum massambabensis* Absalão 1994, 21) Vista lateral. 22) Detalhe do mucro. 23) *Caecum* sp. em vista lateral. 24) *Turritella hookeri* Reeve, 1849 em vista ventral. 25-26) *Crepidula aculeata* (Gmelin, 1791) 25) Vista dorsal. 26) Vista ventral. 27-28) *Crepidula plana* Say, 1822. 27) Vista dorsal. 28) Vista ventral. 29) *Atlanta peroni* Lesueur, 1817 em vista lateral. 30-31) *Natica* aff. *isabelleana* Orbigny, 1840. 30) Vista dorsal. 31) Vista ventral. 32-33) *Natica pusilla* Say, 1822. 32) Vista ventral 33) Vista dorsal. 34-35) *Natica* sp. 34) Vista ventral. 35) Vista dorsal. 36) *Polinices lacteus* (Guilding, 1833-4) em vista ventral. 37) juvenil de *Tonna* sp. em vista ventral; escalas correspondem a 1 mm.



Figuras 38-55. 38-39) *Cymathium aff. parthenopeum* (Von Salis, 1973). 38) Vista ventral 39) Vista dorsal. 40) *Cerithiopsis* sp. em vista ventral. 41) *Triphora* sp. em vista ventral. 42) *Epitonium aff. albidum* (Orbigny, 1842) em vista ventral. 43) *Epitonium aff. tenuistriatum* (Orbigny, 1840) em vista ventral. 44) *Epitonium aff. unifasciatum* (Sowerby, 1844) em vista ventral. 45) *Cylindriscala andrewsii* (Verrill, 1882) em vista ventral. 46) *Eulima aff. hypsela* Verrill & Bush, 1900 em vista ventral. 47) *Eulima mulata* Rios & Absalão 1990 em vista ventral. 48) *Melanella conoidea* (Kurtz & Stimpson, 1851) em vista ventral. 49) *Niso aeglees* Bush, 1885 em vista ventral. 50-51) *Trachipollia turricula* (von Maltzan, 1884) 50) Detalhe da protoconcha 51) Vista ventral. 52) *Siphonochelus riosi* (Bertsch & D'Attilio, 1980) em vista ventral e dorsal. 53) *Latiaxis dalli* Emerson & D'Attilio, 1965 em vista ventral. 54) *Amphissa acuminata* (E.A. Smith, 1915) em vista ventral. 55) *Amphissa cancellata* (Castellanos, 1979) em vista ventral; escalas correspondem a 1 mm.



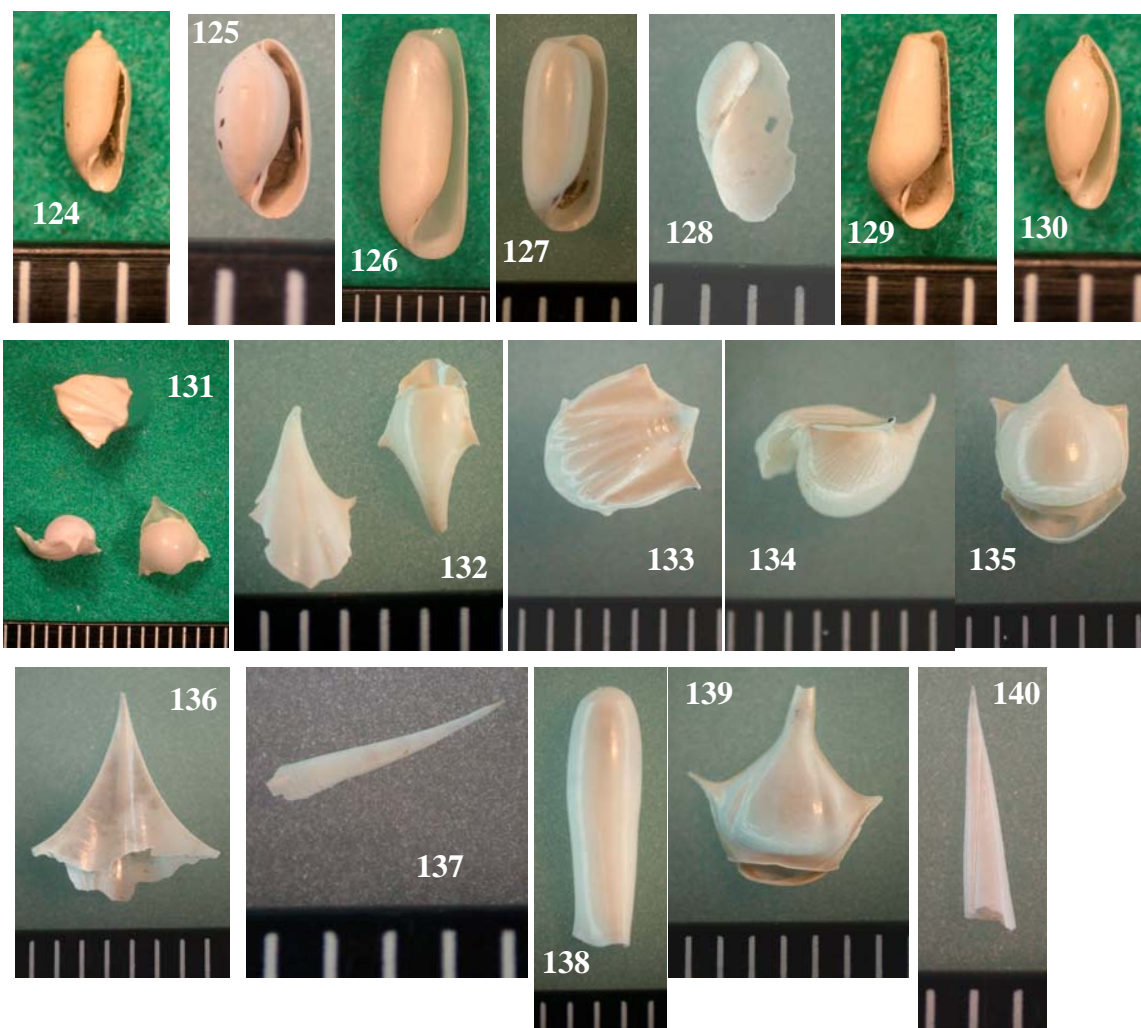
Figuras 56-76. 56) *Anachis aff. sparsa* (Reeve, 1859) em vista ventral. 57) *Buccinulum agnesia* (Strebel, 1905) (?) em vistas ventral e dorsal. 58) *Nassarius scissuratus* (Dall, 1889) em vista ventral. 59) *Ancilla dimidiata* (Sowerby, 1850) em vista ventral. 60) *Olivella formicacorsii* Klappenbach, 1962 em vista ventral. 61) *Olivella orejasmirandai* Klappenbach, 1986 em vista ventral e dorsal 62-63) *Dentimargo janeiroensis* (E.A. Smith, 1915) 62) Vista ventral. 63) Detalhe da abertura. 64-65) *Granulina ovuliformis* (Orbigny, 1841). 64) Vista ventral. 65) Vista dorsal. 66) *Prunum martini* (Petit, 1853) em vista ventral. 67-68) *Mitra larranagai* (Carcelles, 1947) 67) Vista ventral. 68) Detalhe da abertura. 69) *Axelella aff. brasiliensis* Verhecken, 1991 em vista ventral. 70) *Conus clerii* Reeve, 1844 em vista ventral. 71) *Brachytoma rioensis* (E.A. Smith, 1915) em vista ventral 72-73) *Drilliola loprestiana* (Calcara, 1841) 72) Vista ventral. 73) Detalhe da protoconcha. 74-75) *Spirotropis aff. lithocolleta* (Watson, 1881). 74) Vista ventral 75) Detalhe da sutura. 76) *Spirotropis stirophora* (Watson, 1881) em vista ventral; escalas correspondem a 1 mm.



Figuras 77-98. 77) *Splendrillia carolinae* (Bartsch, 1934) em vista ventral. 78) *Fusiturricula lavinoides limoensis* (Olsson, 1922) em vista ventral. 79) *Compsodrillia gundlachi* (Dall & Simpson, 1901) em vista ventral. 80) *Mitrolumna biplicata* (Dall, 1889) em vista ventral. 81-82) *Nannodiella vespuciana* (Orbigny, 1842) 1) Vista ventral 82) Detalhe da protoconcha. 83-84) *Ithycythara lanceolata* (C.B. Adams, 1850) 83) Vista ventral 84) Detalhe da protoconcha. 85-86) *Kurtziella serga* (Dall, 1881) 85) Vista ventral. 86) Detalhe da protoconcha. 87) *Daphnella retifera* Dall, 1889 em vista ventral. 88) *Pleurotomella aguayoi* (Carcelles, 1953) em vista ventral. 89) *Pleurotomella cala* (Watson, 1886) em vista ventral. 90-91) *Vepracula morra* (Dall, 1881) 90) vista ventral 91) Detalhe da protoconcha. 92) *Terebra aff. brasiliensis* E.A. Smith, 1873 em vista ventral. 93-95) *Acutitectonia* sp. (?) 93) Vista do ápice. 94) Vista da base. 95) vista ventral. 96-98) *Heliacus bissulcatus* Orbigny, 1842. 96) Vista da base 97) Vista do ápice 98) Vista ventral; escalas correspondem a 1mm.



Figuras 99-123. 99-100) *Pseudomalaxis nobilis* (Verril, 1885). 99) Vista do ápice. 100) Vista ventral. 101-102) *Mathilda aff. scitula* Dall, 1889. 101) Vista ventral 102) Detalhe da protoconcha 103) *Chrysallida* sp. em vista ventral. 104) *Odostomia* sp. em vista ventral. 105-106) *Pyramidella aff. crenulata* (Holmes, 1859) 105) Vista ventral. 106) Detalhe da abertura. 107-108) *Pyramidella* sp. 107) Vista ventral 108) Detalhe da abertura 109) *Turbonilla aff. abrupta* Bush, 1899 em vista ventral. 110-111) *Turbonilla aff. pusilla* (C.B. Adams, 1850) 110) Vista ventral 111) Detalhe da abertura. 112) *Turbonilla* sp1. em vista ventral 113-114) *Turbonilla* sp2. 113) Vista ventral 114) Detalhe da abertura 115-116) *Turbonilla* sp3. 115) Vista ventral 116) Detalhe da abertura 117-118) *Turbonilla* sp4 117) Vista ventral 118) Detalhe da abertura 119-120) *Turbonilla* sp5 119) Detalhe da abertura 120) Vista ventral 121) *Acteon pelecais* Marcus, 1981 122) *Acteon* sp. em vista ventral 123) *Mysouffa cumingii* (A. Adams, 1854) em vista ventral; escalas correspondem a 1 mm.



Figuras 124-140. 124) *Acteocina candei* (Orbigny, 1841) em vista ventral. 125) *Cylichna aff. crispula* Watson, 1883 em vista ventral. 126) *Cylichna discus* Watson, 1883 em vista ventral. 127) *Cylichna verrillii* Dall, 1889 em vista ventral. 128) *Scaphander* sp. em vista ventral. 129) *Pyrunculus caelatus* (Bush, 1885) em vista ventral. 130) *Volvulella persimilis* (Morch, 1875) em vista ventral. 131) *Cavolinia longirostris* (Blainville, 1821) em vista dorsal (superior), lateral (esquerda) e ventral (direita). 132) *Cavolinia inflexa* (Lesuer, 1813) em vista ventral e dorsal. 133-135) *Cavolinia uncinata* (Rang, 1829). 133) Vista dorsal. 134) Vista lateral. 135) Vista ventral. 136) *Clio pyramidata* Linné, 1767 em vista lateral. 137) *Creseis virgula* Rang, 1828 em vista lateral. 138) *Cuverina columnella* (Rang, 1827) 139) *Diacria trispinosa* (Blainville, 1821) em vista ventral. 140) *Styliola subula* (Quoy & Gaimard, 1827) em vista lateral. Escalas correspondem a 1 mm.